

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E ENSINO DE
PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA –
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DO CORPO
HUMANO**

CRISTIANA SANTOS

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Guilhermina Jorge e
coorientada pela Prof.^a Doutora Catarina Gaspar, especialmente
elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Português como
Língua Estrangeira/Língua Segunda

2021

Agradecimentos

À minha mãe, por ter sido sempre o meu maior exemplo a seguir, a minha melhor amiga e o meu pilar para tudo na vida. Por me ter transmitido os valores que fizeram de mim o que sou hoje, por me ter feito lutar pelo meu futuro e por ter sempre mostrado tanto orgulho em mim. Não tenho palavras suficientes para te explicar o quanto te amo e admiro. Sem ti não seria possível e agradeço todos os dias a sorte que tenho em te ter como mãe.

Ao meu melhor amigo, companheiro de aventuras e braço direito em tudo o que faço na vida. Por todas as vezes que fui injusta sem razão e por todos os obrigada que ficaram por dizer ao longo da elaboração deste projeto. Obrigada por teres estado presente em mais uma fase da minha vida e por todo o apoio que me deste, dás e sei que darás. Sou muito grata por te ter na minha vida. Juntos fazemos uma boa equipa, espero que seja assim para sempre.

Aos meus sobrinhos, Tomás e Dinis, por darem mais sentido à minha vida e, sem se aperceberem, me darem tanta força e me motivarem a ser uma pessoa melhor desde que eles apareceram na minha vida. Espero que um dia tenham orgulho em mim, eu sei que terei em vocês.

Aos meus queridos alunos, por me terem feito perceber como é bonito e gratificante ensinar uma língua. Por todo o carinho que têm pela língua portuguesa e por me escolherem diariamente para ser eu a ensinar esta língua tão maravilhosa. É um privilégio para mim ser vossa professora. Um agradecimento especial àqueles que adoraram o tema e me incentivaram a escrever esta dissertação, acompanhando todo o meu percurso.

À pessoa sem a qual nada disto seria possível, à minha querida orientadora, a Professora Doutora Guilhermina Jorge. Quero agradecer toda a paciência e carinho que teve comigo ao longo deste período tão importante da minha vida. Desde que tivemos o primeiro contacto a vida deu muitas voltas, mas estive sempre lá para mim. Agradeço também por me motivar e inspirar a estudar mais sobre este mundo idiomático tão enriquecedor para as línguas. Irei guardá-la no meu coração para sempre.

Por último, mas não menos importante, à minha coorientadora, a Professora Doutora Catarina Gaspar, por todos os conselhos e ajuda que me deu desde o início deste mestrado.

O mais sincero agradecimento a todos vocês por terem contribuído para a realização deste projeto.

Para a minha querida avó Julieta.

Sei que esteja onde estiver vai ficar orgulhosa de mim.

Resumo

O presente estudo incide sobre a importância das expressões idiomáticas (EIs), mais especificamente as EIs do corpo humano, no ensino de Português Língua Estrangeira (PLE). O objetivo é responder às perguntas de pesquisa a que nos propusemos responder: Que lugar ocupam as expressões idiomáticas na aprendizagem de uma língua estrangeira? Os programas de PLE destacam a importância desse tipo de estruturas? Qual o nível mais adequado para a inserção deste objeto de estudo? Que tipo de abordagem têm as expressões idiomáticas nos manuais de PLE?

Sendo este um trabalho sobre o ensino de PLE decidimos começar pela referência a algumas componentes fundamentais quando se trata do ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Para responder às perguntas acima mencionadas começaremos com a análise de alguns estudos realizados sobre este tema e de documentos importantes para a área como o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEQR). Pretendemos mostrar a importância do ensino e aprendizagem das EIs em PLE e provar que estas estão presentes no quotidiano dos falantes de português, fazendo assim parte da cultura da língua, do país e do povo.

Apresentaremos as respostas dos inquéritos realizados aos aprendentes de PLE e os resultados dos mesmos. Para compreender os resultados, analisaremos a presença das EIs nos materiais de ensino de PLE para tentar perceber se as EIs estão realmente presentes. Se a resposta for negativa, interrogar-nos-emos sobre os motivos que interferem com os resultados dos inquéritos realizados.

Pretendemos mostrar que as EIs estão presentes na vida dos falantes e refletiremos sobre qual a melhor forma para ensinar estas estruturas da língua.

A última parte do trabalho constitui uma proposta de abordagem didático-pedagógica das EIs do corpo humano.

Palavras-chave: Português Língua Estrangeira; Expressão Idiomática; Cultura; Ensino.

Abstract

This study focuses on the importance of idioms, more specifically the idioms of the human body, in the Teaching of Portuguese as a Foreign Language. The aim is to answer the research questions that we have proposed to answer: What place do idioms play in the learning of a foreign language? Do Portuguese as a Foreign Language programmes highlight the importance of such structures? What is the most appropriate level for the insertion of this object of study? What kind of approach do idioms have in the Portuguese as a Foreign Language textbooks?

Since this is a work about the teaching of Portuguese as a Foreign Language we decided to start by referring to some fundamental components when it comes to the teaching and learning of a foreign language. To answer the above mentioned questions we will start with the analysis of some studies carried out on this subject and important documents in the area such as the Common European Framework of Reference for Languages. We want to show the importance of teaching and learning idioms in Portuguese as a Foreign Language and prove that they are present in the daily life of Portuguese speakers, thus being part of the culture of the language, the country and the people.

We will present the answers to the surveys of Portuguese as a Foreign Language learners and their results. To understand the results, we will analyse the presence of idioms in Portuguese as a Foreign Language teaching materials to try to understand whether they are really present. If the answer is negative, we will ask ourselves about the reasons that interfere with the survey results.

We want to show that idioms are present in the lives of speakers and we will reflect on the best way to teach these language structures.

The last part of the work is a proposal for a didactic-pedagogical approach to idioms of the human body.

Key-words: Portuguese as a Foreign Language; Idiom; Culture; Teaching.

Índice

Agradecimentos	3
Dedicatória	4
Resumo	5
Abstract	6
Índice	7
Lista de Abreviaturas	9
Introdução	10
Capítulo 1 - A competência comunicativa: competência lexical, competência sociolinguística e competência sociocultural numa LE	23
1.1. Língua estrangeira, língua segunda, língua de herança e língua não materna	23
1.2. A competência comunicativa	26
1.3. A competência lexical: o ensino do léxico	28
1.4. Análise dos descritores do QEER: as competências relacionadas com as EIs.	30
1.4.1. O nível mais apropriado para o ensino das EIs – analisando o QEER.	33
Capítulo 2 - Fraseologia: tipos fraseológicos	37
2.1. Análise de alguns estudos sobre fraseologia	37
2.2. O Provérbio e a Expressão Idiomática	43
2.3. EIs como um recurso da língua - a importância de aprender EIs.	45
2.3.1. Aprender e ensinar EIs? Porquê?	48
2.4. EIs como herança cultural e meio para expressar valores humanos (culturais). ..	49
Capítulo 3 - Presença das EIs no ensino de PLE	52
3.1. Análise dos inquéritos a alunos de PLE, nível B	52
3.2. Análise de quatro propostas de manuais de PLE, nível B.	57
3.3. A importância do contexto.	62
3.4. O papel do professor no êxito do ensino de EIs.	67
3.5. Os portugueses utilizam EIs no seu dia a dia?	68
3.5.1. Análise dos resultados dos inquéritos a nativos	70
3.6. As EIs estão presentes no quotidiano dos falantes? Onde? Como?	71
3.6.1. Como utilizar EIs em textos escritos – breve análise.	76
3.7. Análise dos materiais de EIs e provérbios.	77
3.7.1. Análise de materiais que fazem referência a EIs do corpo humano.	87
Capítulo 4 - Proposta de abordagem didática das EIs do corpo humano	91
4.1. Como ensinar EIs numa Língua Estrangeira	91

4.1.1. Divisões possíveis no ensino de EIs.	94
4.1.2. Proposta de abordagem didática das EIs do corpo humano - comentários	96
Proposta de abordagem didática - caderno de exercícios.....	99
Conclusão - considerações finais	110
Bibliografia	113
Anexos	120

Lista de abreviaturas

EI – Expressão Idiomática

LE – Língua Estrangeira

LH – Língua de Herança

LM – Língua Materna

LNМ – Língua não Materna

LP – Língua Portuguesa

L2 – Língua Segunda

PB – Português do Brasil

PE – Português Europeu

PLE – Português Língua Estrangeira

PT – Português de Portugal

QECR – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

UF – Unidade Fraseológica

Introdução

Motivação e objeto de estudo

“Os fraseologismos, como fórmulas coletivas e tradicionais, refletem a mentalidade de um povo, sua história, seus costumes, crenças e estados afetivos” (Alvarez, 2012: 374). Fraseologismos, unidades fraseológicas, expressões idiomáticas, entre outros termos possíveis para a sua nomenclatura, são um objeto de estudo que causa várias controvérsias. Há alguns anos que estudiosos da área, originários dos vários pontos do globo, tentam mostrar e provar a sua importância e valor no mundo das línguas e, conseqüentemente, no seu ensino e aprendizagem, tanto da língua materna como das línguas estrangeiras. No entanto, a investigação em torno das estruturas em análise nem sempre parte de unidades claramente definidas e encontram-se algumas divergências, a começar pela própria definição e denominação de expressão idiomática. Como encontramos em *Idioms: Structural and Psychological Perspectives* (1995: 3), os autores afirmam que “different researchers assign different terms to subclasses of the broader class” e, mais à frente, apresentam-nos alguns dos termos utilizados “complex unit, fixed expression, fixed phrase, phraseme, phraseolexeme, phraseologism, polylexical expression, and conventional expression.” (1995: 3). Ao longo desta dissertação serão apresentados alguns dos possíveis termos que podem ser considerados sinónimos de expressão idiomática, futuramente designada de EI, e tentaremos definir o que é uma expressão idiomática, o que a distingue de um provérbio e o seu lugar dentro da complexa e desafiante disciplina da fraseologia.

A verdade é que, apesar dos estudos sobre este objeto começarem a ser mais frequentes, ainda existe alguma resistência à integração destas unidades nos manuais escolares e, conseqüentemente, no ensino da língua materna e das línguas estrangeiras e segundas. Um dos fatores que pode contribuir para que isso aconteça é o carácter popular e o registo familiar que estas expressões possuem. No entanto, estas unidades são uma herança cultural e linguística, um recurso muito utilizado nos mais variados tipos de textos e formas de comunicação e, por isso, não se podem resumir a um recurso da oralidade informal porque é fácil comprovar a sua intensa presença com alguma pesquisa. Como afirma Xatara (1995: 207) “As EI estão na tradição textual da Antiguidade greco-latina, na Bíblia, nas fábulas, nos romances e peças teatrais cômicas, na narrativa satírica e na

poesia”. Poderíamos referir vários autores portugueses, mas começemos por Alice Vieira, no seu livro de contos *Pezinhos de Coentrada* (2006), a primeira frase que encontramos é “A minha tia Clara tem um coraçãozinho de ouro” (2006: 11). Ao longo desta obra estão presentes vários fraseologismos. Foquemo-nos nas EIs relacionadas com o corpo humano, entre elas: “um riso de orelha a orelha” (2006: 52), “juro que fiquei de boca aberta ao ler” (2006: 78), “se vêm confrontados com esse bicho de sete (ou mais) cabeças” (2006: 84), “se tivesses à mão uma máquina de calcular” (2006: 266), entre outras. Encontramos também muitas vezes EIs em títulos de livros, além disso a mesma EI pode estar presente em títulos de livros dos mais variados temas e géneros, por exemplo: *O vinho na ponta da língua* (2016) (anexo 1), *Gramática para todos – o português na ponta da língua* (2019) (anexo 2) e *Na Ponta da Língua - Mais de 200 palavras que ajudam a falar e a escrever melhor* (2018) (anexo 3). Numa recente campanha publicitária da McDonald’s, encontramos a expressão “Há um cupão que é a tua cara” (anexo 4) e poderíamos continuar a dar os mais variados exemplos da presença das EIs nos mais variados tipos de discurso.

Como veremos de maneira mais aprofundada no Capítulo 3 e onde mostraremos mais exemplos reais, as EIs estão presentes em vários tipos de discursos e situações, desde textos da literatura portuguesa até títulos de notícias da imprensa. Estas podem também constituir uma componente lexical, gramatical e comunicativa, que pode ser bastante útil para um aprendente de português língua estrangeira, se ensinadas da forma correta e é precisamente esta premissa que tencionamos defender ao longo da reflexão que pretendemos levar a cabo nesta dissertação.

A metodologia de ensino de uma língua estrangeira tem sofrido alterações com o passar dos anos e as suas prioridades têm sido modificadas. Quando se pensa em ensinar e/ou aprender uma língua estrangeira, a primeira componente que é tida em conta, normalmente, é a gramática dessa língua. Conhecer as regras gramaticais de um idioma é importante e necessário, não pomos essa importância em causa, porém, se o aprendente não é capaz de pôr em prática as componentes gramaticais que aprende para comunicar, não é vantajoso para um aprendente de uma LE. Deverá existir um balanço entre a gramática e a comunicação para o aprendente obter sucesso no processo de aprendizagem de uma LE. Hoje em dia a competência comunicativa tem uma grande relevância, como iremos aprofundar no Capítulo 1, para que o aprendente se sinta fluente e confiante numa LE e se consiga relacionar com os nativos de forma natural e sem constrangimentos. O

ensino destas expressões irá, sem dúvida, contribuir para a relação de aproximação aos nativos, neste caso, da língua portuguesa, e até mesmo da cultura do próprio país.

Para mostrar a importância das expressões idiomáticas no ensino de uma LE, especificamente de PLE, nesta dissertação propomo-nos responder às seguintes questões:

1. Que lugar ocupam as expressões idiomáticas na aprendizagem de uma língua estrangeira?
2. Os programas de PLE destacam a importância desse tipo de estruturas?
3. Qual o nível mais adequado para a inserção deste tópico no percurso de aprendizagem da LE?

Para tentarmos responder a estas questões necessitamos de analisar e compreender, de entre as várias teorias existentes sobre este objeto em análise, aquelas que nos podem ajudar a fundamentar esta pesquisa e a encontrar argumentos para responder às perguntas.

Neste momento do nosso estudo, e depois de realizadas pesquisas bibliográficas, tanto em bibliotecas, como em revistas de especialidade e na Internet, chegámos à conclusão de que a produção de artigos científicos é bem superior no Brasil do que em Portugal ou em outros países de língua portuguesa. No Brasil, existem muitas obras sobre este objeto de estudo, o que pode mostrar a sua crescente relevância e interesse por parte dos investigadores brasileiros, visível tanto nas publicações como na realização de vários congressos internacionais na área da fraseologia e da paremiologia. Ainda assim, mesmo citando obras de autores de outras nacionalidades, às quais iremos recorrendo ao longo deste estudo, verificamos que existe muita investigação sobre temas como: a importância das EIs na sua língua de origem, como se podem analisar internamente e segundo que tipo de critérios, as suas possíveis divisões para permitirem essa análise, a tradução e a fraseologia, a importância dos dicionários fraseológicos, a sua relevância no ensino do léxico e a sua presença no próprio léxico e no discurso, entre outros, como podemos comprovar com autores como Vilela, Fraser, Xatara, Jorge, Chacoto, etc. Porém, estudos sobre qual é o lugar da EI no ensino de uma LE, neste caso em específico do português europeu como língua estrangeira e como se deve ensinar a aprendentes de PLE, parecem ser um tema pouco estudado, nas obras referidas, e é por isso que seleccionámos este tópico para uma reflexão mais aprofundada na dissertação, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da investigação neste campo, que consideramos tão importante

num idioma, seguindo de perto o que está enunciado no QECR, ao determinar a necessidade de integração dos aprendentes no contexto social da língua.

Tem sido um princípio metodológico fundamental do Conselho da Europa que os métodos a serem usados na aprendizagem, ensino e investigação das línguas são aqueles que são considerados mais eficazes no alcançar dos objectivos combinados em função das necessidades dos aprendentes individuais no seu contexto social (2001: 200).

Desse ponto de vista, as Eis ocupam um lugar privilegiado para a integração social, já que pertencem ao discurso, bem como a maioria das fraseologias, e não à língua, como o refere Lederer (1994).

Numa segunda parte desta dissertação, no Capítulo 3, interessar-nos-emos por encontrar uma resposta plausível para a quarta pergunta de pesquisa: Que tipos de abordagem têm as expressões idiomáticas nos manuais de PLE? Para esse fim será feita a análise de dois manuais de PLE, de nível B1 de duas editoras diferentes: Porto Editora e Texto, o nível em que, baseando-nos nos descritores do QECR e tendo em conta as nossas próprias reflexões, defendemos que se devem começar a introduzir as expressões idiomáticas e, como complemento, uma análise a dois manuais, das mesmas autoras acima mencionadas, de nível B2, nível em que defendemos que os aprendentes já devem reconhecer algumas Eis, identificá-las e utilizá-las no discurso. Para uma análise prática e eficaz, o nosso método será a construção de uma grelha de análise para classificar e dividir as Eis segundo o tipo de exercícios em que estas se encontram nos manuais analisados (anexo 5 e anexo 6).

Após termos realizado a análise de manuais atuais de PLE, interrogando a presença ou ausência de Eis nesses manuais, o objetivo principal consiste na criação de materiais inscritos numa abordagem didático-pedagógica que corresponda às reais necessidades de aprendizagem dos falantes de PLE nível B. Tendo sempre por base as competências inerentes necessárias para aprender uma LE, a competência comunicativa será sempre valorizada na elaboração da proposta que nos propomos apresentar, pois acreditamos ser uma forma eficaz de aprendizagem. Pretendemos construir atividades e ensino/aprendizagem, utilizando textos autênticos, sempre que possível, e recorrendo também à criatividade para produzir algo interessante e atrativo, pois pensamos que as expressões idiomáticas têm inúmeras potencialidades criativas.

Objetivo do estudo

O principal objetivo subjacente à realização deste trabalho é o de participar na melhoria do ensino de PLE, mais concretamente, na importância do ensino de elementos como os fraseologismos, mostrando como as EIs estão presentes na língua portuguesa e na vida dos portugueses, assim como a sua relevância na cultura da língua, do próprio país e do povo. Sendo a aprendizagem das mesmas uma forma de estabelecer relações comunicativas com os nativos e laços culturais com o país e a língua, queremos provar que o seu ensino deveria ter mais relevância, assim como a importância que estas deveriam ter nos programas de PLE, e também nos materiais existentes para o seu ensino. Tendo a consciência de que é um objeto de difícil compreensão por parte de um estrangeiro e, conseqüentemente, difícil de ensinar, consideramos o papel do professor fundamental, pois este tem de estar preparado para saber como ter sucesso no ensino de qualquer tópico da língua portuguesa e este é de total pertinência, como iremos mostrar ao longo do estudo. A presença das EIs nos materiais de ensino de PLE também deveria ser diferente da atual, pois como analisaremos mais adiante neste estudo, no Capítulo 3, é quase nula. As EIs são, para além disso, algo que os aprendentes de PLE adoram conhecer porque possuem um carácter divertido, mas educativo e lúdico ao mesmo tempo. Permite que conheçam expressões novas e interessantes, podendo fazer comparações e traduções com as suas línguas maternas e criar assim um momento de partilha importante entre alunos e professores, que ficam sempre a saber algo novo sobre outras línguas, povos e culturas. As EIs não deveriam ser o calcanhar de Aquiles dos aprendentes de PLNM e, por isso, pretendemos dar uma mãozinha para facilitar a sua inserção no ensino de PLE.

Metodologia

Divisão temática

Sendo o universo das expressões idiomáticas um campo inesgotável, tivemos de limitar o corpus do nosso estudo. Decidimos fazer uma divisão temática das EIs e escolhemos o tema do corpo humano – mais à frente neste estudo, no Capítulo 4, iremos abordar as diferentes hipóteses de divisões temáticas para as EIs. Após termos realizado uma pesquisa em materiais diversos: dicionários, páginas de internet e vários tipos de livros (referidos na bibliografia) conseguimos reunir um conjunto de 152 EIs. Todas as EIs foram reunidas num documento para, no final, ser elaborado um glossário que pode funcionar como um documento de ensino/aprendizagem de PLE, que iremos descrever pormenorizadamente mais adiante neste estudo.

Inquéritos realizados

Neste estudo, decidimos proceder à realização de dois inquéritos com dois destinatários diferentes: o primeiro a falantes de nível B1 e B2 para compreender se estes reconheciam e sabiam os significados das EIs e o segundo inquérito, destinado a portugueses para perceber se estes conhecem e utilizam as EIs na sua vida diária, como pretendemos defender neste estudo.

O primeiro inquérito realizado (anexo 7) destinou-se a falantes de nível B1 e B2 de PLE, estudantes do Instituto de Língua e Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para percebermos se conseguiam identificar e compreender algumas das EIs que fazem parte do nosso corpus de trabalho desta pesquisa. O inquérito iniciava-se com os seguintes dados gerais: idade, nacionalidade, LM, LEs, nível de PLE e tempo de residência em Portugal. Estes dados iniciais foram pedidos com o intuito de podermos fazer relações e estabelecer padrões entre os possíveis resultados dos inquéritos. De seguida apresentámos aos estudantes seis frases em que apenas três eram expressões idiomáticas e pedia-se aos inquiridos que as identificassem. O segundo exercício era composto por vinte expressões idiomáticas e pedia-se aos estudantes que assinalassem aquelas que conheciam. O terceiro exercício era relacional apresentando

uma maior grau de dificuldade porque continha dez expressões idiomáticas na coluna da esquerda e dez definições na coluna da direita e o aluno teria de fazer corresponder a EI à sua definição. Nesta atividade, conseguíamos compreender se o aluno realmente conhecia as EIs, ao contrário do exercício anterior, pois não tínhamos forma de saber se o aluno realmente percebia as EIs ou não. Os exercícios descritos foram elaborados com EIs escolhidas aleatoriamente, o mesmo não ocorreu com o último exercício proposto, este poderia parecer o mais difícil porque eram pedidas as definições de cinco EIs, mas a verdade é que era muito fácil porque escolhemos EIs em que o verbo era pleno, ou seja, o significado da EI não era completamente transparente e o aluno devia focar-se no verbo e perceber que o que se seguia era um “exagero” do verbo inicial presente na EI. Os resultados dos inquéritos serão apresentados mais à frente neste estudo, no Capítulo 3. Gostaríamos mais uma vez de referir que sabíamos que o tipo de exercícios presentes no inquérito não prova realmente se o aprendente possui conhecimento das EIs ou não. No entanto, tendo em conta as condições em que nos encontrávamos a fazer os inquéritos – durante uma aula de PLE – não conseguimos preparar exercícios que pudessem mostrar o real nível de conhecimento dos aprendentes.

O segundo inquérito (anexo 8) foi realizado de forma digital, no Google, partilhado através da rede social Facebook, e destinou-se a portugueses com um intervalo de idades entre os <20 e os >40, sendo a idade entre os 20 e os 30 anos, a idade compreendida do nosso público alvo (jovens-adultos), serão estas as respostas analisadas de forma detalhada neste estudo. O objetivo é provar que a utilização das expressões idiomáticas do corpo humano é um fenómeno linguístico real e normal entre os nativos de língua portuguesa. Este inquérito era composto pelas trinta e oito EIs do corpo humano retiradas aleatoriamente do glossário de 152 EIs para o primeiro inquérito. Para fundamentar e testar aquelas que eram as nossas expectativas decidimos colocar três opções para cada expressão escolhida: Conheço; Conheço e utilizo; Não conheço nem utilizo. Com estes resultados conseguimos perceber a quantidade de EIs reconhecidas, utilizadas ou não reconhecidas nem utilizadas. Estes resultados também serão apresentados mais adiante neste estudo, no Capítulo 3.

Descrição do Excel realizado

Como já referimos anteriormente, decidimos realizar um Excel (anexo 9) com um conjunto de 152 EIs, este número de EIs resultou de uma longa recolha elaborada em várias fontes bibliográficas, dicionários, vocabulários e glossários, assinalados na bibliografia.

O objetivo inicial da criação deste Excel foi unicamente o de simplificar a organização da recolha das EIs do corpo humano – o tema das EIs escolhidas para serem trabalhadas neste estudo. Foram assim suborganizadas pelas partes do corpo humano: da superior (cabeça) à inferior (pés) e, dentro dos grupos temáticos, a escolha da organização foi alfabética, o que trouxe uma dificuldade pois o grau de cristalização das EIs varia e, se há algumas que não permitem muito espaço para variação, como “perder a cabeça”, existem outras que podem ter variantes como “falar com sete pedras na mão”, que nos permite variação verbal, podemos substituir por “responder” ou “receber”, além da variação numérica pelos números “três” ou “cinco”. No entanto, tendo em conta que um critério teve de ser escolhido, esse critério foi o da ordem alfabética do grupo verbal de cada EI. Esta escolha trouxe-nos assim uma nova questão: esta ordem não é a ideal porque a organização deveria recair no objeto idiomático e não no verbo porque tendo em conta que há várias EIs que aceitam vários verbos, este critério não é o melhor, mas percebemos que era difícil encontrar um que fosse ideal. Sendo assim, a escolha aqui realizada foi a de utilizar o verbo “estar” sempre que é possível ser introduzido nas EIs. Tendo em conta que é um verbo que se pode adaptar a muitas das EIs, os outros verbos possíveis foram postos numa coluna que iremos abordar mais à frente denominada “variações possíveis”. A escolha dos outros verbos para esta ordem alfabética foi um pouco aleatória pois não acreditamos existir um mais importante ou mais utilizado do que o outro para ter mais ênfase.

Após a realização da lista das EIs e da sua organização alfabética, decidimos criar a nossa própria definição, de uma forma curta e simples a pensar no aprendente de PLE, para que este consiga compreender mais facilmente e, de seguida, introduzimos a definição encontrada na obra de Santos - *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* (2000), um dicionário bastante completo a nível de EIs do corpo humano. No entanto, tem definições um pouco complexas para aprendentes de PLE, também porque não é um dicionário destinado ao ensino de PLE. Após a obtenção desta lista de EIs e consequentes definições,

percebemos que poderíamos enriquecer este Excel e torná-lo um material útil e prático que os aprendentes pudessem consultar e analisar. Para uma melhor compreensão de uma EI numa LE um dos fatores essenciais é o seu contexto, de preferência um contexto de um texto autêntico, facto que nós defendemos ser imprescindível para a aquisição de EIs. Para obter esses contextos em textos autênticos recorreremos à base de dados “CRPC: Portugal only”¹, disponível no site do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa². Base de Corpora que iremos analisar e descrever mais à frente neste capítulo.

Decidimos também, como já referimos, complementar este material com algumas variantes encontradas das EIs, por exemplo “Ter a cabeça em água” permite-nos utilizar outros verbos como: ficar, deixar, estar, pôr e fazer. Não sendo uma análise completa nem exaustiva, pois este não era o propósito do presente estudo, existem variações verbais, numerais ou nominais em quase todas as EIs escolhidas para o estudo. Depois de observarmos a construção destas listas, compreendemos que poderíamos agrupá-las por categorias que abrangem diferentes categorias semânticas. Por exemplo, a categoria medo pode englobar medo, receio e susto. Desta forma, conseguimos fazer uma divisão temática e categorial das EIs do corpo humano e estabelecer relações de sinonímia ou antonímia entre elas, o que compreendemos ser algo inovador dentro dos materiais de EIs já existentes de português europeu e que poderá ser utilizado de forma lúdica e educativa, como veremos nos materiais mais à frente apresentados, no Capítulo 4.

Acreditamos que este material possa ser muito benéfico para os aprendentes de português língua estrangeira pois é um material útil, prático, divertido assim como lúdico e educativo ao mesmo tempo. É algo que não existe em português europeu, pelo menos, e que poderia ser adaptado a muitas outras EIs, que também poderiam ser divididas por temas e, subsequentemente, em diferentes categorias semânticas, o que facilita a sua aprendizagem para um aprendente de PLE. Este material poderia ser adaptado a uma versão em papel, física e complementado com a equivalência destas expressões mais ou menos diretas noutras línguas, como por exemplo o inglês e/ou outros idiomas europeus, pois acreditamos haver mais equivalências tendo em conta vários fatores que analisaremos mais adiante neste estudo. É um trabalho que requer muita pesquisa pois sabemos que a tradução destas expressões na maior parte das vezes não pode ser literal porque não existem em todas as línguas e culturas da mesma forma, mas é possível

¹ <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/index.php?thisQ=subcorpus&uT=y>

² <https://clul.ulisboa.pt/>

encontrar equivalências, e no caso de serem expressões culturais de um país poderia realizar-se uma pequena explicação. Falamos de expressões como “meter o Rossio na rua da Betesga” ou “Resvés Campo de Ourique” onde temos elementos da cidade de Lisboa presentes na expressão e que, certamente, não poderão ser equivalentes numa tradução direta noutra língua. Nestes casos, acreditamos ser imprescindível uma breve explicação para que os leitores compreendam estas expressões.

Descrição da base de dados utilizada para a realização do Excel

Como já foi referido, acreditamos que a utilização de contextos de documentos autênticos onde as EIs sejam utilizadas é um fator fundamental para que o aprendente de uma LE, neste caso de PLE, consiga compreender a EI na sua plenitude. Para isso recorreremos à página web do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Nesta página temos um separador chamado “Recursos” e neste local encontramos várias ferramentas úteis e práticas. Após alguma pesquisa, encontrámos uma página de Corpora, intitulada de “CRPC – Corpus de Referência do Português Contemporâneo”³, que tem várias ligações internas e uma delas, que foi a escolhida, é a “Portugal Only”. É possível realizar pesquisas de várias formas o que é muito útil, apesar de termos conseguido encontrar quase todas as EIs no modo “standard query”. O corpora utilizado tem 332,332 textos e 289,840,619 palavras. É constituído por diferentes tipos de texto, algumas referências bibliográficas não estão completas, mas em grande parte dos casos encontramos a sua fonte e, dos termos consultados, podemos afirmar que são textos maioritariamente extraídos de jornais portugueses de política e futebol, mas também existem textos literários que nos permitem perceber que as EIs são um recurso utilizado pelos escritores portugueses, nomeadamente Eça de Queiroz⁴ e Miguel Torga⁵, entre outros grandes autores.

Conseguimos encontrar 141 das 152 EIs recolhidas, o que pensamos ser um resultado bastante satisfatório. No entanto, encontrámos uma dificuldade nesta pesquisa: qual o verbo possível para a expressão idiomática a pesquisar e qual o seu tempo verbal e pessoa gramatical. Por exemplo, recorrendo novamente à expressão “perder a cabeça” que não

³ <https://clul.ulisboa.pt/recurso/corpus-de-referencia-do-portugues-contemporaneo>

⁴ <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/textmeta.php?text=L0346&uT=y>

⁵ <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/textmeta.php?text=L0494&uT=y>

permite muitas variações, a não ser o tempo verbal e a pessoa gramatical, quando pesquisamos por “perder a cabeça” obtemos oitenta e nove resultados e, se mudarmos a forma verbal para “perdeu” encontramos sessenta e seis resultados diferentes dos primeiros. Neste caso, ambas as pesquisas são favoráveis porque temos um bom número de resultados encontrados. Noutros casos, a pesquisa foi feita pelo objeto idiomático, sem necessidade de verbo, como “cabeça em água”, que sem forma verbal apresentou vinte e sete resultados. Se a pesquisa fosse feita com o verbo “ficar” ou “ter”, como inicialmente tentámos fazer, não é apresentado nenhum resultado. Após nos termos deparado com essa dificuldade a solução encontrada foi a de pesquisar sempre que possível o objeto idiomático, o que nos permitiu obter um maior número de resultados e ver variações verbais, pois apareceram todas as formas utilizadas com os termos “cabeça em água”. Destes vinte e sete resultados apenas um deles não constitui uma expressão idiomática, pois representa um dos desafios de algumas EIs: a literalidade possível da expressão, neste caso “ter a cabeça dentro de água”. Apesar deste repto, pensamos ser muito fácil, nesta base de dados perceber quando uma EI apresenta o sentido literal, pois nesta base temos apresentados os seus contextos em textos completos o que nos facilita a compreensão pois é suficiente ler um breve excerto para compreender se a utilização da EI é figurada ou não.

A quantidade de resultados encontrados permite-nos comprovar a grande utilização das EIs em textos escritos publicados, pois é um recurso utilizado muitas vezes em temas de cariz político ou futebolístico, e até no quotidiano dos portugueses como um recurso de expressividade. O facto de serem textos retirados da imprensa e que, com uma rápida pesquisa, podemos comprovar que é um meio bastante utilizado, mostra-nos que são expressões utilizadas num meio que chega a todos e que têm de ser compreendidas por todas as pessoas que as possam ler, sejam portugueses ou estrangeiros. A sua grande utilização na literatura portuguesa também nos ajuda a comprovar que é um recurso que ultrapassa o português falado e pouco formal.

Organização da dissertação

O presente estudo começará com uma parte teórica sobre os termos chave deste trabalho, de forma a obter fundamentos para as possíveis tentativas de conclusões desta investigação. Começando por um enquadramento teórico mais global, o primeiro capítulo

tem como título “A competência comunicativa: competência lexical, competência sociolinguística e competência sociocultural numa LE”. Para nos basearmos num documento de qualidade e confiança vamos analisar o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, um dos documentos mais importantes para as línguas na Europa, bastante relevante, e por esse motivo, foi o eleito. Pretendemos analisar as competências onde as EIs se inserem no momento de ensino de uma LE e como estas contribuem para a aquisição das várias competências apresentadas. Também iremos recorrer ao QECR para defender qual o nível mais adequado para o ensino de EIs.

No capítulo seguinte serão apresentados termos fundamentais para este estudo, intitulado de “Fraseologia: tipos fraseológicos”, este capítulo terá como objetivo a aproximação ao nosso objeto de estudo. Várias teorias de especialistas serão apresentadas, analisadas e relacionadas para, posteriormente, se possível, podermos tirar conclusões. Neste momento do estudo, temos como objetivo mostrar a importância do ensino e da aprendizagem de EIs. O objeto de análise também será descrito como recurso linguístico, elemento de herança cultural, entre outros que tornam importante o seu ensino numa LE.

De seguida, no Capítulo 3 – “Presença das EIs no ensino de PLE”, será elaborada a análise dos inquéritos que foram realizados a estudantes de PLE da Faculdade de Letras e, depois desses resultados, será feita uma análise à presença das EIs em quatro manuais de PLE, dois de nível B1 e dois de nível B2, assim como dos cadernos de atividades que todos estes manuais têm como complemento. Após estas análises também iremos apresentar os resultados dos inquéritos realizados a nativos da língua portuguesa para compreender como é que as EIs são compreendidas e utilizadas atualmente pelos portugueses. Pretendemos também mostrar como e onde as EIs estão presentes na vida diária dos portugueses e como esta presença faz com que seja importante para um aprendente de PLE adquirir EIs portuguesas. Para além dos manuais escolares será feita uma análise não exaustiva aos materiais existentes no mercado atual sobre EIs e perceber a sua pertinência e adequação à atualidade e à aprendizagem de PLE.

No Capítulo 4 – “Proposta de abordagem didática das EIs do corpo humano” vamos refletir como ensinar EIs numa LE, as possíveis divisões que se podem fazer, entre outros pontos importantes.

Numa última parte, mais criativa, será apresentada uma proposta de abordagem didática das EIs, da nossa própria autoria tendo em conta as necessidades dos alunos.

Após as conclusões tiradas deste estudo e da descrição da bibliografia utilizada para a realização do mesmo, nos anexos poderemos encontrar o glossário criado por nós, que inicialmente pensámos que poderia conter as traduções para inglês, francês e espanhol, as línguas com que temos mais contacto, no entanto, pela limitação de tempo, não foi possível proceder à sua realização. Contudo, pensamos que num futuro poderemos proceder à tradução de EIs, de forma a criar um material mais completo e útil para os aprendentes de PLE.

Capítulo 1 – A competência comunicativa: competência lexical, competência sociolinguística e competência sociocultural numa LE

1.1. Língua estrangeira, língua segunda, língua de herança e língua não materna

Acreditamos ser de total pertinência começarmos este estudo com a definição e distinção destes três conceitos - língua estrangeira, língua segunda e língua não materna, que podem ser compreendidos como sinónimos mas que, na verdade, não o são e têm características próprias que os diferenciam.

Recorrendo ao E-Dicionário de Termos Literários⁶ temos a informação de que a Língua Não Materna, doravante denominada de LNM, é um conceito mais geral que engloba as outras duas noções: Língua Segunda, doravante denominada L2 e Língua Estrangeira, doravante denominada LE. O conceito de LNM contrasta assim o conceito de Língua Materna, doravante denominada de LM, aquela que “o falante adquire e aprende, fazendo parte ativa da comunidade linguística em que o sujeito nasce e cresce”. Também de uma forma geral podemos distinguir os conceitos de L2 e LE entendendo a L2 como “língua oficial e escolar (por exemplo, o caso do português em Cabo Verde)” e a LE como uma língua que “situa-se no espaço de sala de aula, sendo, assim, objeto de instrução formal por parte do falante aprendente.” Estas duas definições geram alguma controvérsia porque o limite entre o que é uma L2 e uma LE não é assim tão linear. Flores (2013: 10) faz um estudo sobre a distinção destes conceitos e resume que

Muitos investigadores, sobretudo da escola generativa, não distinguem estes dois conceitos, fazendo equivaler a aquisição de uma língua estrangeira ao processo de aquisição de uma língua adicional, isto é, de uma língua adquirida em fase posterior à L1

Para alguns autores a diferença entre os dois é “o contexto no qual a segunda língua é adquirida.” (2013: 10) porque “há uma diferença entre a aprendizagem da segunda língua circunscrita ao contexto formal da sala de aula [...] e a aquisição da L2 em contexto naturalístico, isto é, através da imersão no meio ambiente dessa língua” (2013: 10). Se aplicarmos esta teoria ao caso da língua portuguesa, o PLE aplicar-se-á aos estudantes

⁶ <https://edtl.fcsh.unl.pt/>

estrangeiros que não tenham contacto com a língua fora do contexto escolar nem precisam dela para socializar e comunicar no seu ambiente social.

Leiria (2004: 1) defende que “A L2 é frequentemente a ou uma das línguas oficiais. É indispensável para a participação na vida política e económica do Estado, e é a língua, ou uma das línguas, da escola” esta definição encontra-se de acordo com a outra, acima referida, encontrada no E-Dicionário de Termos Literários. A autora também faz a distinção das características próprias das variedades nacionais ou regionais que a mesma língua pode ter e, por isso, afirma que serão diferentes a aprendizagem do português de Portugal e o português do Brasil ou, dentro de Portugal, do português do Porto e do português de Lisboa. Relativamente à LE, a autora defende que esta “pode ser aprendida em espaços fisicamente muito distantes daqueles em que é falada e, conseqüentemente, com recurso, sobretudo, a ensino formal” (2004: 4), também na mesma linha de pensamento acima referida. No entanto, a autora reconhece que esta distinção não é assim tão linear em todos os casos e que, há muita discussão à volta deste tema. “Esta falta de consenso surge quando entram em jogo dois outros critérios: nível de proficiência e objectivos da aprendizagem” (2004: 5). Leiria defende que, considerando o nível de proficiência, para todos os iniciantes numa língua, a língua seria sempre estrangeira. Relativamente aos objetivos da aprendizagem, a autora dá um exemplo muito presente no século XXI, que é o facto de as pessoas que querem aprender uma língua que não é a sua, optarem por ficar algum tempo num país que fale essa língua desejada e, consiga juntar o processo de aprendizagem formal ao de imersão social para acelerarem a aquisição de uma determinada língua. Outro exemplo muito atual que a autora nos mostra é o caso dos indivíduos que têm “um nível de proficiência elevado em várias línguas não-maternas e que vivem por períodos relativamente longos em diferentes contextos linguísticos” (2004: 6). Pensando nesta situação perguntamo-nos se o mesmo falante tem mais do que uma L2. Para responder a esta dúvida, a autora dá-nos duas opções: considerar a questão exclusivamente do ponto de vista sociolinguístico (uma língua só é L2 se é língua oficial no país do falante) ou considerar a questão de um ponto de vista individual (tendo de se fazer uma análise às línguas maioritariamente adquiridas ou aprendidas) (2004: 6-7). Outra questão pertinente que a autora nos mostra é “a dos filhos de emigrantes portugueses” (2004: 7) porque para muitos, certamente, a língua portuguesa começa como língua primeira, mas, depois de entrarem na escola, da comunicação diária com pessoas de outra nacionalidade, do seu contexto social e língua diferente, esta começa a

perder a relevância e a ocupar um lugar de L2 ou LE. Aqui podemos referir outro conceito importante – Língua de Herança – doravante designado de LH. Melo-Pfeifer e Flores definem LH como “a língua falada no seio da família, isto é, a língua de origem do emigrante. Em geral, esta é a primeira língua à qual a criança é exposta.” (2014: 19). No entanto, o facto de esta ser uma língua importante no contexto familiar não significa que será a língua mais utilizada pela criança. Como defendem as autoras “no momento em que a criança de origem emigrante entra no infantário ou na pré-escola e começa a construir relações sociais fora do núcleo familiar, o contacto com a língua maioritária cresce consideravelmente.” (2014: 19). Por este motivo, um filho de emigrantes portugueses, por exemplo, pode ter como LH o português, mas vai comunicar mais na língua falada no país em que se encontra, desenvolvendo mais competências nessa língua, seja pelo ambiente escolar em que o falante se encontra, pelos contactos que possa ter durante o seu quotidiano ou pelos meios de comunicação que estão presentes à sua volta. Muitas vezes, o contacto com a LH só é possível em casa, no seio familiar e o contacto com a língua do país onde se vive é muito maior e está mais presente na vida do falante. Por estes motivos, LH normalmente começa a ser menos usada e os falantes vão perdendo competências nessa determinada língua que lhes foi “herdada” pelos familiares.

Voltando a Leiria, a autora apresenta-nos a teoria de Richards (1987) que é contra a utilização excessiva do termo L2, pois este está cada vez mais a ser utilizado no campo da linguística aplicada e o mesmo “refere a aprendizagem de qualquer língua depois da primeira, independentemente do estatuto dessa língua em relação a quem a aprende ou ao país que essa língua está a ser aprendida” (2004: 7). No entanto, em oposição a esta ideia, a autora apresenta uma frase do linguista Rod Ellis, que afirma “Aquisição de Segunda Língua não pretende estabelecer um contraste com Aquisição de Língua Estrangeira. Ele é usado como termo genérico” (2004: 7). Não tendo o objetivo de fazer uma análise exaustiva destas perspetivas e destes conceitos de LE e L2 acreditamos ser visível a falta de consenso entre os estudos existentes sobre os mesmos.

Uma nova questão surge depois de analisar as várias teorias encontradas: pode uma LE passar a L2? Pensando no caso da nossa língua e do nosso país, imaginemos que um estrangeiro aprende a língua portuguesa fora de Portugal, num contexto escolar e, posteriormente, vem para o país por razões laborais ou pessoais, este passará a necessitar de comunicar em português e começará também a adquirir a língua portuguesa, melhorando certamente o seu nível de português, tendo em conta que se iria encontrar

num ambiente linguístico propício a esse progresso. Considerando este caso, que sabemos ser uma realidade, num mundo onde cada vez há mais emigração, turismo e aprendizagem de novas línguas, acreditamos que a resposta à nossa pergunta acima referida é afirmativa e, por isso, uma LE pode tornar-se numa L2.

Neste estudo, o objetivo central não é fazer uma distinção exaustiva destes três termos e, por isso, iremos utilizar LNM como oposição ao conceito de LM, e que, engloba L2 e LE. Sendo este estudo de carácter educativo e a pensar no ensino de português a estrangeiros em contexto de sala de aula, iremos recorrer ao termo língua estrangeira (LE), na maioria dos casos, e L2 se assim se justificar a utilização deste termo.

1.2. A competência comunicativa

No final dos anos sessenta Dell Hymes, um conceituado linguista americano, criou o conceito de “competência comunicativa” reagindo à teoria de Noam Chomsky (1965) que tinha criado uma distinção entre competência linguística e desempenho. Hymes defendia que se adquire a capacidade de comunicar ao utilizar a língua nos mais variados contextos. Esta teoria “engloba tanto o conhecimento da língua como a capacidade de a usar.” (Esperança, 2004: 14). Em 1972, este linguista redigiu um artigo intitulado “On communicative competence” que, apesar de não ter sido escrito para a aprendizagem de uma língua estrangeira, serviu de base para esse tipo de ensino e começou a ser estudado por muitos. Também Michael Halliday, linguista britânico e australiano, que criou desde os anos cinquenta o conceito de “Systemic-Functional Linguistics” ia contra o que defendia Chomsky relativamente à aquisição de uma língua, pois este defende que “a língua deixa de ser um mero sistema regulado por regras e passa a ser estudada de um ponto de vista sócio-semiótico, considerando-a como um sistema de produção de significados”⁷ – este conceito foi desenvolvido por outros estudiosos ao longo dos anos. O linguista também escreveu *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning* (1978), defendendo que se deveria estudar uma língua tendo em consideração o funcionamento da mesma em sociedade. Desta forma, nos anos setenta, Hymes e Halliday (e certamente muitos outros que os seguiram) “Defendiam que de nada adianta estudar a língua se não se souber utilizá-la.” (Diatta, 2016: 27-28).

⁷ <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/12994/12487>

No QECR podemos ler que a competência comunicativa em língua “compreende diferentes componentes: linguística, sociolinguística e pragmática.” (2001: 34) e também que:

A competência comunicativa em língua do aprendente/utilizador da língua é activada no desempenho de várias actividades linguísticas, incluindo a recepção, a produção, a interacção ou a mediação (especialmente no caso da interpretação ou da tradução). Cada um destes tipos de actividade pode realizar-se na oralidade, na escrita, ou em ambas. (2001: 35)

Para o falante de uma LE é então necessário ter o conhecimento adequado de todos os constituintes de uma língua para que a utilize da forma correta. Uma língua não é apenas constituída por verbos e todos os seus tempos verbais que um estudante de uma LE tem de aprender, nem pelos adjetivos e todos os seus graus, nem por todos aqueles tópicos que estão numa gramática de uma dada língua, como defende Xatara (1995: 198) “Nas gramáticas tradicionais descritivas, preocupadas com a normalização da língua escrita formal, muito pouco espaço se dá aos idiomatismos”. Uma língua é constituída por muito mais do que isso, é constituída também por expressões idiomáticas, que por vezes são parte apenas de uma determinada língua, ou muitas vezes partilhadas por várias línguas do globo, o que confere a muitas EIs um carácter mais universal, que decorre dos grandes textos e das grandes línguas de civilização.

Um nativo quando se encontra num processo de comunicação não reflete sobre se está a utilizar uma EI ou não e não se questiona se o interlocutor conhece aquela expressão ou se a vai compreender, para um nativo utilizar uma EI é algo natural e, na maioria das vezes, não se apercebe de que está a utilizar uma expressão idiomática. Nesta reflexão, defendemos que a riqueza de uma língua está para além da própria gramática, está no uso e seu carácter evolutivo, dinâmico e flexível. Rente, em *Expressões idiomáticas ilustradas*, um material de ensino de PLE sobre EIs portuguesas que analisaremos mais adiante neste estudo, afirma o seguinte (2013: 6):

Através das frases feitas, um nativo consegue expressar uma certa realidade, de forma natural e inconsciente. O mesmo já não acontece com um estudante de uma língua estrangeira, para quem a apropriação deste tipo de expressões e correta utilização poderão revelar-se tarefa árdua, em particular para os que estão a dar os primeiros passos. [...] Deste modo, a aprendizagem das

expressões idiomáticas reveste-se de particular importância para os estudantes de uma língua estrangeira, pois é através da sua assimilação e utilização que estes revelam a sua proficiência linguística.

Os fraseologismos, combinatórias que fazem parte integrante de uma língua, claramente “contribuyen a fomentar un sentimiento de integración lingüística e intimidad entre los hablantes” (Martínez, 2012: 96) e, por isso, são também fundamentais para que os estrangeiros “possam ter uma atuação linguística próxima à de um nativo e, portanto, possam alcançar uma boa competência comunicativa” (Alvarez, 2012: 12). Certamente um dos principais objetivos de um aprendente de PLE, ou qualquer outra LE, é o de ter esta proximidade à capacidade comunicativa de um nativo para que consigam ter uma comunicação o mais fluente e natural possível porque um nativo quando fala não pensa se está a utilizar uma expressão idiomática e que, por essa razão, o estrangeiro com quem fala não vai compreender, ele simplesmente a utiliza porque é natural. No entanto, reconhecemos que, sendo estas expressões tão próprias de uma língua e de uma cultura, é normal que por vezes um não nativo possa tentar utilizá-las e parecer pouco natural, estranho ou inapropriado (Martínez, 2012: 96) pois não é um elemento de fácil utilização em certos casos, mas defendemos que o aprendente não deve deixar de as utilizar por sentir este receio, pois deve acontecer o oposto, ele deve ser incentivado a conhecer, repetir, utilizar e aprender mais sobre elas e sobre as suas possíveis utilizações para que num futuro as possa utilizar como um recurso normal assim como os nativos o fazem com estas expressões que “surgen nos vários tipos de discurso, do discurso quotidiano ao discurso literário. O seu uso enriquece a comunicação em geral.” (Jorge, G., Jorge, S, 1997: 11). Sendo este enriquecimento fundamental em todas as línguas deveria ser acessível não só aos nativos, mas também aos aprendentes de uma LE.

1.3. A competência lexical: o ensino do léxico

Para conseguirmos comunicar de forma oral ou escrita, existe um tópico que é fundamental e que, por vezes, não lhe é dada a devida importância: o léxico de uma língua. Aqui chegamos a outra competência essencial de qualquer idioma: a competência lexical. Uma vez mais, de nada adianta saber todas as regras gramaticais se não existe um bom domínio do vocabulário de uma língua porque sem isto é difícil comunicar. Não sendo o objetivo deste estudo detalhar as diferentes fases ou os diferentes métodos de

ensino existentes ao longo da história de uma língua podemos resumir que “o léxico permaneceu relativamente à margem do ensino” (Xatara, 2001: 49) sendo remetido para segundo plano enquanto outras áreas da língua tinham mais peso no momento de ensinar.

Segundo o QECR, a competência lexical “Consiste no conhecimento e na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreende elementos lexicais e gramaticais.” (2001: 159). Sendo as EIs conjuntos de vocábulos, estas certamente se encontram previstas nesta competência, como um elemento importante. Como veremos mais à frente neste capítulo, as EIs estão incluídas nos elementos lexicais de uma língua, na classe das “expressões fixas” (2001: 159). Como já referimos estas expressões não são de fácil compreensão e utilização para um aprendente de uma LE, portanto para que este possa ter sucesso na capacidade de utilizar as EIs precisa que estas sejam ensinadas de uma forma eficaz, caso contrário não conseguirá desenvolver com sucesso a competência lexical na LE que está a aprender. O ensino do léxico não se deve resumir a listas de palavras organizadas por ordem alfabética ou por categorias, deve conseguir-se que o aprendente compreenda “as relações, intrínsecas e extrínsecas, entre as palavras [...] antónimos, sinónimos, parassinónimos, homónimos, parónimos [...] campos semânticos, de graus de equivalência, de redes de significações, etc.” (Xatara, 2001: 49). Relativamente à forma de ensino do léxico de uma língua Resende (2012: 2) afirma que:

conhecer uma palavra significa perceber a sua posição dentro da língua, associando a outras e conhecendo os seus vários significados [...] o estudo dos itens lexicais de uma língua precisa ser visto como um recurso comunicativo que completaria as necessidades dos aprendizes, que irão fazer parte das suas estratégias de uso da língua para objetivos de comunicação.

Ao ensinar o léxico de uma língua o professor está a tornar possível que o aprendente possa “utilizar-se adequadamente dos vários sentidos das palavras e perceber os melhores efeitos do uso dos vocábulos em textos, fato que culminaria numa significativa comunicação textual.” (Resende, 2012: 3)

Alguns autores falam da falta de importância que se dá ao estudo da semântica e também ao estudo do léxico. Como afirma Xatara (1995: 199):

O estudo da semântica há pouco deixou de ser secundário, contudo o estudo do léxico assim permanece, embora seja justamente aí que se situa o maior escolho no domínio de uma língua estrangeira. De facto, o léxico de uma língua reflete o recorte da realidade, que é específico da cultura a que essa língua se

reporta. Isso é especialmente controverso no tocante às EI, pois estas levam um tempo ainda maior para serem adquiridas em relação ao resto do léxico.

Tendo em conta que para compreender uma EI não basta juntar o significado dos seus constituintes de forma individual, sabemos que não é uma tarefa fácil para um aprendente de uma LE, mas devemos incentivá-los a compreender:

as peculiaridades dessas unidades lexicais, iniciando-se pelo seu próprio reconhecimento no interior dos enunciados e posteriormente dando conta da conotação que as envolve, além de levar os aprendizes a sua utilização como um recurso discursivo (Xatara, 2001: 49).

Álvarez (2012: 195) defende que:

el conocimiento y el dominio del uso de fraseologismos y proverbs de una lengua extranjera facilita las competencias comunicativas en dicha lengua; en particular, las competencias lingüísticas (concretamente las competencias léxica y semántica), así como la competencia sociolingüística del usuario o alumno.

Após termos refletido de uma forma geral sobre a competência comunicativa e sobre a competência lexical, vamos aprofundá-las e analisar também as competências sociolingüística e cultural, as competências que dizem respeito às EIs e onde estas contribuem para a sua aquisição. Para esse estudo, iremos basear-nos, novamente, num dos documentos que ocupa um lugar de destaque no mundo das línguas – o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.

1.4. Análise dos descritores do QEQR: as competências relacionadas com as EIs

O QEQR, como já referimos, é um dos documentos fundamentais para o ensino de línguas estrangeiras e, por essa razão, pensamos que é essencial analisar as suas próprias descrições das competências relevantes para o ensino de uma LE e, em específico, onde podemos inserir as EIs e onde o conhecimento destas contribui para a aquisição dessas determinadas competências. Este documento divide “As competências do utilizador/aprendente” (2001: 147) em duas grandes categorias: gerais e comunicativas da língua. Dentro dessas duas grandes categorias encontram-se todas as subcategorias existentes. Até aqui ainda não mencionámos as competências gerais mas temos de o fazer porque há um elemento fundamental para a compreensão do objeto de estudo do presente

trabalho: a consciência/competência sociocultural. A primeira vez que este conceito é apresentado é com a frase “Deve ter-se presente que o desenvolvimento de uma proficiência comunicativa envolve outras dimensões para além da dimensão estritamente linguística (p. ex.: a consciência sociocultural [...])” (2001: 27). O conhecimento sociocultural é definido mais à frente como:

Estritamente falando, o conhecimento da sociedade e da cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada é um dos aspectos do conhecimento do mundo. É, no entanto, suficientemente importante para merecer uma atenção especial, uma vez que, ao contrário de muitos outros aspectos do conhecimento, parece provável que este conhecimento fique fora da experiência prévia do aprendente e seja distorcido por estereótipos.

Podemos assim compreender que conhecer a sociedade e a cultura da língua estrangeira que aprendemos é muito importante para um estudante de uma LE. Para além disso, é algo difícil de aprender se não se vive no país da LE que se aprende. No entanto, é possível estudar esta parte sem viver no país dessa determinada língua e as EIs podem contribuir para esse conhecimento na medida em que transmitem cultura, valores e, muitas vezes, a história desse país e do povo. Se estas estivessem presentes nos materiais de ensino/aprendizagem da língua, se estivessem presentes nos cursos que podem existir online ou em escolas de todo o mundo e se os professores e as instituições as incluíssem nos seus programas de ensino seria possível. No entanto, como analisaremos mais à frente neste estudo, a presença das Ei não é notória. Quando o aprendente vive no país da língua que aprende é mais fácil desenvolver esta competência porque basta estar atento ao que acontece à sua volta e é sistematicamente confrontado com o uso na língua.

Num subcapítulo do QEQR que analisaremos mais à frente, com o título “As expressões de sabedoria popular” (QEQR: 170) e onde se inserem as EIs, podemos ler que “O conhecimento acumulado de sabedoria popular expresso na língua, considerado como um conhecimento generalizado, é uma componente significativa do aspecto linguístico da competência sociocultural”. Podemos ler mais adiante neste documento, referindo-se à importância de realizar tarefas com os aprendentes de uma LE, tendo em conta várias competências gerais, que o conhecimento sociocultural é “sobre o modo de vida na comunidade-alvo e as diferenças essenciais entre as práticas, os valores e as crenças nesta comunidade e na própria sociedade do aprendente” (QEQR: 219). Após termos feito estas

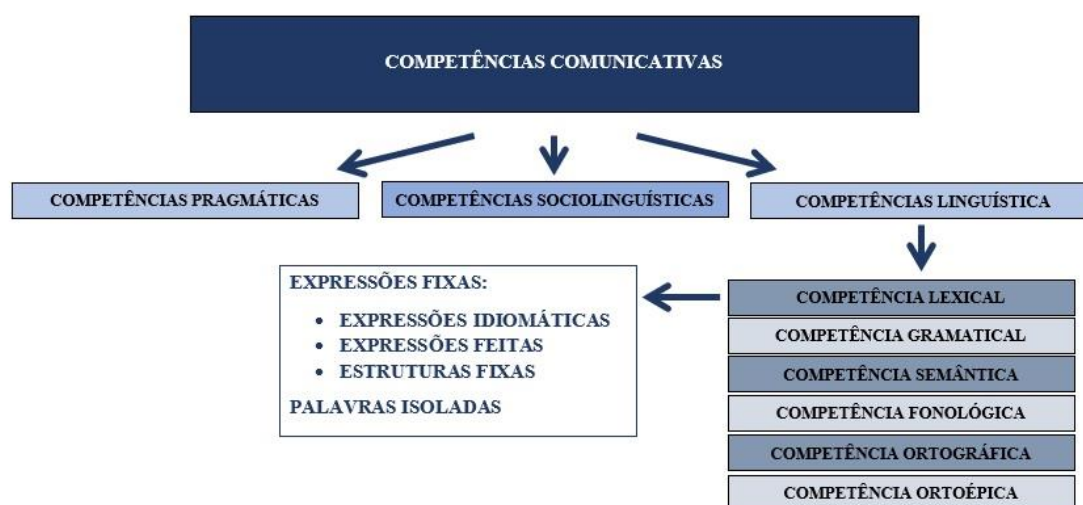
referências do QEER, e poderíamos ter feito mais porque esta competência/conhecimento é muito importante para uma língua e para quem a quer aprender e a prova disso é a sua forte presença ao longo deste documento. Uma outra competência relacionada com esta é a competência sociolinguística, anteriormente referida por ter sido mencionada por Álvarez, inserida nas competências comunicativas em língua. Podemos então referir a definição seguinte:

A competência sociolinguística diz respeito ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua. Como já foi sublinhado para a competência sociocultural, uma vez que a língua é um fenómeno sociocultural, muito do que é apresentado no QEER, especialmente no que diz respeito ao sociocultural, é relevante para a competência sociolinguística. Os assuntos aqui tratados são os que se relacionam especificamente com o uso da língua e não são tratados noutra lugar: os marcadores linguísticos de relações sociais, as regras de delicadeza, as expressões de sabedoria popular, as diferenças de registo, os dialectos e os sotaques. (QEER: 169)

Como já afirmámos, para um aprendente de uma LE ter sucesso na aprendizagem e na comunicação nessa língua deve ser capaz de selecionar a informação de acordo com as circunstâncias, locais, momentos, com diferentes interlocutores, etc. para não haver constrangimentos ou provocar momentos de embaraço para todos os intervenientes da comunicação e, principalmente, para o aprendente e para que este consiga ter sucesso em todos os seus processos de comunicação, quer oral quer escrita. A aprendizagem e conseqüente utilização e domínio das expressões idiomáticas e dos outros elementos mencionados na citação acima referida contribuem assim para desenvolver esta competência.

Voltando às competências comunicativas em língua, elas estão divididas, como já referimos, em três grandes componentes: competências linguísticas, competências sociolinguísticas e competências pragmáticas, que, por sua vez, se subdividem em mais subcategorias. O objeto do estudo que propomos insere-se nas competências linguísticas. O QEER apresenta uma breve explicação sobre as inúmeras teorias que existem há décadas “Não existe até ao momento nenhuma teoria linguística geral que seja objeto de uma aceitação generalizada. Os sistemas linguísticos são de uma enorme complexidade e a língua de uma sociedade alargada” (QEER: 156). Esta competência é assim dividida em competência lexical, gramatical, semântica, fonológica, ortográfica e ortoépica

(QECR: 157). Foquemo-nos, novamente, na primeira subdivisão, a competência lexical. Na breve descrição sobre esta competência, sabemos que “consiste no conhecimento e na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreende elementos lexicais e gramaticais” (QECR: 159). Este documento divide os elementos lexicais em “expressões fixas, constituídas por várias palavras, usadas e aprendidas como conjuntos” e “palavras isoladas” (QECR: 159). As EIs encontram-se dentro do primeiro grupo: expressões fixas, assim como os provérbios, mas em duas subclasses diferentes. Os provérbios estão no grupo das “expressões feitas” a par dos indicadores de funções linguísticas e dos arcaísmos. As EIs têm um grupo próprio onde são divididas em dois tipos: “metáforas cristalizadas e semanticamente opacas, p. ex.: *Foi sol de pouca dura*” e “intensificadores. O seu uso apresenta muitas vezes restrições contextuais e estilísticas, p. ex. “*branco como a neve*” (puro) ou *branco como a cal da parede*” (pálido)” (QECR: 159). O esquema, que apresentamos de seguida, é a esquematização das descrições presentes no QECR relativamente às competências comunicativas e onde as EIS se encontram.



1.4.1. O nível mais apropriado para o ensino das EIs – analisando o QECR

O QECR constitui um dos documentos fundamentais para as línguas europeias a par com o Portefólio Europeu de Línguas. A sua análise torna-se, assim, imprescindível para compreender onde e quando é que as EIs são referidas e que tipo de tratamento lhes é dado, apesar de já terem sido referidas anteriormente em alguns momentos. No Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, as expressões idiomáticas começam a ser consideradas no nível C2 (QECR: 54), no separador “Falar”, na grelha de

autoavaliação para todos os níveis, como parte integrante das capacidades de interação oral do aprendente, pois este já deve reconhecer uma vasta quantidade de expressões e também deve saber utilizá-las nas situações mais adequadas. Apesar de ser um nível avançado não se espera que um falante de português C2 tenha as competências que um nativo possui, mas sim que saiba utilizar a língua de forma adequada e que tenha à vontade para o fazer nas mais variadas circunstâncias (QECR: 64). Neste contexto, surgem novamente as expressões idiomáticas a par com os coloquialismos, como elemento caracterizador deste nível, pelo domínio deste tipo de estruturas (QECR: 65). No separador da “Compreensão do oral geral” (QECR: 103), são apresentadas no nível B2 como uma possível dificuldade de compreensão da língua para os falantes desse nível. Esta ideia de “possível dificuldade” é retomada no separador de “Compreensão na leitura geral” (QECR: 107) ao prever-se que, apesar de os aprendentes de B2 já terem um vasto leque de vocabulário, poderão sentir dificuldade com “expressões idiomáticas pouco frequentes” (QECR: 107). Pensamos que nesta afirmação é difícil definir quais são as expressões “pouco frequentes” referidas. Consideramos que seria importante existir uma explicação ou uma nota mais longa sobre esta afirmação ao longo do QECR, para a tornar mais clara e objetiva. Para além disso, seguindo esta ideia, podemos assumir que as expressões idiomáticas “mais frequentes” já não são problemáticas para os aprendentes de uma LE deste nível? No nível C1, prevê-se que sejam facilmente compreendidas na audição de materiais audiovisuais (QECR: 110). No nível B1 pressupõe-se que seja difícil a sua compreensão em discussões formais ou informais (QECR: 117-118), o que se compreende tendo em conta que são expressões que, como já referido, o significado da expressão não resulta da soma dos significados individuais dos seus termos, e que se um estrangeiro as ouvir numa conversa pela primeira vez, sem um conhecimento prévio não as vai conseguir compreender. São consideradas como parte dos elementos lexicais, que fazem parte da competência lexical, uma das seis competências linguísticas, que são definidas e distinguidas no QECR.

As EIs relacionam-se com a competência sociolinguística que “diz respeito ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua” (QECR: 169), que está diretamente ligada ao conhecimento sociocultural, que se define por ser no sentido mais generalizado “o conhecimento da sociedade e da cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada é um dos aspetos do conhecimento do mundo”

(QECR: 148). As expressões idiomáticas inserem-se no subtópico das expressões de sabedoria popular, que é descrito como:

Estas fórmulas fixas, que exprimem e reforçam as atitudes correntes, contribuem significativamente para a cultura popular. São usadas frequentemente ou talvez referidas ou manipuladas com mais frequência pelos cabeçalhos dos jornais, por exemplo. O conhecimento acumulado de sabedoria popular expresso na língua, considerado como um conhecimento generalizado, é uma componente significativa do aspecto linguístico da competência sociocultural (QECR: 170)

Este subtópico abrange assim os provérbios, as expressões idiomáticas, as expressões familiares e as expressões de crenças, atitudes e valores (QECR: 171). É perceptível nesta citação a importância dada às expressões culturais de um país assim como à competência sociocultural. No separador da adequação sociolinguística para os vários níveis (QECR: 173) é no nível C1 que se reconhece um número significativo de expressões idiomáticas, apesar de poder existir ainda a necessidade de aprofundar o seu estudo, e no nível C2 o aprendente já tem um bom domínio sobre as mesmas e é consciente dos níveis conotativos dos significados.

Pensamos que o número de vezes que as EIs surgem neste documento para as línguas demonstra, desde já, a sua importância na língua, na cultura e no respetivo ensino. No entanto, não é referido o momento em que se deve começar a ter contacto com as EIs nem de que forma. Por isso, quando aparecem como “possível dificuldade” podemos assumir que antes já deveriam ter sido apresentadas aos alunos? Em que nível? Como? Não tendo resposta a estas perguntas, consideramos que, tendo em conta as considerações presentes no QECR, na nossa opinião é no nível B que o aprendente deve começar a ter contacto com estas estruturas, apesar das possíveis dificuldades. Estas existem porque, como veremos mais à frente neste estudo, nos manuais de PLE utilizados as propostas de ensino das EIs não estão devidamente enquadradas. Se fosse dada importância a esta categoria da língua provavelmente não existiriam tantas dificuldades. No nível B1 já deveria existir algum contacto com expressões utilizadas pelos portugueses nos media ou noutros textos disponíveis para os falantes da língua (ou para os que estão fora do país a aprender o idioma), e no nível B2 os aprendentes deveriam ser capazes de identificar cada vez mais expressões para que no nível C consigam reconhecer e utilizar cada vez mais EIs. O nível B é visto como um nível razoável para um aprendente de uma LE, no qual o aprendente já tem alguma independência nas situações comunicativas e onde já possui, ou deve

possuir, um vasto conhecimento sobre os vários constituintes da língua, nomeadamente a parte lexical e gramatical da língua. Por isso, defendemos que, apesar de não estar expresso no QECR, seria neste nível que os aprendentes deveriam começar a ter mais contacto com as EIs de uma língua. Cabe também ao professor escolher os melhores materiais para obter sucesso no seu ensino, e esta ideia é defendida no QECR ao afirmar-se que “A abordagem da metodologia de aprendizagem e de ensino tem que ser abrangente e apresentar todas as opções de um modo explícito e transparente, evitando o dogmatismo e a parcialidade” (QECR: 199). Existe uma grande variedade de materiais que podem ser utilizados, como crónicas, textos de opinião, títulos de jornais e revistas, partes de textos de autores portugueses e, inclusive, materiais de áudio como músicas ou excertos de programas de TV/rádio onde as EIs aparecem inúmeras vezes.

Capítulo 2 – Fraseologia: tipos fraseológicos

Após termos refletido sobre as competências necessárias para o ensino de uma LE, com as EIs como objeto de estudo, falemos agora desta área mais em específico. Área esta que é tão importante para a individualidade ou união de línguas, povos e culturas e que, muitas vezes, nos esquecemos dela.

2.1. Análise de alguns estudos sobre fraseologia

Antes de avançarmos para as possíveis definições e caracterização das expressões idiomáticas, comecemos pela fraseologia, disciplina que engloba, entre outros objetos de uma língua, as unidades fraseológicas. A controvérsia de opinião relativa ao objeto de estudo começa, exatamente, por aqui, por esta disciplina da linguística e pelas limitações da mesma.

Alvarez (2012: 11), num conjunto de textos sobre fraseologia e os tipos fraseológicos denominado de *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*, defende que:

É através da fraseologia que as singularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura.

Com esta definição podemos relacionar imediatamente o conceito de fraseologia e o de cultura, a relação fundamental para qualquer língua quando falamos de EIs. Através destas expressões podemos conhecer muito sobre um determinado povo ou país que poderá ser semelhante ou completamente distinto de outras populações e culturas no mundo.

Jorge (2012: 61) afirma o seguinte:

O campo da fraseologia é heterogéneo [...] A fraseologia é a disciplina que estuda o conjunto das fraseologias, enquanto subdomínio da Lexicologia, onde cabem os vários tipos de sintagmas constituídos por duas ou mais palavras [...] Da fraseologia faz parte o subdomínio da paremiologia.

Na mesma linha de pensamento, citamos Chacoto (2012: 214), que sustenta “A fraseologia ocupa-se do estudo das unidades fraseológicas (ou expressões fixas). Considerando, em geral, que as parémiias são fraseologismos com características específicas, delas se ocupa a paremiologia.”

Barbosa, também nesta mesma obra (2012: 249), associa a fraseologia a uma parte do léxico:

A fraseologia é um dos ramos das ciências da palavra que tem por objeto de estudo as ‘unidades lexicais’ constituídas de dois ou mais vocábulos ou de sintagmas e de frases, com grau variável de lexicalização [...] significa, ainda, o conjunto de frasemas de um universo de discurso. [...] refere-se, pois a dois conceitos diferentes, embora complementares. [...] é um conjunto de elementos que não são idênticos, mas que podem ser agrupados seguindo algum critério.

Mostrando a importância deste “ramo das ciências da palavra”, Mel’čuk, no seu estudo presente em *Idioms: Structural and Psychological Perspectives* (1995), afirma que “Phraseology is rather a particular field of interest that concentrates on a particular type of linguistic signs and has to deal with everything, starting with semantics and ending with phonetics. [...] That is why phraseology is so difficult, but so appealing!” (1995: 227). Em *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia* (2012) Dobrovól’skij afirma que a fraseologia pode ser entendida de duas formas “(a) a subsystem of the lexicon containing all phrasemes [...] of a given language, and (b) a linguistic discipline concerned with phraseme analysis.” (2012: 15)

Vilela escreveu *As expressões idiomáticas na língua e no discurso* e entende que a fraseologia como disciplina linguística (2012: 187)

compreende um conjunto de formas cauterizadas pela fixidez, polilexicalidade, idiomaticidade, fraseologização ou lexicalização e abrange um leque de expressões que vão desde o frasema (ou fraseologismo) típico até formas mais amplas, o equivalente a frases ou sentenças (e porventura, a pequenos textos: os provérbios)

As expressões idiomáticas que, sem dúvida alguma, são parte do ramo da fraseologia, como referido acima, podem ser definidas e vistas de formas divergentes pelos diferentes estudiosos que realizaram trabalhos sobre este objeto, mas a verdade é que, das obras recolhidas e analisadas, é possível encontrar traços comuns em todas as suas definições.

A idiomaticidade e o seu carácter indecomponível são duas das características inerentes às EIs como podemos comprovar com a análise das seguintes definições apresentadas.

Jorge e Jorge (1997: 11) afirmam que “A idiomaticidade oferece-nos a possibilidade de enriquecer o nosso idiolecto, actualizando-o constantemente.”. Também relativamente à idiomaticidade, Rio-Torto (2012: 397) argumenta que: “Idiomaticity emerges when the global meaning of the whole cannot be compositionally computed taking into account the meanings of the parts”. Começamos com estas afirmações porque, ao longo deste capítulo, esta noção de necessidade de compreensão do sentido da EI analisando a frase como um todo e não pelos seus termos individuais, é partilhada por todos, assim como o facto de as EIS enriquecerem a língua, como defende Jorge (2012: 80) “a linguagem idiomática confere à língua um carácter mais metafórico, logo mais rico, mais expressivo, menos literalizante e denotativo. Uma língua mais metafórica é mais viva, criativa e original”. A autora também afirma que “é a fraseologia que dá ao texto o discurso um determinado tom, um estilo e que reflecte valores comuns e partilhados e uma base cultural metafórica comum” (2012: 80-81).

Santos, na sua obra *Novos Dicionários de expressões idiomáticas* (2000: 9) afirma que:

As expressões idiomáticas são uma das manifestações mais relevantes das potencialidades criadoras de uma língua, como o demonstram eloquentemente a riqueza das suas imagens, a originalidade das suas metáforas, a variedade e maleabilidade das suas formas estruturais.

Para além de demonstrarem capacidade imaginativa, o autor defende que possuem experiências históricas, percepções imediatas e reacções espontâneas a fenómenos efémeros, valores morais e atitudes sociais (2000: 9).

Xatara define no seu trabalho, *Tipologia das expressões idiomáticas*, uma EI como “Uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (1998: 170). Esta breve e precisa definição consegue reunir quatro características muito importantes presentes nas EIs: a sua inseparabilidade, conotação, cristalização e tradição. Anos mais tarde, a autora define EI como uma “unidade lexical com traços categoriais próprios e com relações sintático-semânticas e pragmáticas regulares dentro da irregularidade das construções fixas, é possível pensar em sua sistematização no ensino/aprendizagem.” (2001: 52).

Vilela, no seu estudo (2002: 162-163) e utilizando o termo “fraseologias” criou uma definição bastante completa e que complementa as ideias da definição acima referida:

Entendemos assim por fraseologias combinações de palavras (ou grupos de palavras) relativamente estáveis cujo significado global interno de uso difere do significado global externo de uso dos constituintes individuais em combinações livres. No interior das fraseologias as palavras perdem o seu significado individual e constituem em conjunto um significado fraseológico novo, transposto, idiomatizado [...] trata-se de unidades polilexicais [...] que se caracterizam pela idiomaticidade (total ou parcial), pela lexicalização e reproduzibilidade e ainda, no discurso, caracterizadas por uma alta capacidade textualizadora [...] e por uma capacidade comunicativa muito rica.

Vilela, nesta definição, abrange a relativa estabilidade da EI, a sua idiomaticidade, lexicalização, reproduzibilidade, capacidade textualizadora e a rica capacidade comunicativa. Utiliza para além de “combinações de palavras” a expressão “combinações fixas (diria mesmo, congeladas) de uma dada língua” (2002: 160). Este último termo “congeladas” leva-nos novamente ao fenómeno da cristalização das EIs numa língua, já mencionado anteriormente. Também tocando neste termo, passamos a citar novamente Jorge e Jorge (1997: 11) que afirmam:

As EIs são bocados de discurso, são palavras combinadas que foram cristalizando os laços que as unem ao longo de anos de História, estabelecendo entre elas as relações finitas e restritas, tanto sintácticas como semânticas.

Continuando a defender a ideia de idiomaticidade presente nas EIS, mas desta vez utilizando os termos “unidades fraseológicas”, passamos a citar, novamente, Álvarez que afirma: “la mayor parte de las unidades fraseológicas (UFs), incluyendo las parémias, presentan idiomaticidad. Es decir que el significado global de una UF no es deducible del significado aislado de cada uno de sus elementos constitutivos” (2012: 172), assim como Riva que argumenta: “As UFs são grupos de palavras com combinação estável cuja decomposição semântica é contrária ao pensamento lógico do usuário.” (2012: 318)

Resende, no seu estudo *O tratamento dado às expressões idiomáticas em sala de aula*, defende que as expressões idiomáticas são “construções com mais de um termo constituinte e que assumem um carácter metafórico. Logo, sua compreensão não ocorre apenas com o aprendizado literal dos componentes linguísticos, sendo imprescindível, também, o contexto de uso.” (2012: 1). Resende traz-nos um elemento fundamental no ensino de expressões idiomáticas: o seu contexto, fator essencial para uma mais eficaz

aprendizagem das EIs que iremos defender e exemplificar no Capítulo 3. Na mesma linha de pensamento, Fernandes defende que o significado das EIs “pouco ou nada ter a ver com o significado individual dos seus elementos constitutivos nem com as propriedades sintáticas que estes verbos apresentam nas suas construções livres.” (2008: 101)

Chacoto (2012: 214) delimita o conceito de “Fraseologismo” como:

Por «Fraseologismo» ou «unidade fraseológica» entenda-se o conjunto de elementos linguísticos compostos (ou seja, o conjunto de elementos linguísticos que sofreram um processo de lexicalização), institucionalizados pelo uso, fixos, cujo grau de idiomaticidade (não-composicionalidade do sentido) pode ser maior ou menor [...] estes fraseologismos, se bem que sejam fixos, podem apresentar variação (mas, nesse caso, as variantes também estão lexicalizadas, sendo a variação condicional pelo uso).

A autora acima referida propõe uma distinção inicial entre provérbios e “expressões idiomáticas ou expressões fixas”, distinção que será abordada no subcapítulo 2.2, e define as EIs da seguinte forma (2012: 160-161):

Quanto aos fraseologismos de carácter não proverbial, também designados expressões idiomáticas ou expressões fixas [...] caracterizam-se pela polilexicalidade, pela não-composicionalidade do sentido, pela fixidez e pela opacidade semântica. [...] quanto maior for a opacidade semântica maiores são as restrições sintáticas.

Alvarez, defende no seu doutoramento, em 2000, que “As expressões idiomáticas através da sua representação metafórica, caracterizam um conceito já denominado por uma palavra dando-lhe concretização e tomando-o mais expressivo.” (2000: 73) um dos recursos das expressões idiomáticas é, exatamente, a sua expressividade no momento de comunicação da qual o falante se serve quando quer dizer algo com mais expressividade, este tema será abordado mais à frente, no Capítulo 2. E acrescenta (2000: 73) ainda:

as expressões idiomáticas refletem o lado dinâmico da língua, a sua adaptação constante às necessidades comunicacionais do momento, tanto que podem desaparecer [...], se bem que muitas ficam e se incorporam ao inventário lexical da língua.

Podemos reconhecer mais uma característica inerente à expressão idiomática: o seu dinamismo. Uma EI surge na língua por diferentes fatores e pode, ou não, manter-se na mesma. Tudo depende de os falantes da língua quererem ou não utilizá-la e repeti-la, fazendo assim com que se fixe ou, pelo contrário, pode não ser utilizada pelos falantes, o

que faz com que desapareça rapidamente ou com o passar do tempo. Alvarez (2000: 269) diz-nos também que “a expressão idiomática é uma unidade de significação associada a uma estrutura indecomponível e relativamente estável ao longo do tempo”. A expressão idiomática pode ser vista como uma herança linguística e cultural, que é passada de geração em geração pelos nativos de uma língua. Este será um ponto fundamental a defender ao longo deste estudo.

Mais tarde, Alvarez (2012) descreve alguns dos efeitos que o falante quer causar ao usar as EIs, assim como o seu contributo para o dinamismo da língua, de cada cultura e importância na história de um povo ou época – temas que serão abordados mais em detalhe neste trabalho:

As unidades fraseológicas estão ao serviço da expressividade e do pitoresco, da emotividade e da oralidade, fazendo constantemente um apelo ao exagero e à ironia, à persuasão [...] que deixam transparecer, quase sempre, cargas emocionais. Elas apresentam-se como expressões vivas da língua, muitas vezes de cunho único, especificidades das culturas. (2012: 358)

No sentido do carácter cultural das EIs, Adelnia e Dastjerdi, no seu estudo *Translation of Idioms: A Hard Task for the Translator* (2011), referem-se às expressões idiomáticas como “idioms” e afirmam que: “Idioms are linguistic expressions or lexical items representing objects, concepts or phenomena of material life particular to a given culture. They are necessary to any language in order to keep the local and cultural color of that language.” (2011: 879). Alvarez mostra ser da mesma opinião ao falar de fraseologismos e “linguagem idiomática”:

A linguagem idiomática formou-se através da ligação de palavras, estabelecendo laços que o tempo selou e imortalizou, ou seja, o homem criou as unidades fraseológicas utilizando o caudal léxico da língua, a comunidade as aceitou, difundiu, conservou ou fez desaparecer. (2012: 374-375)

Concluimos esta breve revisão bibliográfica reafirmando importância das EIs na cultura de um povo e da língua, tal como pretendemos defender neste estudo. Podemos constatar que a sua importância e necessidade numa língua são defendidas por vários autores, de várias nacionalidades, que certamente terão nas suas línguas maternas diferentes EIs que fazem parte da cultura e riqueza linguística. Se temos um recurso tão rico em expressividade e cultura, que pode ser usado para diferentes fins, que nos permite refletir e talvez compreender a mentalidade de um povo, os seus costumes e valores porque não

o devemos ensinar a um aprendente de PLE que, certamente, terá interesse nestas estruturas da língua?

2.2. O Provérbio e a Expressão Idiomática

Dentro dos tipos de fraseologismos encontramos dois que, à primeira vista, podem ser compreendidos como sinónimos: o provérbio e a expressão idiomática. Contudo, se fizermos alguma pesquisa, compreendemos que estes possuem algumas diferenças entre si que nos permitem distingui-los. No entanto, como vamos perceber ao longo deste capítulo, não é fácil definir claramente as barreiras que os dividem. Dobrovól'skij (2012: 23), defende que

There is a long tradition to subsume proverbs together with sayings under the umbrella term “paremias”. This is understandable because it is extremely difficult to differentiate between these two classes in every single case, though their prototypical exemplars show clearly identifiable distinctive features.

O provérbio e a expressão idiomática num primeiro momento podem ser compreendidos como sinónimos devido ao seu carácter e origem popular, e também por serem considerados “frases feitas”. Santos afirma que nas EIs se ouvem “ecos da sabedoria popular que as aproxima dos provérbios.” (2000: 9). No entanto, há características que nos ajudam a perceber a diferença entre estes dois objetos de estudo. Não será nosso objetivo apresentar uma análise exaustiva das diferenças entre estes dois enunciados, mas alguns dos traços que nos permitem diferenciá-los.

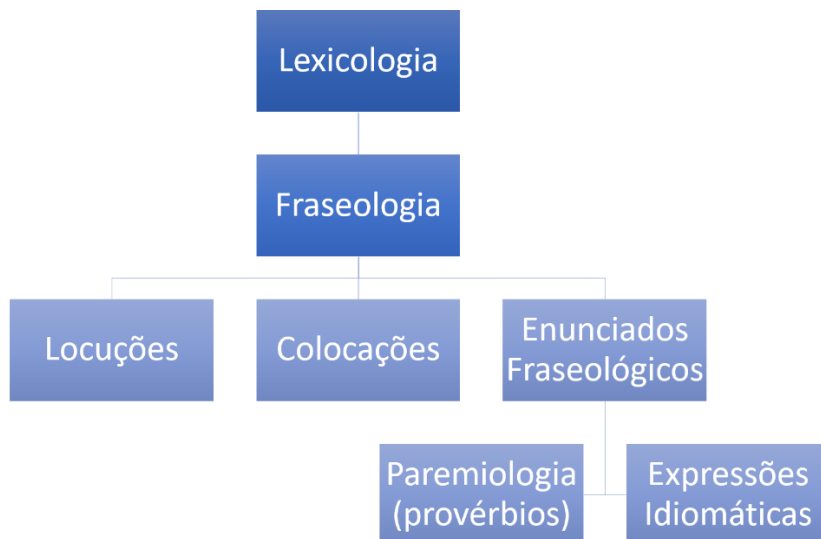
A principal diferença entre estes dois tipos de fraseologismos é que o provérbio é autónomo e independente do texto onde possa estar inserido e o mesmo não acontece com a expressão idiomática que não é autónoma e se adequa ao contexto onde se insere. Neste caso o sujeito pode adaptar-se, assim como o verbo (se existir), por exemplo, a expressão “custar os olhos da cara” pode variar em tempo verbal: “custou os olhos da cara” ou “custa os olhos da cara” e pode ter diferentes sujeitos “custou-me os olhos da cara” ou “custou-lhe os olhos da cara”. O provérbio não permite variações morfológicas nem sintáticas, por exemplo, “quem tem boca vai Roma”, não deixa espaço para variação, ninguém pronuncia este provérbio de outra forma porque é uma forma invariável. Tem também um carácter e um legado universal, transparente semanticamente, com um cariz moralizante, pretende transmitir algum ensinamento com valores universais. Por

exemplo, o provérbio acima referido, tem como moral o facto de que se uma pessoa for “desenrascada” e tentar chegar a algum lado fisicamente ou metaforicamente consegue se esta se esforçar por isso. Devido a esta universalidade pode ser mais facilmente reconhecido por um estudante de PLE pela sua forma. Para Dobrovol’skij existem três características que distinguem o provérbio: a verdade geral que está contida no provérbio, a ideia de recomendação ou conselho e o facto de este ter sempre como base o conhecimento universal e partilhado por todos (2012: 23-24). Por isso, este autor define o provérbio como “a phraseme having a sentence structure, general rather than specific validity, expressing recommendation (advice, moral admonition or prohibition) and/or explaining a given situation from the viewpoint of naive logic.” (2012: 25).

A expressão idiomática, como já conseguimos perceber, através das definições analisadas no capítulo anterior, é opaca semanticamente, é incompreensível se tentamos perceber os seus termos individualmente e, para além desse fator, pode ter duplo sentido – literal e figurado. Por exemplo: “atirar areia para os olhos” significa “enganar” figurativamente ou “a ação de alguém atirar areia para os olhos de outra pessoa” literalmente, e essa dualidade não se verifica no provérbio, o que facilita a sua identificação, compreensão e possível utilização posteriormente.

Resende (2012: 3) defende que uma das principais características das EIs é o seu carácter conotativo, à semelhança com o carácter dos provérbios, mas estes últimos diferenciam-se por transmitirem algum ensinamento, ao contrário das EIs.

No entanto, alguns estudiosos argumentam que os provérbios e as expressões idiomáticas são semelhantes. Schenk, em *Idioms: structural and psychological perspectives*, defende que “next to phrasal idioms, proverbs and the collocates in collocations are idiomatic expressions because they exhibit a deficient syntactic behavior that is similar to that of phrasal idioms.” (1995: 255). Alguns estudiosos questionam-se sobre como devemos classificar os provérbios, Dobrovol’skij defende que “Proverbs seem to have more points of intersection with ethnography, cultural anthropology or folklore research than with phraseology” (2012: 23). Não sendo a distinção entre estes dois termos o nosso foco neste estudo, consideremos as EIs como uma sub-categoria dos enunciados fraseológicos, lado a lado com os provérbios. Consideramos assim útil a análise do seguinte esquema:



Consideramos a análise deste gráfico uma forma de resumo de ligações e conceitos que temos vindo a abordar ao longo deste estudo. Colocamos assim o campo da lexicologia a abranger a disciplina da fraseologia. Esta, por sua vez, abrange locuções, colocações e enunciados fraseológicos. Os últimos mencionados são os pertinentes para este estudo, por isso, são aqueles que têm mais relevância para a nossa análise. Os enunciados fraseológicos são divididos em expressões idiomáticas e provérbios (paremiologia). Segundo a nossa perspetiva, podemos afirmar que as EIs e os provérbios pertencem à mesma classe, os enunciados fraseológicos. No entanto, podemos afirmar que dentro da mesma classe possuem características diferentes, já mencionadas anteriormente neste capítulo, o que permite a sua distinção.

2.3. EIs como um recurso da língua – a importância de aprender EIs

Utilizamos as EIs nas diferentes formas de comunicação ao longo dos nossos discursos e com diferentes fins. Amaral (1947), decidiu enumerar os vários fins da utilização de EIs no discurso. O primeiro fim apresentado é a ironia. Este autor afirma que “Na ironia podemos encontrar certa gradação que vai do sarcasmo ao eufemismo, espraiando-se pela zombaria, pelo motejo ou pelo remoque, ou anichando-se na antífrase ou na paremia, isto é, na significação intencional de um provérbio.” (1947: 444). Relativamente ao emprego das EIs no discurso dos portugueses e ao facto de estes as utilizarem sem se aperceberem realmente de que o estão a fazer, o autor afirma o seguinte:

O génio verbal do povo português criou em frases de cotio excelências de ironia, que passam despercebidas pelo frequente emprego, mas que nem por

isso deixam de contribuir para tornar a língua portuguesa um extenso e variado repositório de fraseologia viva, cheia de valores artísticos. (1947: 444)

Após a ironia, o autor refere a ênfase, descrevendo-a como “ditos portuguesesíssimos, cuja característica é a força da expressividade, é a violência de sentido ou de imagem, dições cuja virtude está no magistral emprego de exageros, que são, no entanto, boa imagem de verdades fortes que se têm para dizer.” (1947: 445-446) e de seguida fala-nos do oposto, de uma “imprecisão intencional” (1947: 446). Para o autor o paradoxo ou o contraste de certos fraseologismos servem para dar a estes “um jogo de paradoxo semântico de invulgar poder frásico.” (1947: 447) e também faz referência às antíteses, que para o autor são “as oposições que visam ao realce das ideias.” (1947: 447) pensamos que podemos exemplificar esta ideia com a EI “não ter pés nem cabeça” ou “fazer do pé para a mão”. Para finalizar os comentários sobre os valores das EIs no discurso, o autor (1947: 149-150) afirma:

Seria um nunca acabar a enumeração de modos de dizer pitorescos do nosso idioma.

Como aquela criança que se vê enleada na escolha ao colher flores em vasto campo delas coberto, assim nos veremos ao procurar colher flores expressivas no vastíssimo campo da nossa fraseologia.

Também sobre os valores das EIs no discurso, Santos (1990) afirma que as EIs servem para vários fins “indo da sugestão poética ao realismo prosaico, do comentário irreverente ao conformismo dócil, da ironia subtil à rude fraqueza.” (1990: 9). Alguns anos mais tarde, Xatara (1995), também na linha dos autores já referidos, decide dividir os vários valores das EIs em: assertivo, eufemístico, enfático e irónico (1995: 201-202). Vilela (2002), na mesma linha de pensamento, enumera os diferentes tipos de expressividade que alcançamos, através das EIs: intensificar, ironizar, rimar e suavizar (2002: 183-184). Como afirma o autor “trata-se de um amplo leque de conotações onde a expressividade tem múltiplos “portais” sempre disponíveis para a ironia, para o implícito, para a inferência, para a avaliação, normalmente, de pendor negativo” (2002: 184).

Jorge e Jorge (1997) defendem que o discurso publicitário, por exemplo, recorre a estas unidades como forma de seduzir, persuadir ou convencer o público (1997: 11). As autoras também defendem o valor argumentativo da linguagem idiomática:

um forte poder de persuasão, repleta de valores argumentativos, com um lugar privilegiado na publicidade e nos textos por excelência argumentativos. Esta

linguagem presta-se também aos jogos de linguagem, à subversão da própria linguagem, provocando o riso, a ironia. (1997: 18)

Concordando com os valores acima descritos, passemos a uma exemplificação simples e eficaz.

- Comprei um telemóvel muito caro!

- Comprei um telemóvel que me custou os olhos da cara!

Lendo estes dois enunciados, parece-nos evidente que o segundo é mais expressivo e dá mais força à ideia de “caro”. Quando um nativo quer enfatizar a ideia de algo caro utiliza esta expressão de forma natural e o efeito pretendido é conseguido, como defende Jorge (2012) “A fraseologia interage com o discurso, é discurso, e reforça a expressividade do enunciado” (2012: 62). Podemos assumir que, para os nativos que leem os enunciados referidos acima, a diferença é óbvia, no entanto, será que um aprendente de PLE terá a mesma reação? Terá o mesmo entendimento sobre os valores expressos? Talvez possa ter se existir uma EI semelhante na sua LM, no entanto, tendo em conta a ausência de ensino sobre EIs, a maioria dos aprendentes, provavelmente, não perceberia esta diferença.

Parreira e Matias (2011) afirmam o seguinte:

As EIs exercem várias funções, uma delas é a de simplificar uma argumentação, permitindo ironizar ou sugerir algo que não se ousa falar diretamente. Desse modo, elas exigem uma interpretação, sendo assim, seu domínio possibilita que se conheça ainda mais o idioma. (2011: 3)

Alvarez (2012) acrescenta ainda que as EIs “permitem aos falantes desabafar as tensões, os sentimentos, as emoções [...] a ironia, o sentido trágico e gracioso da vida etc.” (2012: 12). A autora declara que as unidades fraseológicas são, como já referimos, expressões vivas e únicas, muitas vezes, numa língua e “especificidades das culturas, transportadas pela inerência da sua expressividade e emotividade, expressa nos relatos da vida, cheia de densos significados humanos, políticos e ideológicos.” (2012: 358). Nesta definição, para além das diferentes razões pelas quais utilizamos as EIs, deparamo-nos com a ligação entre EI e o seu dinamismo, ou seja, o facto de serem expressões vivas, que podem permanecer durante décadas numa língua ou desaparecerem pela falta de uso, assim como a sua unicidade e ligação intrínseca à cultura de um país e/ou povo.

2.3.1. Aprender e ensinar EIs? Porquê?

Após termos referido a importância da utilização de EIs no discurso, vejamos agora, mais concretamente, a relevância de aprendizagem e ensino de EIs. Relativamente à utilização de EIs no discurso, Jorge e Jorge (1997) afirmam que “aumenta o valor argumentativo dos enunciados e desencadeia noções como a partilha e a convivência, acentuando o êxito da comunicação e tecendo relações mais profundas entre os intervenientes” (1997: 12) por isso, as autoras também defendem que “a inserção destas expressões no processo de ensino/aprendizagem só poderá beneficiar esse processo” (1997: 19). Fazendo a comparação entre utilizar EIs na LM e na LE, as autoras afirmam:

Tanto a língua materna como a língua estrangeira encontrarão nas expressões idiomáticas uma outra maneira de se dizer, oferecendo aos aprendentes uma outra motivação, uma outra dinâmica da língua. (1997: 19)

Lima e Álvarez (2011) escreveram um trabalho dirigido aos aprendentes de espanhol como língua estrangeira, mas que podemos adequar ao caso de PLE e as autoras defendem que aprender EIs é importante por cinco fatores principais. Os dois primeiros incidem sobre uma melhoria da compreensão e expressão escritas e orais dos aprendentes. Em terceiro lugar permitem ao aluno conhecer o legado cultural de algumas EIs e isto pode ajudar o aluno a “explicar comportamentos, atitudes, formas de vida, modos de pensar e, assim, promover um aprendizado intercultural que busca o respeito pelas culturas distintas.” (2011: 73). Em quarto lugar as autoras consideram que aprender EIs é uma necessidade real pois estes querem expressar-se e querem utilizar as EIs que na sua língua materna utilizariam no discurso e querem também fazê-lo na língua que estão a aprender, por vezes podem tentar a tradução direta da LM para a LE mas nem sempre a tradução literal funciona. Por último, o facto de as EIs aparecerem em exames oficiais de LE, no caso de PLE, nos exames do CAPLE. Em anexo, apresentamos exemplos num exame DIPLE – nível B2 – (anexo 10).

Seguindo outro estudo relativo à importância do ensino/aprendizagem de EIs, Martínez (2012), dirigido aos aprendentes de espanhol como LE, mas que podemos adequar igualmente ao caso de PLE, as EIs também devem ser ensinadas por cinco razões principais, muito próximas da linha do estudo apresentado acima, vejamos quais são as suas razões. A primeira é que estas se encontram contempladas no Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas, como já o comprovámos no capítulo anterior; em

segundo lugar devido à existência de perguntas sobre EIs nos exames de língua, como já referimos anteriormente e comprovámos esta presença (anexo 10); em terceiro lugar devido aos nativos utilizarem estas expressões nas produções orais e escritas, como podemos verificar facilmente no Capítulo 3; a razão número quatro é o facto de estas expressões serem um reflexo da cultura específica de uma sociedade e, por último, o facto de os fraseologismos existirem em todas as línguas e um estudante de uma LE quer ser capaz de dizer nessa nova língua tudo o que poderia dizer na sua língua materna (2012: 97-98). Apesar de já termos admitido a dificuldade de ensino e, conseqüentemente, aprendizagem de fraseologismos, a verdade é que, se em todas as línguas existem EIs, o aprendente vai compreender o porquê da sua presença numa LE, porque certamente também na sua LM tem expressões idiomáticas que podem ter uma equivalência direta ou não em ambas as línguas. Citando novamente Martínez “el aprendiz de una lengua extranjera no es un terreno fraseológicamente virgín, es decir, todos los hablantes tienen un conocimiento intuitivo de refranes y locuciones de su lengua materna.” (2012: 101). Lima e Álvarez (2011), relativamente às EIs, dizem-nos que estas “além de serem um ponto de partida de possíveis aulas, traduzem a cultura, pois sua origem normalmente é popular e ancestral.” (2011: 69). Como já defendemos anteriormente, consideramos fundamental que um aprendente ao estudar uma LE ou L2 compreenda também a cultura da língua que estuda, pois, assim compreenderá igualmente a cultura do país e dos nativos. Foquemo-nos neste tópico no seguinte subcapítulo.

2.4. EIs como herança cultural e meio para expressar valores humanos (culturais)

Citando novamente Amaral (1947), o autor afirma o seguinte:

Na língua portuguesa a fraseologia é dotada de uma grande variedade de processos de imaginação. São muitos os valores figurativos, e a todos os aspectos da vida foi buscar inspiração o génio expressivo do nosso povo.

Temos expressões e provérbios inspirados na observação da natureza, em usos e costumes, em filosofias práticas da vida, em todos os factos e ambientes que prendem a imaginação, a atenção, e traduzem a experiência que vem do Viver. (1947: 484)

O autor cita vários exemplos de fraseologismos portugueses, infelizmente não relacionados com as EIs do corpo humano. No entanto, há um elemento cultural que pensamos ser útil referir para que se possa perceber com exemplos mais claros o que este

autor quer dizer com a citação acima mencionada. Esse elemento cultural é: o oceano, a água, o mar e o autor compara a língua portuguesa a “outras línguas cultas” (1947: 487) e verifica que não é possível uma tradução literal dos fraseologismos portugueses que possuem relação com os elementos já mencionados porque não fazem sentido na cultura dessas línguas como fazem na cultura da língua portuguesa. Também refere a vida rural presente em vários fraseologismos portugueses, assim como elementos como a “sardinha” tipicamente portuguesa. Para além da sardinha, podemos também pensar no bacalhau ou no carapau, alimentos tradicionalmente utilizados na cozinha dos portugueses e podemos lembrar-nos rapidamente de fraseologismos com referências a estes elementos.

No trabalho de Álvarez, o autor cita Sevilla (2012: 174) que afirma que “[l]a sabiduría popular ha pasado durante siglos de padres a hijos por tradición oral condensada en *paremias* os enunciados sentenciosos y breves que adoptan diversos tipos (refranes, frases proverbiales, dialogismos, sentencias, máximas, etc.)”, na mesma linha de pensamento, cita também um paremiólogo grego, Dimitrios Lukatos, que defende que as parémias:

Son sabias herencias de los siglos, que a través de la conservación oral han pasado de generación en generación enseñando sus experiencias y dando tipos fijos de alegorías y símiles necesarios para apoyar o fundamentar el discurso popular. (2012: 174)

Sendo estas expressões algo que é passado de geração em geração e sobrevivente a vários períodos históricos e políticos de um determinado país e/ou povo, acreditamos poder utilizar os termos “herança cultural” para a sua designação. Como já o admitimos anteriormente, algumas das expressões idiomáticas que surgem podem não ser utilizadas o suficiente para que sejam passadas para outra geração e simplesmente desaparecem da língua, mas sabemos que há inúmeras expressões que estão na nossa língua há décadas e que são utilizadas por avós, filhos, netos e, talvez, bisnetos, e a prova deste fenómeno é a utilização de uma EI num texto de há décadas e utilizada hoje em dia, sem qualquer surpresa por parte de quem lê ou ouve o texto.

Jorge e Jorge (1997: 11), declaram que as EIs:

Constituem um campo rico em expressividade e sabedoria popular. Nelas se encontram registados traços de ontem e de hoje que descrevem os homens, as relações entre eles e, no sentido mais lato, a própria sociedade.

E acrescentam (1997: 17):

Foi o povo que deu voz a esta linguagem, que a construiu e nos legou ao longo de anos, de séculos de vida, uma linguagem que transporta a sua história, os seus valores, as suas crenças, os seus receios, as suas alegrias, as suas tristezas.

Quando uma língua é ensinada, tudo o que está relacionado com a língua, com o povo ou com o país onde se fala essa língua deve ser igualmente ensinado. Por isso, como defende Martínez, “resulta ineludible aprender las unidades que más fielmente reflejan y transmiten la cultura correspondiente a esa lengua” (2012: 97). A verdade é que quando um aprendente de uma LE se depara com uma EI nessa nova língua, não será totalmente estranho porque este, certamente, terá EIs na sua LM. As línguas europeias, principalmente, têm muitas semelhanças tanto na forma sintática como morfológica e semântica. O facto de as línguas europeias terem um passado histórico, religioso e cultural comum pode ser um dos fatores de uniformidade das mesmas. Relativamente às semelhanças entre as EIs nas diferentes línguas, Álvarez defende que

las similitudes en el campo de las Ufs y paremias pueden deberse a paralelos casuales, a factores genéticos o inclusive al carácter universal de conceptualización de entidades dadas y no solamente a la interculturalidad; por lo que, según el objetivo de la investigación, muchas veces es necesario determinar el origen de las similitudes. (2012: 174)

O mesmo autor afirma que, relativamente às semelhanças e diferenças no estabelecimento de equivalências interlinguísticas de Ufs e parémias, estas estão enraizadas na cultura. No entanto, diz-nos também que nem todos os fraseólogos e paremiólogos se baseiam nos mesmos critérios para determinar equivalências, nem têm a mesma opinião em relação ao que é a equivalência exata entre Ufs e parémias de várias línguas (2012: 175). Não sendo este o foco do nosso trabalho, sigamos a linha de pensamento de que há semelhanças entre EIs em várias línguas, principalmente entre algumas línguas europeias, podendo estas equivalências serem resultado de uma língua origem comum - o latim, de um passado comum e de valores partilhados por diferentes países. Como concluí o autor:

La presencia de elementos culturales, tanto en Ufs como en paremias, sean o no idiomáticas, es un echo indiscutible y su determinación es fundamental para el establecimiento de equivalencias fraseológicas y paremiológicas interlinguísticas. (2012: 183)

Capítulo 3 – Presença das Eis no ensino de PLE

3.1. Análise dos inquéritos a alunos de PLE nível B

A realização de inquéritos (anexo 7) a alunos de PLE, nível B, teve como objetivo mostrar que os alunos neste nível não conhecem, nem conseguem identificar as Eis, neste caso, as Eis relacionadas com o corpo humano. No entanto, acreditamos que os resultados apresentados seriam os mesmos se se tivessem selecionado outras categorias temáticas.

Os estudantes no momento da apresentação do projeto e da entrega dos respetivos inquéritos mostraram curiosidade e interesse pela temática abordada. Após uma apresentação mais detalhada, as reações começavam a ser de interesse e curiosidade, indo assim ao encontro da ideia inicial que defendemos e da importância de trazer temáticas fraseológicas para o ensino de português língua estrangeira. Apesar de a maioria dos alunos ter mostrado entusiasmo durante a realização do inquérito, alguns alunos, embora poucos, exprimiram um certo aborrecimento pela realização do mesmo. Pedimos para não utilizarem os tradutores online e para não se preocuparem com o facto de não conhecerem as Eis porque o objetivo não era fazer uma pesquisa para descobrir o significado, mas avaliar se conheciam as Eis portuguesas apresentadas.

Sendo o questionário, um questionário de escolhas múltiplas e de resposta rápida, calculámos que o tempo total de resposta rondaria os oito minutos. No entanto, não contámos com os sentimentos de frustração, gerados pela situação de desconhecimento, o que levou a que a maioria dos alunos precisasse de mais tempo para o preenchimento do inquérito. Assim, foi necessário informar os alunos que se iriam recolher os inquéritos, mesmo que não estivessem totalmente preenchidos, para que a aula pudesse continuar sem mais interrupções. Já tinham passado, entretanto, entre 10 a 12 minutos. As emoções no final do preenchimento encontraram eco nas acima referidas. Os alunos que tinham mostrado algum aborrecimento pela atividade proposta entregaram as folhas com alguma indiferença, no entanto, outros mostraram alguma desilusão por não ter conseguido terminar as tarefas.

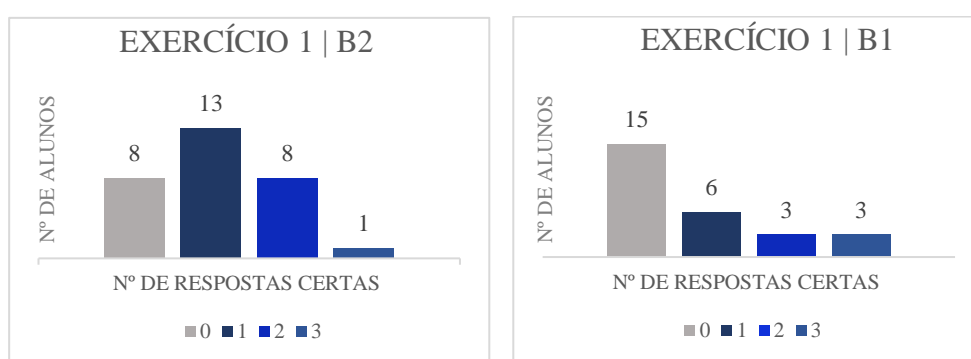
No final da sessão, um número significativo de alunos pediu-nos para fotografar o inquérito, de forma a guardar registadas as Eis apresentadas nos exercícios e outros pediram-nos para explicar algumas das Eis, começando, com a definição dada, a procurar

expressões equivalentes nas suas línguas, criando um momento interessante de diálogo entre todos os intervenientes da sessão. Estas práticas revelam, quanto a nós, o interesse dos aprendentes por esta área fraseológica.

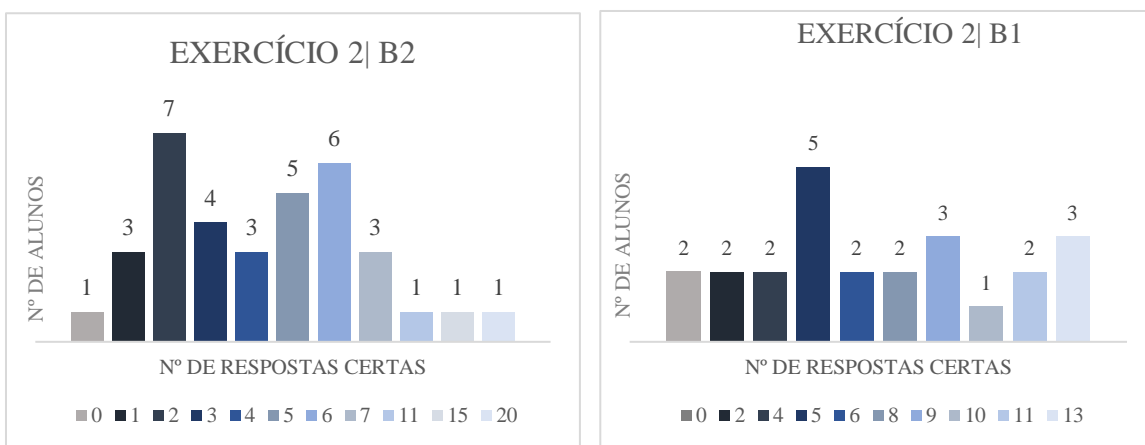
Os resultados dos inquéritos

Tendo sido já descrito na introdução desta dissertação, o inquérito era composto, no total, por trinta e oito expressões idiomáticas, divididas em quatro exercícios diferentes.

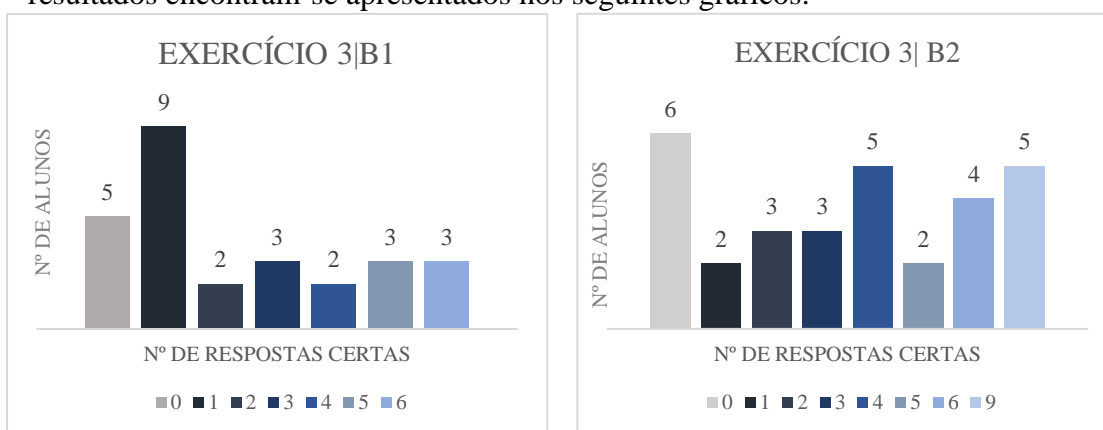
O primeiro exercício era de reconhecimento de três Eis de entre um conjunto de seis “frases feitas”, expressões idiomáticas e provérbios. No nível B1, de 27 alunos, 15 não acertaram em nenhuma Ei, seis reconheceram duas Eis, três alunos reconheceram duas e outros três reconheceram três expressões. No nível B2, os resultados foram ligeiramente distintos com menos alunos a obter zero respostas. De 30 alunos, oito não acertaram nenhuma resposta, treze acertaram uma Ei, oito acertaram duas Eis e um aluno acertou as três Eis. No entanto, apercebemo-nos rapidamente que alguns dos informantes não compreendiam a formulação inicial do exercício, que pedia para assinalarem apenas as Eis presentes no conjunto dos diferentes enunciados, acreditamos que os alunos assinalaram as frases que conheciam, pois muitos assinalaram todas. Dos quatro alunos, no total, que assinalaram os três enunciados corretos, nenhum assinalou somente esses três enunciados. Os resultados encontram-se apresentados nos seguintes gráficos:



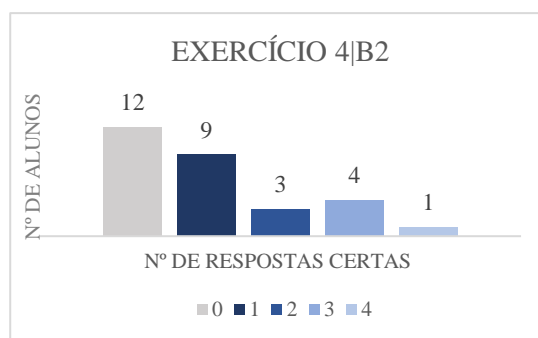
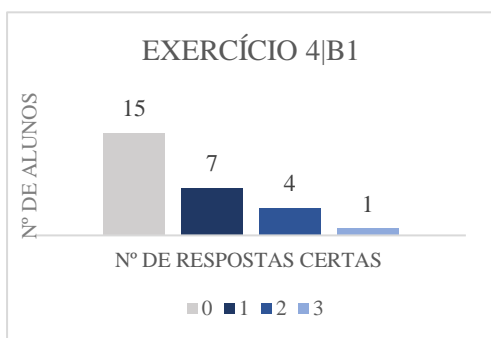
O segundo exercício era composto por vinte Eis relacionadas com o corpo humano e o enunciado pedia para os alunos assinalarem aquelas que conheciam. De nível B1, três alunos reconheceram treze expressões de um conjunto de vinte, sendo este o número máximo de Eis assinaladas. No nível B2, um aluno assinalou as vinte Eis, no entanto, analisando este inquérito em específico, o informante só obteve uma resposta certa em todo o restante inquérito (anexo 11), por isso, acreditamos que o aprendiz não devia conhecer as vinte Eis que assinalou. Em ambos os níveis, as respostas variaram ligeiramente, como mostram os dois gráficos abaixo:



O terceiro exercício era um exercício que pressupunha encontrar uma correspondência entre a EI e o seu significado, escrito por nós de forma simples e clara para que todos os estudantes de PLE conseguissem compreender. De dez Eis, uma delas já estava feita inicialmente para que os alunos percebessem o que tinham de fazer, por isso de nove respostas certas possíveis, de nível B1 três alunos acertaram seis respostas, sendo este o número máximo neste exercício e, de nível B2, cinco alunos conseguiram acertar as nove respostas. Mais uma vez temos uma ligeira variação entre os dois níveis, acreditamos que o nível mais avançado de PLE permita compreender melhor as definições das Eis e, em seguida, associá-las às Eis apresentadas por nós. O facto de ter a explicação também permite que os alunos possam pensar numa expressão na sua língua materna e, talvez, fazer analogias entre as Eis apresentadas e as que eles conhecem nas suas línguas. Os resultados encontram-se apresentados nos seguintes gráficos:



O exercício quatro era, sem dúvida, aquele que apresentava um grau de dificuldade maior, e com os resultados mais interessantes. Neste exercício pedíamos aos alunos para explicarem, de forma breve, cinco Eis. Seleccionámos cinco Eis que podiam parecer ter sido escolhidas ao acaso, mas a verdade é que possuíam algo em comum, o verbo expresso na Ei ajudava a compreender toda a expressão, porque o que se seguia era uma forma de o realçar, dar-lhe expressividade, mas o verbo era pleno e os alunos deviam ter-se focado no significado do mesmo para encontrar o significado da expressão. Este último exercício permitia mostrar se o aluno realmente conhecia ou não as Eis, porque aqui tinha de as explicar. Os resultados não foram surpreendentes para nós, no nível B1, quinze alunos não acertaram nenhuma resposta, sete acertaram uma, quatro acertaram duas e um acertou três, sendo este o número máximo de Eis certas neste nível. No nível B2 as respostas não foram muito diferentes, doze alunos não acertaram nenhuma resposta, nove acertaram uma, três acertaram duas, quatro acertaram três e um conseguiu acertar quatro respostas de cinco, sendo este o número máximo. Podemos verificar estes dados nos seguintes gráficos:



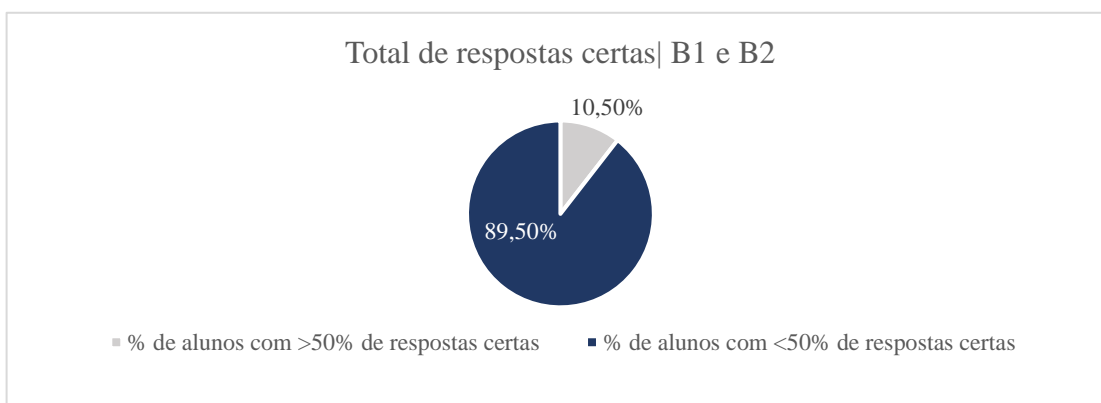
Análise global

Analisando os inquéritos de forma geral, considerando o nível B1 e B2, os resultados finais não são muito diferentes entre os dois níveis. Esperar-se-ia que no nível mais avançado de PLE o aprendente tivesse um maior leque de conhecimentos das diferentes componentes constituintes de uma língua, o que pode ajudar a compreender as Eis e associá-las às existentes na sua língua materna, o que pode levar à compreensão de uma expressão idiomática numa LE. A componente gramatical deve estar mais sólida no nível mais avançado, tendo em conta que, no nível B2, já se deve possuir um conhecimento de quase todos os tempos verbais da língua portuguesa. No entanto, tendo em conta que as formas verbais presentes na grande maioria das Eis estão no infinitivo, o aprendente só tem de conhecer o verbo e o seu significado, não é necessário um vasto conhecimento gramatical para as compreender. A nível lexical, sendo a temática do corpo humano a escolhida para este estudo, sem dúvida que o conhecimento ou desconhecimento do

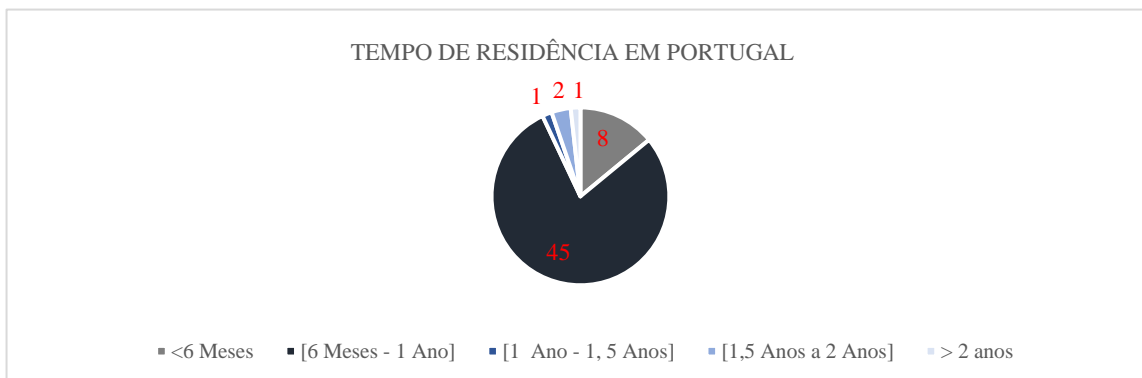
vocabulário do corpo humano seria um fator crucial no momento de compreensão das palavras presentes nas expressões por parte dos alunos. Sabemos que não é possível compreender o significado de uma Ei pelos significados individuais dos seus constituintes, mas para a realização de analogias, consideramos ser bastante importante conseguir compreender as palavras-chave da expressão pois a mesma pode existir na língua materna do aprendente e este consegue ter sucesso na compreensão da mesma em outras línguas. É normal que um aprendente de B2 tenha tido mais contacto com o vocabulário do corpo humano do que um aprendente de B1. No entanto, analisando os resultados dos inquéritos, não pensamos existir uma diferença muito significativa.

No nível mais avançado houve dois aprendentes que acertaram de 25 a 27 respostas e não houve ninguém com zero, o que não aconteceu no nível B1, onde o número máximo de respostas certas foi atingido por três alunos e foi de 22 a 24 respostas corretas. Acreditamos que a diferença de conhecimentos entre os aprendentes dos dois níveis é subtil e que, talvez, fatores como o tempo de permanência em Portugal e o contacto diário com a língua são mais determinantes no conhecimento ou desconhecimento das EIs da língua portuguesa.

Do número total de expressões idiomáticas (38) e do número total de alunos (57), apenas três alunos de nível B1 e três de nível B2 conseguiram acertar em pelo menos 50% do total, o que faz uma percentagem de 10,5%, como podemos ver no seguinte gráfico:



Apesar de estarmos à espera de resultados baixos desde o início deste estudo, tendo em conta a lacuna da presença das Eis no ensino de PLE, como iremos apresentar mais adiante neste trabalho, consideramos que este número é demasiado baixo para um tópico tão presente na vida dos nativos de português e da vida em Portugal e, por isso, também deveria estar presente de alguma forma na vida dos aprendentes de PLE que estão em Portugal há algum tempo. Como podemos ver no gráfico apresentado, a maioria dos alunos está há pelo menos seis meses a viver em Portugal.



Decidimos que devemos então tentar compreender o porquê do desconhecimento das Eis portuguesas por parte dos aprendentes de PLE em Portugal. Começamos pela análise dos manuais de PLE normalmente utilizados nos cursos.

3.2. Análise de quatro propostas de manuais de PLE nível B

Acreditamos ser muito importante analisar manuais de Português Língua Estrangeira que estão a ser utilizados nos cursos de PLE, em várias escolas e instituições, e que se encontram facilmente em livrarias quando aprendentes de PLE procuram materiais de ensino da língua. Decidimos verificar se as Eis estão presentes nos manuais e, caso não estejam, se essa ausência permite explicar a falta de conhecimento das Eis por parte dos aprendentes de PLE. Escolhemos os manuais de B1 e B2 *Aprender Português*, da Editora Texto, pois são utilizados em diferentes instituições, sendo a primeira edição de 2006 (B1) e 2007 (B2), apesar de possuímos para a nossa análise a quarta edição de ambos os níveis, respetivamente, 2018 e 2016. Defendemos que com o passar do tempo há uma crescente atualização a todos os níveis no mundo e, por isso, os materiais de ensino de uma língua também devem ser atualizados porque vivemos numa era de tecnologia, com

muitas fontes e recursos diferentes para ensinar uma língua com sucesso. Se abrirmos estes manuais, não sendo o nosso objetivo pôr em causa a qualidade destes materiais, verificamos, facilmente, que a estrutura é muito linear, é relativamente monótona, as imagens apresentadas não são cativantes, os exercícios não são apelativos e, tendo nós utilizado estes manuais com alunos de PLE, sabemos que não ficam motivados com os mesmos, pois estes são monótonos e não apelativos.

No entanto, estes manuais continuam a ser muito utilizados e comprados, podemos verificar facilmente esses dados pela quantidade de edições que já foram publicadas, mas não acreditamos que o facto de ser tão utilizado esteja ligado com o gosto dos utilizadores pelo material, mas sim com o hábito que se ganha numa instituição e nos programas de de PLE dos diferentes níveis existentes. Não sendo o nosso objetivo fazer uma análise exaustiva destes materiais, voltemos ao nosso propósito e foquemo-nos na presença ou não das Eis nestes dois manuais de PLE.

Aprender Português 1 e 2: encontramos expressões idiomáticas? Como?

Começando pelo manual de nível B1, após a leitura e análise de todo o livro, concluímos que, no total, há doze referências a fraseologismos (anexo 6), encontrando apenas duas expressões idiomáticas: “não ter mãos a medir” (2018: 107) e “pôr a conversa em dia” (2018: 110). Todas as referências encontradas estão maioritariamente presentes em textos do livro. O Caderno de Exercícios tem apenas a expressão “fora de horas” (2018: 15) e o provérbio “quanto mais depressa, mais devagar” (2018: 38) inseridos em dois textos. Sendo que estes materiais, segundo o prefácio, declaram seguir os critérios de QEQR e, lembrando que as Eis começam a aparecer no Quadro no nível B1, esperar-se-ia que as Eis estivessem mais presentes nesses materiais, pelo menos em alguns dos textos apresentados, para que o aluno pudesse ter contacto com esse tipo de estruturas, uma componente importante da língua, como é definida no QEQR, em vários pontos deste documento, como já foi analisado anteriormente.

No segundo nível do manual, de nível B2, as expressões idiomáticas encontram-se referidas uma vez no seu índice (2016: 8-9), na Unidade 8, intitulada “Usos e costumes portugueses”, sendo mencionadas nos “Objetivos específicos” através do comentário seguinte “Expressões idiomáticas que evidenciam aspetos associados à cultura

portuguesa” (2016: 9). Após a análise desta unidade verificámos que existem apenas seis fraseologismos, num único texto (2016: 110), que fala exatamente sobre a importância de aprender expressões idiomáticas e ditados populares, seguido de uma lista de expressões e os seus significados. Existe o provérbio “A mulher quer-se pequenina como a sardinha” (2016: 110) e consideramos que este tem uma explicação um pouco machista e desapropriada para ser lida por aprendentes de PLE que querem conhecer a cultura portuguesa, pois a explicação é a seguinte “Muitos portugueses são grandes apreciadores não só de sardinha, como também de mulheres, de preferência de tamanho pequeno.” (2016: 110). Na história de Portugal e do povo português existe um passado e uma tradição com valores machistas que não podemos negar, é um facto, mas lermos uma definição destas, em pleno século XXI, com as formas verbais no presente, num momento em que a mulher está a ganhar cada vez mais poder e valor e a deixar de ser vista como inferior ou um instrumento de cariz sexual, parece-nos completamente inadequado. As expressões seguintes são “foi por água abaixo” e “ficou em águas de bacalhau” e são apresentadas como expressões sinónimas com um único significado: algo que “não se concretizou, não aconteceu”. Do nosso ponto de vista, e com o apoio de dicionários fraseológicos, chegámos à conclusão que não devemos falar de sinonímia entre as duas expressões. Concordamos com a definição apresentada para a primeira, mas a segunda expressão pode simplesmente significar que algo continua parado e/ou sem avançar, não querendo dizer que algo está arruinado, ao contrário da primeira expressão que significa exatamente isso. Encontramos também a expressão “Armar-se em carapau de corrida” e, novamente, questionamos a definição apresentada “significa que alguém está a ser tolo, está a ter uma atitude não esperada”. A expressão - Armar-se em carapau de corrida – não tem o significado apresentado acima, mas sim alguém que tenta ser melhor do que os outros, de qualquer forma, o importante é exhibir-se aos outros de algo que possui ou que fez. As duas últimas expressões estão ligadas ao bacalhau “fiel amigo” e “apertar o bacalhau”. Consideramos que a definição da primeira está correta, mas o mesmo não acontece com a segunda, pois esta diz-nos que “é uma forma popular que significa “apertar a mão”, para cumprimentar”, a verdade é que deveriam ter explicado que não é usada por todas as pessoas, nem é atual, considerando que não é muito utilizada nos dias de hoje. Um aprendente que leia esta definição e queira mostrar que sabe usar estruturas mais informais de português pode pensar que deve usar esta expressão com portugueses num ambiente social e, se o fizer, poderá levá-lo a um momento de constrangimento, porque acreditamos que a maioria dos portugueses não iria reagir de forma normal se

alguém lhes dissesse esta frase nos dias de hoje. Não podemos dizer que, nesta unidade, o objetivo de apresentar Eis que “evidenciam aspetos ligados à cultura portuguesa” tenha tido êxito, por todas as observações que fizemos e pelo número mínimo de expressões apresentadas, numa unidade onde supostamente se devia falar de usos e costumes portugueses e as Eis são, sem dúvida alguma, parte integrante dos mesmos.

No total, encontrámos alguns fraseologismos (anexo 6), doze Eis, das quais apenas duas expressões idiomáticas referentes ao corpo humano “pé ante pé” (2016: 39) e “não ter mãos a medir” (2016: 170) ambas inseridas no nível B2, em textos e a segunda também num exercício para o aluno explicar o seu significado. No Caderno de Exercícios de nível B2 estão presentes apenas duas Eis do corpo humano: “andar de costas voltadas” (2016: 17) e “dão-lhe uma vista de olhos” (2016: 46) e somente mais quatro fraseologismos.

Poder-se-ia afirmar que os fraseologismos nestes quatro livros surgem em cinco categorias: títulos, textos, exercícios para explicação, exercício para substituir as expressões e um exercício com seis expressões e as suas explicações (de que já falámos anteriormente) (anexo 6).

Em conclusão, nos dois manuais e nos dois cadernos de exercícios de nível B1 e B2, foram encontradas dezasseis expressões idiomáticas e apenas cinco pertencentes ao corpo humano. A fraca presença das Eis constatada nos dois níveis analisados deverá estar, do nosso ponto de vista, diretamente relacionada com os fracos conhecimentos de Eis por parte dos aprendentes de PLE, como o demonstraram os inquéritos realizados e analisados acima.

Para além destes dois manuais decidimos analisar outros de uma editora diferente e com cerca de dez anos de diferença entre os mesmos. Referimo-nos aos manuais da Porto Editora, intitulados *Cidades do Mar*, dos mesmos níveis dos anteriores, mas estes do ano 2016. Estes manuais ainda não são muito utilizados nos cursos de PLE, acreditamos que isso se deve ao facto de serem mais recentes, mas também pela resistência à inovação e à diferença e devido aos hábitos instituídos. Sabemos que é difícil quebrar um costume, principalmente quando se fala dos programas de ensino de uma língua em que está tudo definido e se segue o mesmo plano durante vários anos. No entanto, como já referido, em pleno século XXI, a atualização torna-se inevitável, devido à proliferação de novos recursos, principalmente digitais e tecnológicos.

Cidades do mar B1 e B2: encontramos expressões idiomáticas? Como?

De imediato nos damos conta da diferença que estes manuais apresentam, tanto pelo título como pela paleta de cores escolhida. Tal como o título indica, estes manuais são divididos por cidades e cada unidade corresponde a uma cidade diferente. No nível B1 encontramos doze cidades portuguesas e no nível B2 doze cidades onde se fala português, nas outras partes do mundo. Folheando estes livros deparamo-nos com imagens magníficas das cidades apresentadas no índice de ambos os manuais. Não podemos negar que o que vemos é muito importante para gerar uma primeira impressão. Não sendo o nosso propósito analisar de forma exaustiva estes materiais vamos analisar apenas a presença ou ausência das expressões idiomáticas.

O índice projeta-nos logo para um tratamento mais rico e diversificado das EIs, nestes manuais. Três unidades referem de forma clara as EIs, no separador “Conteúdos lexicais”. A presença de fraseologismos neste manual é evidente, aparecem vários títulos das partes que constituem cada unidade, em textos e em vários exercícios. É fácil perceber a existência das EIs pela quantidade de expressões presentes (anexo 5) e, percebemos que há muitas expressões, nomeadamente EIs do corpo humano, que se repetem ao longo do livro, o que acreditamos ter sido uma forma de lhes dar importância e querer que os utilizadores deste manual as memorizem e aprendam. No total encontramos 42 EIs diferentes relacionadas com o corpo humano. O Caderno de Atividades prossegue a mesma lógica idiomática. As expressões apresentadas no manual são apresentadas novamente no caderno de exercícios o que consideramos ser uma forma de o aluno consolidar, aprender e memorizar de forma mais eficaz uma nova expressão. No total, dentro de um conjunto de muitos fraseologismos (anexo 5), encontramos dezoito EIs do corpo humano e as EIs surgem em diversas situações ou categorias: títulos, textos, exercício para explicação, exercício de oralidade, exercício de escolha múltipla, exercício de correspondência entre a Ei e o seu significado e exercício de substituição da expressão por outras palavras do aluno. No nível B2, as expressões idiomáticas são referidas duas vezes no índice do manual, novamente nos “Conteúdos lexicais”. Como as cidades apresentadas são de outros países onde também se fala português, a quantidade de fraseologismos continua a ser abundante, como se pode verificar no anexo 5. No entanto, dadas as diferenças entre o português europeu (PE) e o português falado em outros continentes, as expressões também dão conta dessas diferenças. Algumas expressões estão identificadas como sendo exclusivas de uma cidade/zona em específico e, por isso,

optámos por não considerar as Eis cujo sentido seria desconhecido em PE. Encontrámos ainda assim 43 Eis do PE relacionadas com o corpo humano e no Caderno de Exercícios encontrámos oito Eis deste mesmo campo temático. As Eis surgem nas situações seguintes: textos, títulos, exercício de lacunas, exercício de correspondência entre a Ei e o seu significado, exercício de escolha múltipla e exercício para o aluno explicar o seu significado. Destaca-se ainda a arrumação temática das Eis, e esta prática pode ter um efeito produtivo e eficaz no ensino/aprendizagem das Eis. A título de exemplo, a análise da p. 15 do Caderno de Exercícios B1, onde nos mostram um conjunto de sete Eis ligadas ao tema da culinária num exercício de correspondência entre as Eis e os seus significados, escritos de forma simples e clara. Outro exemplo, poderia ser a análise da página 72, onde temos o mesmo tipo de exercício mas com sete Eis do corpo humano “ser de trás da orelha”, “pôr a cabeça no lugar”, “fazer ouvidos de mercador”, “falar pelos cotovelos”, “dar o braço a torcer”, “fazer uma coisa em cima do joelho” e “meter os pés pelas mãos”. Nessa mesma página algumas destas Eis voltam a aparecer, desta vez num texto, o que consideramos ser uma ótima forma para os aprendentes voltarem a pensar nas mesmas e nos seus significados, sendo certamente uma forma de fazer com que o aprendente as consiga identificar no futuro com mais facilidade.

Estas divisões temáticas ocorrem nos vários livros desta coleção e no manual e no Caderno de Exercícios de nível B2, encontramos duas divisões do corpo humano: as Eis relacionadas com o pé (p.77 do manual) e com a mão (p.124 do manual e p.59 do Caderno). Estas divisões temáticas provam que é possível fazer o que propomos neste estudo: dividir as Eis por temas para que seja mais fácil e lúdico para os alunos as compreenderem. A repetição das Eis ao longo dos manuais, nos diferentes tipos de exercícios, facilita a memorização das mesmas por parte dos alunos para que estes sejam capazes de as identificar no futuro. Defendemos que estes manuais cumprem os propósitos estabelecidos nas partes introdutórias dos mesmos e a presença das Eis dá-lhes um toque único e diferente se os comparamos com outros manuais existentes.

3.3. A importância do contexto

Temos defendido até aqui a importância do ensino das Eis a falantes de PLE e temos afirmado que, em geral, os falantes de PLE não possuem um conhecimento idiomático da língua e vemos-lo por uma quase ausência do uso das Eis e outras fraseologias. No entanto,

reconhecemos, sem dúvida alguma, que este tópico da língua portuguesa não é de fácil aprendizagem nem, conseqüentemente, de fácil ensino. A forma de ensinar uma língua não é linear, esta pode variar entre países, culturas, instituições, faixas etárias, professores, entre muitos outros fatores. No entanto, há um princípio que defendemos ser fundamental no ensino de fraseologismos de uma língua estrangeira e ao qual já fizemos referência anteriormente, no capítulo 2 do estudo: o contexto. Como podemos verificar nos anexos 5 e 6, as Eis normalmente surgem em exercícios ou frases sem contexto, o que torna praticamente impossível que um aluno seja capaz de compreender o seu significado apenas pela leitura das mesmas e pela tentativa de compreensão das palavras de forma individual.

Debrucemo-nos sobre a palavra “Contexto”. No *Dicionário de Termos Literários* (1978) registamos a definição seguinte: “o contexto designa o encadeamento das palavras do texto numa sucessão inextricável, formando um conjunto que se autojustifica.” (1978: 97-98) seguindo e concordando com esta definição, defendemos que se o aprendente de PLE encontra uma Ei num contexto, este vai conseguir fazer mais facilmente uma relação entre o conjunto de palavras e não se vai focar apenas nos constituintes de determinada Ei porque “o destaque de um termo ou mais pode induzir em erro, uma vez que dependem do contexto em que se inscrevem” (1978: 98).

A contextualização das Eis traria ao seu ensino e aprendizagem uma outra dinâmica, mais eficácia, possibilitando uma compreensão mais imediata e decorrente da sua contextualização. Tomemos como exemplo a Ei “acordar com os pés de fora”, se alguém não conhece o significado idiomático desta frase, pode simplesmente juntar os significados individuais dos constituintes da expressão e pensar que alguém acordou, literalmente, com os pés de fora da cama. A verdade é que esta é uma das muitas expressões que pode realmente ter um sentido literal e um sentido figurado. Nestes casos, o contexto é imprescindível para a ativação do sentido. No entanto, podemos apresentar esta expressão num diálogo curto e simples, como por exemplo:

“-Bom dia!

-Bom dia só se for para ti.

-Então o que se passa? Aconteceu alguma coisa?

-Não quero falar, deixa-me em paz.

-Acordaste com os pés de fora hoje, foi? Está bem, não digo mais nada!”

Este é apenas um exemplo de um diálogo rápido com um contexto fácil de compreender e que pode ser adaptado às Eis existentes e pode ainda ser mais curto e com formas verbais mais fáceis. Aceitamos que o significado exato desta EI não seja entendido de imediato pelo aprendente ao ler este pequeno diálogo, porém, será óbvio que se trata de uma expressão que mostra algo negativo e que mostra que algo não está bem com a pessoa que a utiliza no discurso. Criamos desta forma uma maneira rápida e eficaz de mostrar uma Ei, explicá-la e, conseqüentemente, fazer com que seja adquirida pelo aprendente. Relativamente à contextualização, citando Ortiz (1994), Alvarez utiliza a expressão “Uma língua não existe apenas como estrutura, objetivamente transcendente ao sujeito falante, é necessário contextualizar seu uso” (2012: 13). Continuando a referir a importância do contexto, Alvarez afirma que:

O contexto, por outro lado, oferece muitos dados sem os quais é difícil chegar não apenas ao sentido, mas também, ao próprio uso da expressão idiomática. Por exemplo, quando um dicionário fornece apenas o significado de uma expressão, sem mostrá-la em nenhum contexto, o consulente pode não conseguir captar seu sentido (2012: 13)

Estando de acordo com a importância do contexto no momento de ensino de uma Ei, Xatara (1995) defende no seu estudo que as Eis devem ser sempre ensinadas “no contexto linguístico, pois a contextualização é o melhor meio de ensinar a utilizá-las no discurso” (1995: 200). Concordamos totalmente com esta ideia porque, voltando ao exemplo acima referido, o aprendente pode pensar neste exemplo quando se depara com alguém que está de mau humor e utilizar a Ei “acordaste com os pés de fora?” de uma forma natural e fluente, conseguindo aproximar-se da língua e dos nativos da mesma. A autora defende também que as Eis se podem dividir segundo diferentes tipos de registo: oral, oral/escrito, informal e neutro (1995: 200). Os aprendentes devem ser alertados para o tipo de informalidade em que a maioria das Eis se insere. No entanto, não achamos ser crucial fazer estas distinções entre os registos no momento em que se apresentam as Eis ao aprendente, dado que este mecanismo pode criar barreiras e inseguranças em relação à utilização das Eis e gerar receios sobre o uso numa fase em que o aprendente tem de armazenar e processar as estruturas idiomáticas, não sendo esta divisão, segundo o nosso ponto de vista, assim tão definida, pelo menos em português europeu. Apesar de termos a consciência de que no nosso inquérito as Eis apareceram descontextualizadas, o objetivo

foi esse mesmo porque queríamos saber se realmente os informantes conheciam e conseguiam identificar ou não as Eis e não estávamos a tentar ensiná-las aos estudantes de PLE.

Após a realização do inquérito, quando os alunos nos pediram para explicar as Eis, para além de uma explicação simples e rápida, em alguns casos criámos pequenos contextos para ajudar os aprendentes a chegar ao significado das mesmas e podemos afirmar que resultou rapidamente e que os ajudou muito. Um exemplo destas explicações foi o da expressão “custar os olhos da cara”, alguns alunos mostraram-se interessados em saber o significado desta EI e, rapidamente, foi possível explicar que a EI referia o preço elevado de alguma coisa e com duas frases simples “Isto foi muito caro!” vs. “Isto custou-me os olhos da cara!” e foi possível gerar a compreensão da EI e da ênfase e expressividade que o seu uso possibilita na comunicação, o que permitiu a comparação com a língua materna dos aprendentes, procurando a mesma ideia nas suas línguas maternas. Como defende Polónia: “É necessário criar um contexto onde a Ei “encaixe” para que se proceda à sua descodificação metafórica e se passe ao significado da situação do mundo concreto que o contexto propicia” (2009: 56). A autora realizou um estudo em que propôs uma experiência metodológica de ensino de Eis em sala de aula. Considerou o contexto fundamental no ensino/aprendizagem de Eis numa LE e, por isso, incluiu as Eis em contextos para mostrar “a importância do contexto, tanto para o ensino/aprendizagem das Eis em aula como para a interpretação (descodificação) dos seus significados” (2009: 62). A autora admite que, por vezes, um único contexto não era suficiente para que o aluno compreendesse o sentido da Ei, mas sabemos que é nesses momentos que o papel do professor é fundamental e que este deve estar preparado para criar um novo contexto ou uma explicação adicional, como diz a autora “sempre que o aluno não consegue entender a Ei só por um contexto torna-se necessário que o professor utilize a paráfrase” (2009: 65). Vários estudiosos que tentaram fazer experiências metodológicas de ensino de Eis em contexto de sala de aula afirmaram que o contexto é fundamental e que os resultados quando existe contexto são mais eficazes do que quando as Eis estão descontextualizadas.

No seu estudo intitulado “A utilização de provérbios e de expressões idiomáticas numa aula de PLE”, Mendes (2002), após ter analisado alguns manuais de PLE que incluíam Eis descontextualizadas, defende que seria possível explorar as Eis de outra forma, como por exemplo “a sua inserção contextualizada em actividades de expressão oral e escrita, permitindo, assim, um alargamento do vocabulário e um aprofundamento da componente

cultural dos alunos.” (2002: 3). Para além de ser mais fácil para o aluno compreender uma Ei quando esta está inserida num contexto, também seria positivo para que este ganhasse mais conhecimentos e tivesse mais contacto com a cultura portuguesa. Após a realização da experiência metodológica e indo ao encontro do que defendemos até aqui, a autora faz a seguinte afirmação: “Tratando-se de alunos estrangeiros, tornou-se premente a observação do contexto, em situações de desconhecimento ou de ausência de um enunciado equivalente.” (2002: 9). Outro estudo realizado no mesmo âmbito foi de Mello (2016), intitulado de “Fraseologismos em língua estrangeira: ilustração dos processos de compreensão”. Este trabalho focou-se exatamente nas diferenças de aprendizagem de uma EI numa LE, com ou sem contexto. O autor dividiu este trabalho entre os resultados das Eis descontextualizadas e das Eis contextualizadas. Em relação às primeiras, o autor afirma o seguinte:

Os sujeitos tiveram dificuldade em encontrar o significado apropriado das Eis quando essas foram apresentadas descontextualizadas, tendo sido verificado um número bastante significativo de desistência (2016: 67)

e acrescenta que “Fica evidente o nível de dificuldade encontrada pelos aprendizes para inferir o significado de Eis descontextualizadas” (2016: 68). Em relação às Eis contextualizadas, os resultados foram melhores do que os anteriores e o autor defende que é evidente “a importância do uso de contextos autênticos no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. De maneira especial, aqui, no contexto da aquisição de vocabulário (Eis)” (2016: 72). Após mostrar que os aprendentes obtêm melhores resultados na aquisição de Eis quando estas se encontram inseridas num contexto, o autor conclui que “É importante ressaltar [...] como o contexto foi uma ferramenta de extrema importância no processo de inferência do significado dessas expressões” (2016: 73). Outros estudos foram realizados e os resultados finais apontaram para a mesma conclusão: o contexto facilita a compreensão das Eis numa LE por parte dos aprendentes. Sendo este o propósito que defendemos, mostraremos na nossa proposta de abordagem didática das Eis (anexo 10) exemplos de exercícios com Eis contextualizadas. Antes de apresentarmos essa abordagem, propomo-nos analisar alguns materiais existentes e verificar o lugar que é dado à contextualização das EIs.

3.4. O papel do professor no êxito do ensino de EIs

Como já o admitimos acima, compreendemos que as EIs são um tópico difícil de ensinar no contexto da língua estrangeira por apresentarem vários tipos de dificuldade, tanto idiomáticas como de composicionalidade. No entanto, o professor de uma LE deve investir em metodologias inovadoras e específicas para rentabilizar a relação entre ensino e aprendizagem e fomentar o sucesso das aprendizagens. Para além das diferenças inerentes aos processos de ensino, é necessário ter em conta as diferenças existentes nos vários públicos de aprendentes, e cada situação requer adaptações tanto por parte do professor como dos estudantes. Para além disso, o professor deve estar sempre à procura de novas formas de ensino e, conseqüentemente, à procura de materiais inovadores, levando à criação de novos materiais que se adequem aos aprendentes, pesquisando as fontes e os recursos existentes, mantendo-se atualizado e informado.

Acreditamos que falta, entre os estudos existentes, um inquérito a professores de PLE sobre as metodologias que aplicam para o ensino das EIs em sala de aula. As respostas seriam, certamente, interessantes e imprevisíveis. No entanto, compreendemos que o saber fraseológico pode não atrair todos os públicos da mesma forma. Contudo, reafirmamos a importância da fraseologia no ensino de uma LE, tanto ao nível do conhecimento cultural como da motivação, pressupondo também um trabalho interessante com a LM do aprendente.

Apesar de não termos realizado um inquérito aos professores de PLE da Faculdade de Letras sobre esta questão, a verdade é que durante a realização do inquérito a aprendentes de PLE, trocámos algumas ideias com alguns professores que se mostraram entusiasmados pelo projeto. Um professor garantiu-nos que sempre que ensinava vocabulário de um tema ensinava algumas EIs, não muitas porque era algo que este fazia de forma voluntária e não constava no programa e, em relação a este tema do corpo humano, disse-nos que ao ensinar este vocabulário num nível menos avançado (A2) ensinou algumas EIs e os alunos adoraram. Outro professor explicou que tinha tido dois tipos de reações quando tentou dedicar uma aula somente a EIs: o interesse daqueles que viviam em Portugal e que tencionavam ficar por mais tempo e o desinteresse daqueles que estavam a aprender a língua, maioritariamente por razões laborais, e que depois dessa aprendizagem iriam sair do país e, por isso, não iriam precisar de aprender EIs portuguesas.

Após esta conversa, questionámo-nos sobre os diferentes tipos de objetivos que os diferentes tipos de alunos têm e, compreendemos que, se um aluno só quer aprender a língua para fins profissionais e se não vai viver no país, poderá não sentir a necessidade de aprender as expressões do PE. No entanto, acreditamos que este tipo de alunos não corresponde à maioria e, cabe ao professor lidar com a frustração destes alunos e mostrar que as Eis podem ser úteis, seja pelo alargamento de vocabulário ou aquisição de formas verbais, entre outros benefícios, já mencionados neste estudo. O último professor com quem falámos sobre este tema, mostrou interesse em trabalhar com Eis em ambiente de sala de aula, porque mostrou de imediato um grande interesse sobre as mesmas, mas admitiu que ainda não tinha tido oportunidade de trabalhar com os alunos nenhuma Eis portuguesas, reconhecendo que está consciente da importância das mesmas na cultura e na língua portuguesa. Tendo em conta estes três pontos de vista tão diferentes, pensamos que seria interessante realizar um estudo em relação à opinião dos professores relativamente ao ensino de Eis. Acreditamos que daria um trabalho interessante com resultados curiosos. Os três professores mostraram interesse relativamente aos resultados que iríamos ter com os inquéritos, contudo, todos esperavam resultados baixos devido à falta de prática que os alunos tinham relativamente às expressões idiomáticas e à ausência de recursos sobre esta temática. Concluindo, acreditamos que os resultados dos inquéritos obtidos não iriam ser uma surpresa para os professores dos inquiridos.

Mais adiante neste estudo, no Capítulo 4, propomo-nos criar alguns exercícios para o ensino das Eis, de forma a motivar os aprendentes. Teremos em conta os interesses dos alunos e a possibilidade de utilização de vários tipos de materiais, maioritariamente textos autênticos e Eis em meios reais, facilmente vistos por todos nós quando andamos na rua, lemos um jornal, vemos televisão ou ouvimos numa conversa entre nativos.

3.5. Os portugueses utilizam EIs no seu dia a dia?

As expressões idiomáticas estão presentes no dia a dia dos portugueses apesar de nem notarem a sua presença por estas serem elementos intrínsecos da própria língua. As expressões idiomáticas podem ser ouvidas nas mais variadas situações, ditas por qualquer português, de qualquer faixa etária ou classe social. As Eis não são escolhidas por quem as diz, elas são ditas como algo espontâneo, fluente e inconsciente. Como defende Vale no seu livro *Puxar a brasa à nossa sardinha*

As expressões idiomáticas são expressões que usamos no nosso dia-a-dia, sem dar conta. Nunca pensamos nisso? Garanto-vos que assim é. Não precisamos de fazer grande esforço para nos lembrarmos delas. É quase como se escorregassem no nosso cérebro e saíssem da nossa boca para fora, sem pedir licença. E, na maioria das vezes, não fazemos a mínima ideia do significado ou da origem histórica dessas mesmas expressões. (2015: 17)

Quando se utilizam as EIs não pensamos arduamente no seu significado ou no porquê de a estarmos a utilizar, fazemo-lo porque nos é natural e imediato. Quando lemos uma notícia que tem uma Ei não paramos para pensar porque é que ela está ali, simplesmente continuamos a ler porque a Ei faz parte daquele texto, como qualquer outro enunciado. Quando ouvimos alguém utilizar uma Ei não questionamos a pessoa sobre o porquê de a estar a utilizar, simplesmente respondemos porque aquela Ei faz parte do discurso do falante, mesmo que nem se aperceba que está a utilizar uma Ei. Quando lemos publicidade na rua, na televisão ou em qualquer outro meio, não paramos para pensar no seu sentido, conseguimos compreendê-lo de imediato. E porquê? Por que razão não nos questionamos sobre todas as hipóteses acima referidas? Porque as EIs são utilizadas de forma natural, inconsciente e fluente no discurso e na vida dos falantes. As EIs são parte integrante da língua e da cultura. E quando um estrangeiro que reside em Portugal, quer aprender a língua portuguesa, compra um jornal para ler, encontra uma Ei, será que continua a ler o texto como se nada fosse, como os portugueses fazem? Não, o estrangeiro tenta perceber a frase, começa por tentar compreender as palavras de forma individual, percebe que não faz sentido, pensa que a frase tem um sentido na sua totalidade, pode ser que exista algo semelhante na sua língua e consegue fazer a analogia, ou então para naquele momento do texto porque se sente frustrado por não conseguir compreender aquela frase portuguesa. Quando um estrangeiro está entre portugueses a ter uma conversa e alguém usa uma Ei portuguesa, será que o estrangeiro responde de forma natural ou fica indiferente ao que o português disse? Não, ele tenta compreender sozinho o que aquela frase significa, segue o mesmo processo que quem lê uma Ei num jornal. Se este tiver confiança com os interlocutores à sua volta pode perguntar e estes vão rir porque nem se aperceberam de que usaram uma frase difícil para um falante não nativo de português compreender e vão tentar explicar, da melhor forma que conseguirem. No entanto, é difícil explicar a origem das EIs ou o porquê da utilização das palavras constituintes da EI nem o porquê de utilizarmos aquela EI para atingir um fim em específico, simplesmente utilizamos EIs de forma natural porque nos foram passadas de geração em geração, não estudámos estas

estruturas da nossa língua materna, na escola nem em momento algum da nossa vida e estas normalmente não estão presentes nas gramáticas da língua ou nos dicionários que consultamos ao longo da vida. Podem também tentar explicar a EI com a tradução para a língua materna do estrangeiro, se for possível e se o português tiver um bom conhecimento dessa mesma língua, claro. Basta estarmos atentos para se ouvirem, no quotidiano, expressões idiomáticas diversas, em qualquer lugar e de qualquer forma.

3.5.1. Análise dos resultados dos inquéritos a nativos

Tendo em conta que queremos mostrar com este estudo que as EIs estão presentes na língua, na cultura e no povo português, achámos ser de total relevância questionarmos os portugueses sobre as mesmas EIs que tínhamos colocado nos inquéritos realizados a aprendentes de PLE, anteriormente analisados. Decidimos recolher as mesmas EIs do primeiro inquérito analisado e criar um novo, desta vez em formato digital e perguntar a um grupo de falantes nativos se conhecem, utilizam ou não conhecem nem utilizam as EIs apresentadas (anexo 8). O resultado do inquérito – no total, cento e oito inquiridos – encontra-se no anexo 12 e, também em anexo, se encontram os dados referentes à faixa etária do público entre os 20 e os 30 anos, que correspondeu a 55 inquiridos (anexo 13). Os resultados corresponderam às nossas expectativas. 48% dos inquiridos que responderam ao inquérito afirmam conhecer as EIs, 49% dizem-nos que conhecem e utilizam as EIs presentes e uma percentagem mínima, 3% negam conhecer as EIs apresentadas. Se analisarmos apenas as respostas dos inquiridos com a idade 20-30 verificamos que 61% conhece as EIs, 36,4% conhece e utiliza e, novamente, uma percentagem baixa 3,8% nega conhecer as EIs. Consideramos que, especialmente nesta idade, vários inquiridos que escolheram a opção “conheço” em vez de “conheço e utilizo” não se apercebem da quantidade de vezes que as EIs estão presentes no discurso quotidiano. No entanto, a percentagem mínima de pessoas que afirma não conhecer as EIs apresentadas ajuda-nos a provar que as EIs estiveram e estão presentes na atualidade. Também é curioso observarmos que as idades compreendidas por este inquérito são abrangentes (<20 e >40) e conseguimos ver que a maioria dos inquiridos com estas idades conhece as mesmas EIs. Através dos resultados obtidos talvez possamos pensar que as pessoas com mais de trinta anos utilizam mais as EIs do que os mais jovens. Esta diferença, tanto na perceção como no uso, poderia ser objeto de estudo futuramente.

Analiseemos agora, com exemplos de vários tipos de meios de comunicação, como as expressões idiomáticas estão presentes na vida e no quotidiano, em PE.

3.6. As EIs estão presentes no quotidiano dos falantes? Onde? Como?

As EIs estão presentes no quotidiano dos falantes, sem que eles se apercebam da sua existência. Como afirma Amaral “Ditos de todos os dias, de todas as horas, de todos os lugares onde se faz ouvir a fraseologia, criada pelo génio verbal do povo, são excelente escola de arte da palavra.” (1947: 483). Desde capas de jornais, a títulos de crónicas ou de livros, a publicidade dos mais variados temas, as EIs estão presentes e cumprem várias finalidades. Citando novamente Vale, relativamente às EIs:

Usamo-las numa discussão, numa conversa de elevador, à mesa do café, com a família, simplesmente porque nos vêm à cabeça. Usamo-las porque podem substituir uma frase mais complexa, uma conversa mais demorada, um raciocínio mais elaborado ou eloquente. Às vezes até para despachar alguém ou rematar um argumento [...] Usamo-las para tudo e mais um par de botas [...] Servem de desbloqueadores de conversa, para impressionar alguém... ou simplesmente como obsessão. (2015: 18)

Quando um estrangeiro pretende aprender português, em Portugal ou fora do país, uma das formas que este tem para ter contacto com a língua é a ler e ouvir português, utilizando para esse efeito metodologias diferentes – notícias de jornais, de revistas, lendo livros de autores portugueses ou traduções em português, ouvindo canais de Youtube, podcasts, rádio online, etc. Hoje em dia, com a importância crescente da tecnologia e a sua difusão global, é muito fácil assistir a uma emissão de rádio portuguesa do outro lado do mundo ou ler notícias sobre o que acontece em Portugal e nas outras partes do mundo de qualquer ponto do globo. É uma forma eficaz e prática de ter contacto com a língua, mas também de alguém se atualizar sobre as temáticas contemporâneas. Em plena pandemia, há muitas pessoas que querem saber o que está a acontecer em Portugal porque têm interesse em viver neste país no futuro ou, simplesmente, porque é um tema do seu interesse por diversas razões. O que queremos mostrar neste momento do nosso estudo é que quando um aprendente de PLE recorre a este meio para ter contacto com a língua, vai certamente deparar-se com EIs, neste caso em específico com as EIs do corpo humano.

Não sendo esta uma apresentação exaustiva de exemplos de EIs, mostraremos apenas alguns casos de cada categoria para comprovar a sua utilização.

Na publicidade

Observemos a presença das EIs na publicidade em Portugal. Poderíamos apresentar as mais variadas marcas, mas comecemos com a Telepizza. Numa encomenda online de algum produto a esta empresa, deparamo-nos com a expressão “Onde andas com a cabeça?” quando nos esquecemos da palavra-passe para entrar na nossa conta (anexo 14). Continuando nesta linha de encomendas de pizza, quando recebemos um produto da Pizza Hut em casa, a caixa que contém o produto tem a expressão “Mesmo a tempo para uma barriga a dar horas” (anexo 15). Estas duas empresas recorrem às EIs como um meio para se aproximarem do cliente e fazerem uma brincadeira com o facto de este se ter esquecido da palavra-passe da conta, enquanto a outra empresa também tenta de uma forma engraçada aproximar-se do cliente quando este recebe o seu pedido e lê aquela frase. Passemos da publicidade de comida para a publicidade de bebidas e mencionemos a Sagres, que em várias das suas publicidades utiliza EIs, por exemplo, numa imagem que mostra uma mão a abrir a tampa da garrafa aparece a frase “Música para os meus ouvidos” (anexo 16). Ainda no mundo da cerveja, a marca SuperBock também recorre à utilização das EIs com frequência. Em anexo (anexo 17), podemos ver uma delas que utiliza a expressão “Das tripas coração”, exibida durante um jogo de futebol onde se pretendia dizer que aquela equipa fazia das tripas coração para ganhar o jogo. Continuando no mundo das bebidas, mas desta vez não alcoólicas e não portuguesa, falemos da Coca-cola que, apesar da origem americana, está tão presente na vida dos portugueses e de praticamente todo o mundo. Numa campanha realizada em 2020 para ajudar os mais necessitados, esta empresa utilizou como mote a expressão “Estás aberto a dar a mão a quem mais precisa?” (anexo 18).

Mudando completamente de área, mas mantendo as EIs relacionadas com a mão, passemos para a área da saúde. O Hospital Lusíadas, em várias das suas campanhas publicitárias ao hospital e às suas clínicas, utiliza inúmeras vezes a expressão “estar em boas mãos”, utilizando a forma impessoal “é bom” – “É bom estar em boas mãos” (anexo 19) ou para expressão de futuro quando se trata da abertura de uma nova clínica, por exemplo na cidade de Braga e podemos observar várias vezes a frase “Braga vai ficar em

boas mãos” (anexo 20). Acreditamos que, mais uma vez, o objetivo seja o de aproximação ao cliente, neste caso, aos possíveis pacientes que, ao ler esta mensagem, se sintam de facto “em boas mãos” e confiem naquele hospital e/ou clínica.

Na literatura

Como referimos no início deste estudo, utilizámos uma base de dados disponível online que possui a maioria das EIs sobre o corpo humano escolhidas para o nosso trabalho e que tem textos dos mais variados estilos e géneros. Como é fácil de verificar com uma breve pesquisa, os grandes nomes da literatura portuguesa recorrem às EIs para expressar diferentes valores. Após termos já referido Alice Vieira, falemos de Sophia de Mello Breyner que, numa das suas grandes obras *Fada Oriana*, utiliza as EIs do corpo humano várias vezes ao longo da mesma: “Estava tudo de pernas para o ar” (p.18), “a sua cara de caso” (p.24), “Num abrir e fechar de olhos” (p.27), “Essa história é má-língua” (p.55) “E ela levava os pés em sangue e o coração pesado” (p.59), “Sentiu um nó na garganta” (p.66), “quando uma pessoa nos atira à cara o favor que nos fez perde o direito à nossa gratidão.” (p.78), “tu fazes tudo de pernas para o ar” (p.84) e “E apressou o passo para chegar mais depressa ao pé da sua amiga” (p.87). Passemos para Jorge de Sena que, na sua obra *Sinais de Fogo* também utiliza várias vezes as EIs do corpo humano, não sendo esta uma exemplificação exaustiva, daremos apenas alguns exemplos. Começamos com “fazendo olhos de carneiro mal morto” (p.33), “não tinha mãos a medir” (p.41) e “não me tinha passado pela cabeça” (p.333). Não poderíamos deixar de mencionar o prémio Nobel português, José Saramago que, em várias das suas obras recorre às EIs. Vários autores realizaram estudos de diferentes temáticas e com diferentes fins sobre a utilização de fraseologismos nas obras de Saramago. Consideramos que um estudo realizado por Olívia Maria Figueiredo, em 2006, intitulado “A metáfora como fator de textualidade em *Ensaio Sobre a Lucidez* de José Saramago” é bastante útil para este estudo porque relata a presença, entre outros elementos, das EIs do corpo humano nesta obra, de 2004, da literatura portuguesa. Podemos então citar exemplos como: “[...] se calhar apareceram eleitores, mas deram com o nariz na porta que o vento havia fechado [...]” (p.14); “A minha vontade seria ir aí e dar-lhe um puxão de orelhas [...]” (p.111); “Antes que o caso chegue à polícia ainda terão de passar alguns dias, e entretanto o tipo dá com a língua nos dentes, conta à mulher, aos amigos [...]” (p.192); “Peço-lhe desculpa de o ter feito esperar

tanto, mas tinha um assunto entre mãos e não podia deixá-lo a meio.” (p.301). Poderíamos continuar a citar estes autores referidos ou muitos outros que utilizam as EIs para atingir diferentes fins expressivos, no entanto, como já referimos, esta é uma breve análise e devido à limitação de espaço e tempo não poderia ser de outra forma. Contudo, acreditamos que não seria suficiente um único trabalho, ainda que exaustivo, para dar conta de todas as vezes que as EIs aparecem nas obras de autores da literatura portuguesa. O mesmo se aplica, certamente, à presença de EIs na literatura de todas as partes do mundo.

Na imprensa – jornais online

A imprensa poderá conter um número importante de EIs dos mais variados temas. Podemos comprovar a presença das EIs do corpo humano em jornais e revistas portuguesas com uma rápida pesquisa. Vejamos alguns exemplos recentes desta presença através da plataforma online dos mesmos pela facilidade de pesquisa e aquisição dos materiais para este estudo. No entanto, na maioria dos casos apresentados, a versão em papel contém as mesmas notícias que estão presentes na versão online. Começamos pelo Observador que numa das suas notícias de 29 de outubro de 2020 utiliza a frase “também parece ser evidente para qualquer homínido com dois dedos de testa” (anexo 21). Ainda no mesmo jornal e no mesmo mês, podemos ver uma notícia sobre a COVID no mundo do futebol com o título “O futebol de pernas para o ar” (anexo 22). Continuando pelas notícias de outubro e da pandemia, desta vez no Diário de Notícias, podemos ler o seguinte título “Charles Michel criticado por realizar cimeira “cara-a-cara” durante a pandemia” (anexo 23).

Na imprensa – revistas online

Passando dos jornais para as revistas portuguesas, a presença das EIs aqui também está muito evidente. Começamos pela FLASH!, numa notícia de agosto de 2020, com o título “Até choram com a dor de cotovelo” (anexo 24). A mesma revista, em outubro do mesmo ano, também publicou outra com duas EIs num único título “Língua afiada e pronto para a vingança – André Filipe manda “bocas” ao BB enquanto está internado” (anexo 25). A Nova Gente, em outubro, também publicou uma notícia com o título “De muito pouco

me valeriam as minhas costas largas!” (anexo 26). Na revista Visão podemos encontrar um artigo de outubro de 2020 que utiliza no texto do artigo a expressão “convidou duas pessoas que admira para dois dedos de conversa.” (anexo 27). Na TV7Dias, também em outubro, podemos ler um artigo sobre uma telenovela que inclui a frase “Diogo diz ao pai que tudo vai correr bem porque ele tem um coração de ouro” (anexo 28). Dependendo do tipo de notícias e artigos, o recurso à utilização de EIs deve-se a diferentes objetivos. Se nos dois primeiros títulos apresentados o objetivo é reforçar sentimentos mais negativos como a inveja e a vingança, também temos no último exemplo apresentado a expressão “coração de ouro” para reforçar a ideia de como esta pessoa mencionada é boa, reforçando assim sentimentos positivos e bondosos.

Em websites

Em vários websites, sobre os mais variados temas, também podemos encontrar várias EIs. Por exemplo, sobre o programa televisivo Big Brother, no site da TVI, encontramos opiniões de várias pessoas sobre os concorrentes deste programa, sendo comum a utilização de EIs para dar opiniões e fazer comentários e críticas. Numa dessas críticas, podemos ler a seguinte frase, “No entanto, o psicólogo acabou por ir mais longe no discurso e acusou-a de ser mal educada por estar sempre a falar mal dos outros pelas costas.” (anexo 29). Ainda neste site, mas desta vez sobre telenovelas portuguesas, também podemos encontrar vários artigos com EIs, por exemplo na frase “Avô e neta recebem-no com «sete pedras na mão» [...]” (anexo 30).

No website Sapo Lifestyle podemos ler num título de uma notícia “Ter “mais olhos que barriga” é mau para o planeta.” (anexo 31). Num jornal online da Madeira, podemos encontrar no texto de uma notícia, a frase “O certo é que fica a pulga atrás da orelha no seio da comunidade local [...]” (anexo 32). Na secção de desporto do jornal online Notícias ao Minuto, podemos encontrar uma notícia com o título “O golo japonês que deixou Donnarumma de ‘olhos em bico’ em San Siro” (anexo 33). Ainda relativamente ao futebol, desta vez citando uma parte de uma notícia do Tribuna Expresso, encontramos a expressão “E Cristiano Ronaldo estava na ponta da língua do treinador francês.” (anexo 34). Passando para o mundo dos veículos, podemos encontrar no website Motor24 uma notícia com a frase “Alguns poderão “torcer o nariz” à ideia de uma motorização híbrida [...]” (anexo 35).

3.6.1. Como utilizar EIs em textos escritos – breve análise

Após termos citado várias EIs, de várias fontes, de vários formatos e temas, decidimos questionar-nos sobre o porquê de as EIs surgirem em textos escritos de várias formas. Porquê utilizar aspas? Porquê só colocar uma parte da expressão com aspas? Porquê não utilizar qualquer tipo de sinais de pontuação? Porquê utilizar o itálico? A verdade é que as EIs surgem nestas diferentes formas e basta ver os exemplos que apresentámos acima. Não sendo esta uma análise profunda sobre a forma como se devem ou não incluir as EIs num texto escrito, parece-nos que é uma questão pertinente depois de nos termos apercebido que não há um consenso sobre a apresentação das mesmas nos diferentes tipos de texto apresentados. Quando iniciámos este trabalho, a verdade é que não tínhamos a certeza de como colocar EIs no corpo do texto, entre aspas, em itálico ou sem qualquer marca gráfica. Ao longo da leitura de vários materiais e fontes de vários tipos, apercebemo-nos de que entre quem utiliza estas EIs, passando pelas várias profissões possíveis, desde jornalistas a escritores, parece não haver um consenso. Consideramos que há alguma lacuna de estudos existentes sobre esta temática e não encontramos respostas a esta questão. Da bibliografia consultada para esta dissertação, Xatara, autora já citada, faz algumas observações sobre esta temática, no seu estudo “O Resgate das expressões idiomáticas” afirma que:

Na literatura, mas felizmente não nos bons escritores, há ainda preconceito em relação ao emprego de EI: esses autores vêm-se “obrigados” a colocar grande parte de expressões entre aspas ou a preceder estas de fórmulas como “se posso dizer”, “como se diz”; e se assim o fazem, ou é para explicar que sabem escrever bem melhor que isso, ou para demonstrar que conhecem tal expressão como todo mundo. (1995: 198)

Tendo em conta os exemplos acima mencionados de diferentes autores da literatura portuguesa, podemos afirmar que estes não utilizaram qualquer marca gráfica no momento de citar EIs nas suas obras, talvez porque, como diz Xatara, sejam “bons escritores”. Como já foi referido anteriormente, as EIs possuem um carácter de informalidade e oralidade, talvez essa seja a razão desse “preconceito”: como normalmente estas expressões são utilizadas na oralidade, quando nos deparamos com as mesmas escritas ou queremos nós próprios escrevê-las, não temos a certeza sobre qual deveria ser a forma correta de o fazer. Acreditamos que utilizar estas expressões com

marcas gráficas ou tipo de letra diferente, seja qual for a forma, é um condicionamento para as EIs. Pensamos que isto é um meio de não as incluir completamente no corpo do texto e no discurso. Como já analisámos anteriormente, as EIs fazem parte do discurso e adaptam-se ao mesmo facilmente, por isso, porquê marcar este tipo de enunciados de alguma forma? Por que razão não devemos escrever as EIs como escrevemos qualquer outra lexema no corpo do texto? Consideramos que este facto é, de certa forma, uma resistência à inclusão de EIs no discurso, apesar de ser óbvia a sua presença e importância, pelas razões que já apresentámos. Também pensamos ser interessante o facto de podermos ler a citação de Xatara de há vinte cinco anos e continuar a adaptar-se tão bem aos dias de hoje e, provavelmente vai continuar a adaptar-se nos próximos anos pelo “preconceito” que existiu e, infelizmente, continua a existir relativamente à utilização das EIs nos diferentes tipos de texto existentes.

No entanto, esta não é uma questão de foco e, talvez, com uma pesquisa mais avançada sobre este tópico em específico poderíamos chegar a outra conclusão. Contudo, depois de termos lido vários autores, de diferentes nacionalidades e de termos pesquisado muito sobre EIs, parece-nos existir aqui uma questão interessante para análise.

3.7. Análise dos materiais de EIs e provérbios

Como já referimos anteriormente, consideramos que há uma falha no mercado atual de materiais referentes a fraseologismos, especificamente, para ensino de PLE. Após termos visitado algumas livrarias portuguesas e termos feito uma pesquisa online sobre materiais existentes na atualidade, conseguimos reunir um conjunto de nove livros exclusivamente dedicados a fraseologismos. Faremos uma breve análise à forma como estes apresentam as EIs, às técnicas utilizadas pelos autores para organizar as mesmas, aos pontos positivos e negativos que encontramos em cada livro e analisaremos a presença das EIs do corpo humano nos mesmos. A ordem de análise será feita cronologicamente para tentarmos perceber se há alguma diferença entre o que era feito no passado e o que está a ser feito mais recentemente.

Começamos pelo livro com a data de primeira edição mais antiga *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*, de Santos, cuja primeira edição é datada a 1990, sendo a nossa edição de 2000 (segunda edição). Na nota dos editores podemos ler que “A carência de

um bom dicionário neste domínio da língua portuguesa justificava por si só o nosso interesse.” (2000: 5). Os autores explicam que inicialmente a ideia era fazer um dicionário só para as expressões idiomáticas da língua portuguesa, mas que no final acabaram por alargar esta ideia a outros idiomas. Afirmam que este material aproxima povos e culturas e, segundo os mesmos, esperam que este seja “um instrumento precioso, não só para professores, estudantes, tradutores, jornalistas, mas também para todos os que necessitam, cada vez mais frequentemente, de comunicar através de uma língua estrangeira.” (2000: 5). Este autor apresenta algumas ideias bastante interessantes sobre as EIs que já referimos anteriormente neste estudo. Na Introdução da sua obra, o autor afirma que “Se o vocabulário de uma língua viva nunca é estático, as expressões idiomáticas são um dos fermentos mais activos da sua dinâmica renovadora, e a vitalidade da língua, neste domínio, requer a progressiva e constante actualização de um dicionário deste tipo.” (2000: 9). Concordamos com a ideia exposta pelo autor, no entanto, ao folhearmos este livro e depois de sabermos que a última edição é de 2000, não temos a certeza se o autor realmente cumpriu com esta actualização que defende ser fundamental. Segundo o autor, o livro está organizado de forma alfabética seguindo diferentes critérios de selecção da palavra a considerar como entrada lexical e esta não está necessariamente em primeiro lugar na ordem das palavras na frase apresentada. Ao abrir este livro verificámos que a ordem alfabética é confusa porque a palavra a considerar não está em primeiro lugar na expressão, por isso, logo na primeira página vemos palavras a negrito para mostrar qual foi a palavra considerada e na primeira coluna temos expressões relacionadas com as palavras: A + B, aba, abacaxi, abada e abade. Após cada entrada de uma expressão temos uma breve explicação e, na maior parte das vezes, seguem-se várias expressões com um sentido semelhante. Consideramos que, pelo menos agora, vinte anos depois da publicação desta edição, a maioria das expressões apresentadas como “sinónimas” não se adequam porque não são utilizadas. Por exemplo, com a expressão “dar uma abada”, são-nos apresentadas as seguintes expressões como sinónimas: dar um baile em alguém; dar um banho; dar um bigode; dar um capote; quebrar a castanha; lavar a égua; dar uma lavagem e limpar o sarampo/sebo. Lendo estas expressões e não querendo fazer uma crítica exaustiva sobre este tópico, pensamos ser suficiente para exemplificar o nosso ponto de vista em relação à falta de adequação das EIs apresentadas. Apesar de este livro não ser dirigido exclusivamente a um aprendente de PLE, este também é um público tido em conta como público-alvo deste material, como podemos comprovar com a citação acima mencionada da introdução ao livro. Para além disto, há imensas entradas

praticamente iguais como “ir abaixo” e “vir abaixo” cujas explicações são “cair; desmoronar-se” e “cair, derrubar”, respetivamente. Acreditamos que esta divisão não é útil para quem lê estas expressões porque poderia ser mais simples e eficaz se os dois verbos estivessem na mesma entrada. Neste livro, há elementos idiomáticos que admitem várias formas verbais, portanto, será eficaz fazer entradas num dicionário de EIs com todos os verbos possíveis quando a explicação é praticamente igual? Acreditamos que não e apontamos este facto como um ponto negativo nesta obra. No entanto, por vezes, na mesma entrada existe a possibilidade de vários verbos, por exemplo “cair/meter-se na boca do lobo” (2000: 55), e é assim que defendemos ser a forma mais prática e eficaz de apresentar EIs. Defendemos, portanto, que não há coerência na forma como as EIs são apresentadas porque na mesma página temos a expressão “com o credo na boca” e numa outra entrada “andar com o credo na boca” tendo as duas, obviamente, uma explicação praticamente igual. Outra EI exatamente igual que nos é apresentada pelo menos duas vezes é a EI “dar uma mão/mãozinha” (2000: 243) e “dar uma mãozinha/mão” (2000: 246) ambas têm exatamente a mesma definição e não nos parece relevante ter o substantivo “mão” e o seu diminutivo em duas entradas diferentes. Poderíamos continuar a exemplificar esta falta de coerência, mas, novamente, o nosso objetivo não é fazer uma crítica exaustiva, mas apontar algumas incoerências. Estamos a falar de uma obra de 464 páginas no total e que contém 11103 expressões, destas 11103 muitas delas são repetidas, como o último exemplo que apresentámos e um número significativo é de elementos idiomáticos iguais em que a única diferença apresentada são as formas verbais. Pensando nos aprendentes de PLE não consideramos que este seja um material ótimo para eles porque vai criar muita confusão e não será eficaz para a aprendizagem de EIs. Para além disso, ao ler as expressões relacionadas pode pensar que as deve usar também e a verdade é que a maioria já não faz sentido atualmente ou já não é utilizada pelos nativos. No entanto, pensamos ser um bom instrumento para ser utilizado como uma base de dados porque tem uma recolha importante de expressões idiomáticas, nomeadamente de EIs do corpo humano.

Em 1992, Ghitescu, uma tradutora e lexicógrafa romena, escreveu o livro *Novo Dicionário de Provérbios* e, em 1997, saiu a segunda edição, que é a obra em análise neste momento. O que nos chamou a atenção nesta obra foi o facto de ter traduções em espanhol, francês, italiano e romeno. Esta reúne 1219 provérbios, consideramos que muitos já desatualizados. Das nossas expressões idiomáticas do corpo humano só aparece

uma “Ter mais olhos que barriga” (1997: 152) assim como as traduções nas línguas já referidas acima. Não concordamos na categorização de provérbio para esta expressão porque defendemos que se trata de uma expressão idiomática e não de um provérbio. Sendo este livro de 1997 não consideramos que esteja atualizado nem que satisfaça as necessidades comunicativas dos aprendentes de PLE porque utiliza provérbios antigos e que atualmente já não são usados nos momentos de comunicação. No entanto, pensamos que ter as traduções nas línguas referidas acima é um elemento muito útil para todos os possíveis leitores deste livro.

Também em 1997, Jorge e Jorge escrevem o livro *Dar à língua da comunicação às expressões idiomáticas*. Apesar de não ser de fácil aquisição atualmente, decidimos incluí-lo nesta análise por ter uma estrutura e apresentar conteúdos diferentes de todos os outros materiais encontrados. Já citámos este livro anteriormente neste estudo porque as autoras fazem referência importantes às EIs e a vários elementos relacionados com as mesmas como a idiomaticidade. Numa primeira parte do livro intitulada de “Ao leitor” as autoras admitem que a seleção das EIs não foi exaustiva para a elaboração do livro. Está dividido em três partes: a primeira classifica as EIs segundo categorias semânticas, a segunda reúne exercícios para a prática das mesmas e a última parte é um índice alfabético de todas as EIs presentes no “caderno” (1997: 11) como as autoras se referem ao livro apresentado. Este caderno inicia-se com a categoria “Calar” (1997: 27) e esta possui duas subcategorias “Calar-se, não falar” e “Calar, interromper”. Dentro destas duas subcategorias aparecem várias expressões idiomáticas seguidas de uma breve explicação. Concordamos que a divisão das EIs por categorias é muito eficaz para que um aprendente de PLE consiga perceber em que situação deve utilizar as EIs no momento do discurso. No entanto, não vemos como necessária a breve explicação para cada EI porque na maioria das vezes é repetida e do ponto de vista visual não é muito fácil compreender onde acaba a EI e começa a explicação. Para os nativos é mais clara essa divisão, no entanto, estamos a pensar nos aprendentes de PLE ao se depararem com este livro. Numa das categorias, intitulada “Despedir indelicadamente” (1997: 52) as autoras apresentam uma lista de EIs que têm exatamente esse objetivo no discurso e aqui não tentam explicar à frente de cada EI o seu significado. Pensamos que esta seria a forma que todo o caderno poderia estar organizado e que não é necessária a explicação individual das EIs dentro de cada categoria porque essa categoria já expressa o significado das EIs. Após vinte e quatro categorias e respetivas subcategorias, podemos observar a segunda parte deste caderno.

São apresentados assim treze exercícios sobre EIs. Pensamos que o objetivo das autoras seria o de fazer os exercícios após a leitura da primeira parte e desta forma praticar as EIs anteriormente apresentadas. Concordamos com esta ideia de continuidade, de apresentar as EIs e depois tentar praticá-las porque se os aprendentes só veem as EIs uma vez e depois não as praticam em exercícios ou na oralidade, não as vão conseguir memorizar para depois as utilizarem no discurso. Numa última parte podemos então observar uma lista de EIs ordenada alfabeticamente e com uma breve explicação de uma ou duas palavras, na sua maioria, à frente de cada EI. Esta ordem alfabética faz-se através do verbo com que se inicia cada EI. Acreditamos que esta lista de EIs seguidas de uma breve explicação constituem um material muito prático para um aprendente de PLE. No início do livro, as autoras dizem-nos que tentaram utilizar EIs que estão em uso atualmente e não aquelas mais usadas antigamente apesar de apresentarem algumas que sabem não ser tão recorrentes quando os nativos comunicam. Como já o mencionámos anteriormente, esta utilização de EIs que não se usam nos materiais sobre EIs e provérbios não é muito eficaz, principalmente para um aprendente de PLE que não tem forma de saber se utilizamos aqueles enunciados ou não numa língua que não é a sua língua materna. No entanto, depois de analisarmos as EIs apresentadas neste caderno e tendo em conta que é de 1997, consideramos que muitas das EIs já não se utilizam atualmente e por isso poderiam ser retiradas deste livro e poderiam ser substituídas por outras. Como já o referimos, neste estudo várias vezes, a língua é viva, as palavras nascem, algumas mantêm-se e outras desaparecem para que outras possam surgir, por isso quando falamos de EIs também falamos de uma necessidade de atualização. Algumas EIs mantêm-se no uso durante décadas, outras já desapareceram com o tempo e outras são recentes, podendo ou não ter força para se manterem na língua por muitos anos. Sabemos que este livro não tem como público alvo os aprendentes de PLE, por isso o nível de dificuldade é um pouco elevado para estes. No entanto, acreditamos que poderíamos adotar este tipo de materiais com alguma facilidade para aprendentes de PLE.

Segundo a nossa pesquisa, durante alguns anos não se realizaram muitos materiais relacionados com EIs, pelo menos materiais que se consigam encontrar hoje em dia e sejam de fácil acesso. Por essa razão, o próximo livro que apresentamos é de 2010 (primeira edição). Falamos de *Nas bocas do mundo - Uma viagem pelas histórias das expressões portuguesas*, obra de Carvalho. Esta obra não pretende ser um dicionário de EIs nem explicar o seu significado, o que autor pretende é explicar a sua origem histórica.

Consequentemente, o autor divide a classificação das EIs por quatro grandes momentos da história do mundo: Época Clássica, Época Medieval, Época Moderna e Época Contemporânea. Dentro da primeira divisão “Expressões originárias da Época Clássica” (2010: 13) encontramos as primeiras EIs relacionadas com o corpo humano “Ser um bicho de sete cabeças” (2010: 22), “Calcanhar de Aquiles” (2010: 23), “Falar pelos cotovelos” e “Custar os olhos da cara” (2010: 52) e, por último neste capítulo, “Fazer as coisas em cima do joelho” (2010: 58). Como o referimos anteriormente, o autor explica a origem histórica das expressões. Novamente observamos que há muitas expressões não utilizadas atualmente e, sendo esta versão em análise de 2018, acreditamos que deveria ter sido feita uma atualização porque há muitas expressões apresentadas que nem a maioria dos nativos conhece, certamente, por exemplo “Fazer momices” e “Ser uma Plêiade” (2010: 16), utilizando apenas dois exemplos presentes na segunda página de apresentação das EIs. No total, encontrámos vinte EIs do corpo humano que consideramos serem utilizadas hoje em dia pelos portugueses. Pensamos que o facto de sabermos a origem de uma EI é muito útil para todos os falantes, mas principalmente para os professores de PLE porque, desta forma, assim quando ouvirem a pergunta “Porque é que a EI é assim?” podemos ter alguma resposta objetiva para além do típico “Porque é uma frase fixa, é uma expressão idiomática, não tem de fazer sentido”. Gostaríamos de ter trabalhos sobre a origem de mais EIs portuguesas, no entanto, após muita pesquisa sobre materiais atualmente disponíveis, não encontrámos mais nada relacionado apenas com a origem das EIs. Em geral, apreciamos o trabalho do autor e compreendemos a importância de saber a origem de uma expressão idiomática, mas, novamente, deparamo-nos com um livro repleto de EIs que não se utilizam e, por esse motivo, não seria um material a aconselhar atualmente a um aprendente de PLE. Contudo, poderíamos utilizar as EIs do corpo humano apresentadas e criar exercícios ou uma apresentação para uma aula de PLE.

Em 2013, surgiu uma obra que consideramos pioneira, um material realizado para o ensino de PLE e que apresenta diferenças interessantes. Referimo-nos a *Expressões idiomáticas ilustradas*, de Rente. Este material pertence a uma editora bastante conhecida no que respeita a materiais de ensino de PLE, a LIDEL, e faz parte do Plano Nacional de Leitura (LER+). A edição em análise é a de 2018. Sendo esta obra dirigida, principalmente, a aprendentes de PLE, encontramos na Introdução (2018: 6) muitas das ideias que temos vindo a defender ao longo deste estudo, pois segundo a autora, “As expressões idiomáticas são formas de expressão próprias de uma língua que refletem a

sua riqueza, pois é através delas que se transmitem referências culturais de determinada comunidade linguística.” Este livro reúne um conjunto de 250 EIs e são organizadas de forma alfabética para facilitarem a pesquisa dos utilizadores (2018: 6). As EIs são assim apresentadas com uma breve explicação do seu significado, um breve exemplo da sua utilização – como um contexto, explicação breve da sua origem, se existir – referência a expressões idênticas, se houver, e, como diz o título do livro, uma ilustração humorística da EI a representar a mesma no seu sentido literal (2018: 6). Segundo a autora, selecionaram-se as EIs mais utilizadas em Portugal e também noutras países da CPLP. Deste conjunto de EIs encontrámos cinquenta que fazem parte do nosso corpus de EIs do corpo humano. O único ponto negativo que encontramos prende-se com o critério que a autora escolheu para organizar as EIs de forma alfabética porque algumas têm um verbo possível, outras têm vários expressos e outras não têm simplesmente forma verbal. Visualmente é uma obra muito cativante e para nós as ilustrações e a parte visual de um material de PLE é muito importante no momento de atrair a atenção do aluno. Consideramos que este é um material diferente de tudo o que existe em português e que beneficia muito pela originalidade e diferença face aos outros materiais existentes para o ensino de PLE. Seria um material ótimo para um aprendente de PLE utilizar e para os professores adaptarem a possíveis atividades a realizar em aula.

Em 2015, Vale, apresenta-nos *Puxar a brasa à nossa sardinha*, livro que reúne 271 expressões portuguesas. O objetivo deste livro não é apenas explicar o significado das expressões mas sim contar a sua origem histórica. Pelo índice (2015: 7-15), podemos observar que a autora divide as expressões em catorze categorias, uma delas é intitulada “Expressões para todas as partes do corpo” (2015: 83) e reúne 41 expressões, a maioria das EIs aqui apresentadas fazem parte das EIs que nós reunimos para o nosso estudo. Para além destas encontramos mais seis EIs relacionadas com o corpo humano ao longo do livro. Apesar de a autora se referir às expressões apresentadas neste livro como “expressões idiomáticas ou expressões populares” (2015: 17) não consideramos que todas se encaixem aqui. Por exemplo, numa categoria intitulada “Passe a publicidade” a autora reúne frases que tiveram origem em publicidades e que a maioria dos portugueses conhece e/ou utiliza, como “Mudasti” (2015: 53), “Cara de bebé Nestlé” (2015: 55) e “Boneco Michelin” (2015: 55). Poderíamos continuar a exemplificar, mas pensamos que estes três exemplos são suficientes para mostrar o nosso ponto de vista. Não consideramos que haja idiomaticidade nestas expressões, simplesmente há uma marca associada a cada

expressão proveniente de uma publicidade e que as pessoas após verem e ouvirem várias vezes a mesma publicidade começaram a repetir a expressão e a associá-la a uma imagem. Por exemplo, a segunda expressão é associada a um bebé bonito porque normalmente nas publicidades de marcas de produtos para bebés todos são bonitos e queridos e por isso há esta associação imediata. Sendo assim, defendemos que nestas expressões há uma imagem e uma marca associadas a cada enunciado e não elementos idiomáticos. Dentro da categoria das expressões do corpo humano, aquela que interessa mais para esta análise, existem algumas expressões que podem não caber nas expressões idiomáticas, por exemplo “Beijinhos à esquimó” porque para além de não ter propriamente uma parte do corpo humano expressa no enunciado é só uma forma de descrever um tipo de beijo, normalmente quando duas pessoas tocam com o seu nariz no de outra pessoa num gesto de carinho. Como em outros livros já analisados anteriormente, acreditamos que há várias expressões que não são utilizadas agora pelos falantes de PE e que, por isso, seria útil uma atualização à lista de expressões apresentadas. No entanto, reconhecemos que há expressões bastante recentes referidas neste livro. Provenientes do mundo futebolístico podemos falar de expressões como “E o burro sou eu?” (2015: 204), expressão que muitos falantes utilizam diariamente apesar de já terem passado alguns anos, no entanto esta, todos ou quase todos os portugueses sabem, certamente, a sua origem. Saindo de Portugal, podemos referir a expressão “Je suis Charlie” (2015: 213) uma frase muito conhecida e dita em todo o mundo após um atentado terrorista a um jornal satírico francês. Por expressões como estas, sabemos que a autora tentou reunir expressões utilizadas pelos falantes na atualidade, contudo acreditamos que muitas expressões apresentadas já não estão atualizadas e nem todas se podem chamar “expressões idiomáticas”.

Em 2019 foram lançados três livros relativos às expressões idiomáticas portuguesas, o que pode mostrar um crescente interesse por este tópico da língua o que nos deixa bastante satisfeitos. Começamos, de forma aleatória, por *Dicionário de calão e expressões idiomáticas*, de Almeida. Idealizado para ser um material de fácil consulta online, acabou por ver nascer a sua versão em papel. Através da Nota Editorial (2019: 7) ficamos a saber que este livro é constituído por 3300 entradas e que “este dicionário deve ser olhado como uma coleção amadora, incompleta e em processo constante de renovação. Ele não está nem nunca estará acabado.” Admite-se que foram recolhidas palavras e frases de forma amadora e com um fim lúdico e humorístico e não académico. As palavras e expressões são assim organizadas por forma alfabética, algumas com uma referência ao tipo de

registro (erudito, normal, coloquial, etc.), todas seguidas de uma breve explicação e, se possível, de sinónimos e ainda, se existirem, outras formas verbais que podem estar presentes com cada expressão. Por vezes também se verificam pequenos exemplos com a expressão de forma a dar-lhe um contexto de utilização. Não compreendemos muito bem os critérios escolhidos para as entradas apresentadas porque estes diferem e não conseguimos compreender a razão para não serem todas coerentes. Para além disso, muitas expressões apresentam uma única forma verbal, outras as variantes possíveis e outras não possuem qualquer verbo na sua entrada. Novamente, acreditamos que deveria haver um critério coerente na forma de apresentação de todas as expressões. É um dicionário bastante repleto de palavras e expressões dos mais variados tipos, desde palavras a expressões idiomáticas do corpo humano. Sendo esta última categoria a mais pertinente para este estudo podemos afirmar que encontramos um número bastante significativo de expressões idiomáticas do corpo humano entre as 3300 entradas presentes neste livro. Acreditamos que um aprendente de PLE poderia, sem dúvida, alargar o seu léxico com a leitura deste material.

Continuando em 2019, falemos agora de *Provérbios e outras locuções* de Galhardo. Podemos ler na introdução (2019: 5) que “quer muitos dos provérbios, quer muitas das locuções, são criações inteligentes do povo que utiliza uns e outras com sapiência e como excelentes auxiliares da nossa linguagem” explicando assim o porquê da elaboração deste livro. Mais uma vez, podemos encontrar uma ordem alfabética na apresentação dos provérbios e das “outras locuções” que o autor reuniu. A forma como cada entrada se apresenta não é exatamente igual para todas porque enquanto algumas têm apenas uma breve explicação sobre o seu significado, outras têm notas que podem conter traduções para outras línguas, origem histórica e notas que o autor considerou serem pertinentes. Novamente encontramos uma incoerência relativamente à forma como as entradas se organizam porque algumas contêm forma verbal e outras não. Para além disso, como já o referimos anteriormente, algumas EIs podem utilizar vários verbos e essa característica não é mencionada ao longo deste livro. Muitas vezes a explicação apresentada não é muito fácil e, pensando nos aprendentes de PLE, consideramos que estes teriam muita dificuldade em compreender estes significados. Por exemplo para a expressão ou locução, como o autor se refere às EIs, “Cara de poucos amigos” (2019: 33) podemos ler “A locução significa “carrancudo”, com “fisionomia severa””. Sabemos que não é um material idealizado para aprendentes de PLE mas acreditamos que seria bom para

qualquer leitor que as explicações fossem o mais simplificadas possíveis. No entanto, também reconhecemos que há muitas explicações de fácil compreensão e que se os aprendentes de PLE as lessem poderiam compreender. Relativamente às EIs do corpo humano encontramos um número bastante significativo também. Novamente encontramos expressões que caíram em desuso e que consideramos, por esse motivo, dispensáveis deste livro tendo em conta o seu ano de publicação.

Por último, e também o último livro que selecionámos para a elaboração desta análise, apresentamos *É canja: Expressões do português ao inglês*, de Simas. Como o título indica este é um livro dirigido à tradução de expressões portuguesas para expressões inglesas. São-nos apresentadas várias ideias sobre a dificuldade de traduzir expressões idiomáticas nas partes introdutórias deste livro. Apesar de a tradução de expressões idiomáticas não ser um tópico essencial deste estudo, já fizemos referência ao mesmo em alguns momentos porque vários autores realizam obras importantes sobre este tema em específico. Tendo tirado uma licenciatura em Tradução, podemos contar pelos dedos de uma mão as vezes em que este tópico da tradução nos foi apresentado ao longo de toda a licenciatura. Também nestes estudos há uma lacuna relativamente ao ensino de EIs ou, neste caso em específico, de como traduzir EIs. No entanto, não sendo este o nosso foco, falemos de como este livro nos apresenta as EIs. Não existindo uma nota introdutória sobre como as EIs aparecem no livro nem como foi feita a escolha, percebemos pelo Índice em formato de alfabeta que a ordem escolhida foi a alfabética. Não sabendo a razão que levou a autora a apresentar as EIs da forma como estas estão apresentadas, podemos observar pela análise das primeiras folhas do livro, que existe uma excessiva repetição de expressões cuja tradução é exatamente igual. Por exemplo, com a EI “água na boca” esta está apresentada na mesma página duas vezes (2019: 27), numa primeira entrada com o verbo “deixar” e depois com “fazer crescer”. Para além disso, aqui a ordem alfabética é feita a partir de uma palavra, não parecendo haver uma coerência na escolha da mesma e dentro de cada palavra encontramos diferentes expressões, dos mais variados temas, que contêm esta palavra. Por esta divisão, a mesma expressão surge várias vezes ao longo do livro. Por exemplo, com a expressão “barriga a dar horas” podemos encontrá-la com a palavra “Barriga” (2019: 41) e surge a expressão “Tenho a barriga a dar horas.” – o que consideramos estranho ter a forma verbal na primeira pessoa do singular, tendo em conta que na maioria das vezes o verbo encontra-se no infinitivo e, mais à frente, surge exatamente a mesma expressão, mas com a palavra “Ter” (2019: 177) e, obviamente, com

a mesma tradução. Outra forma de repetição das EIs é a mudança de uma ou outra palavra na expressão que consideramos ser desnecessária, por exemplo, com a palavra “Cabeça” temos a expressão “Fazer algo com cabeça” (2019: 49) e, mais à frente, com a palavra “Fazer” (2019: 103) temos a expressão “Fazer com a cabeça” (2019: 104) tendo exatamente a mesma tradução. Consideramos que esta dupla apresentação não é oportuna e que seria mais eficaz e mais fácil para todos os que lessem este livro se a mesma só aparecesse uma vez, talvez com a palavra “algo” entre parênteses para que pudéssemos perceber que é uma parte opcional da EI. Seguindo este critério de apresentação de EIs, o resultado é uma elevada repetição de EIs, com a mesma tradução, o que não consideramos ser um método eficaz e funcional. No entanto, consideramos que a ideia deste livro faz todo o sentido e que é algo que falta no mercado atual, pelo menos em Portugal. Relativamente à presença de EIs do corpo humano neste livro podemos afirmar que é forte e que com algumas alterações, nomeadamente na eliminação de EIs praticamente iguais, poderia tornar-se num livro de renome no mundo das línguas portuguesa e inglesa, podendo ser igualmente alargado a outras línguas.

Sabemos que existem outros materiais de EIs mais antigos e que, talvez, sejam mais conhecidos do que os apresentados por nós, pelo menos para os estudiosos da língua portuguesa, no entanto, queríamos mostrar o que um aprendente de PLE pode encontrar sobre as EIs se neste momento fizer uma pesquisa sobre este tópico. Consideramos que a principal falha apresentada pelos livros que apresentámos é o critério escolhido para a recolha e apresentação das EIs. Consideramos que a oportunidade de fazer um livro deste género por tema – como o corpo humano – seria algo que gostaríamos muito de realizar um dia. Apesar de estarmos a realizar esta análise no âmbito do ensino de PLE, acreditamos que materiais de EIs poderiam ter como público-alvo tanto os portugueses, como os aprendentes de PLE.

3.7.1. Análise de materiais que fazem referência a EIs do corpo humano

Decidimos criar este subcapítulo para referir alguns livros com pontos interessantes que encontramos ao longo da pesquisa realizada para este estudo. Estes materiais não são específicos de EIs mas referem as mesmas em diferentes momentos e com ideias que consideramos úteis e importantes. Começamos com o *Glossário crítico de dificuldades do idioma português*, de 1947, de Amaral. O objetivo deste autor é dar a conhecer a língua

portuguesa a todos e mostrar como esta é uma língua rica em vários aspetos. Citemos uma passagem do autor que nos fez refletir sobre a língua portuguesa e o amor que podemos ter pela mesma.

Se bem que nunca pratique a injustiça de diminuir os valores reais de outras línguas (valores que há tendência para esquecer ao fazer-se a propaganda da nossa), confesso que não deixo de, sempre que possa respeitar a objectividade, realçar as vantagens que o nosso idioma porventura tenha sobre as demais chamadas línguas cultas. E se é certo que o amor possa levar ao exagero do louvor, a verdade é que quem não conhece não pode amar.

Parecerá por vezes aos que não conhecem a língua portuguesa que este amor que lhe dedico será exagero de apaixonado. Mas não é só isso. Quanto mais a estudo, quanto mais a vou conhecendo, mais lhe quero. E este amor, ao contrário de outros, não é ciumento, nem poderia ser, porque a língua portuguesa é de todos nós.

Os meus votos são que todos venhamos a conhecê-la melhor, para cada vez mais a amarmos. (1947: 111-112)

O autor dá exemplos ao longo da sua obra de expressões idiomáticas como “Comer com os olhos” (1947: 112), “Dar à língua” (1947: 149), “Dar com a língua nos dentes” (1947: 149), “Dar o braço a torcer” (1947: 149). Sobre a expressão “A olhos vistos”, o autor afirma que é difícil explicá-la, questiona-se sobre o sentido da mesma e conclui que “Em idiomatismos a lógica de nada serve.” (1947: 371). Esta frase fez-nos pensar sobre o início de todo este estudo quando tentámos perguntar-nos como deveríamos explicar EIs a estrangeiros, porque nós também temos dificuldades em explicá-las e no final, a resposta acaba por ser a mesma “a expressão não faz sentido se juntarmos os significados individuais das palavras nem se tentarmos perceber a frase, devemos simplesmente considerar toda a expressão e atribuir-lhe um significado”, como já mencionámos anteriormente, as EIs existem em todas as línguas e os aprendentes de uma LE sabem que elas existem na sua LM e se tentam explicar estas EIs, mesmo que seja na sua LM, terão dificuldades em fazê-lo. É nesse momento que os aprendentes de uma LE deixam de perguntar o porquê da utilização de certas palavras numa expressão idiomática. Uma outra entrada presente nesta obra que consideramos pertinente é a de “Riqueza fraseológica” (1947: 443) na qual o autor se questiona sobre a riqueza da língua em geral e reflete sobre a riqueza fraseológica em específico. Como este diz “Uma das riquezas que mais me impressionam é a riqueza fraseológica portuguesa” (1947: 443). Na mesma

linha de sabedoria popular e de origem cultural que defendemos serem as bases das EIs, assim como a presença destas na vida dos portugueses das mais variadas formas, o autor defende que “Como no palpitar de um idioma a força vem do sangue popular, basta pormo-nos à escuta de acidentais diálogos, para logo colhermos graça figurativa às mãos cheias.” (1947: 444). Um pouco mais adiante na sua obra (1947: 490) o autor cria uma entrada intitulada “Símbolos, imagens e figuras relacionadas com o corpo humano” e começa a descrever algumas EIs com a palavra cara e depois com a palavra olhos. O autor diz-nos que “os exageros físicos são frequentes na tradução enfática do que é excessivo, intensivo ou violento” (1947: 491) podemos exemplificar este argumento com a EI “custar os olhos da cara”. O autor continua a referir EIs do corpo humano e a tentar explicá-las e a questionar-se sobre as mesmas. Para concluir este subcapítulo, o autor afirma que a língua portuguesa “é bem dotada de um forte poder imaginativo, de individualidade frásica, de vivacidade, enfim de todos esses mil aspectos em que se patenteia a assombrosa riqueza idiomática portuguesa.” (1947: 498). Acreditamos que esta é uma obra bastante interessante sobre vários tópicos da língua portuguesa, em que o autor fez reflexões muito úteis sobre português que se faziam sentido em 1947 continuam a fazer o mesmo sentido em pleno 2020.

O segundo livro que queremos falar é relativamente mais recente, com a primeira edição de 2018, e intitula-se *Cuidado com a língua!*. Este é o resultado de um programa educativo da RTP no qual há perguntas diárias a portugueses sobre certas questões da língua portuguesa que são difíceis até para nativos. Este surge assim como uma compilação dessas questões e as EIs do corpo humano estão presentes. Sobre a EI “dar o braço a torcer” (2018: 76) os autores explicam o sentido da mesma e, de seguida, apresentam a origem histórica desta expressão, o que consideramos ser muito útil também para os nativos porque na maior parte das vezes não sabemos porque dizemos a EI daquela forma. “Falar com sete pedras na mão” é também uma EI presente neste livro e a forma como é apresentada é exatamente igual à descrita anteriormente, com uma explicação simples e a origem. Os autores criam um subcapítulo intitulado “Expressões idiomáticas ou idiotismos” (2018: 87) e fazem uma breve descrição de EIs, referem a dificuldade na tradução destas expressões e do seu carácter indecomponível, dando alguns exemplos de seguida.

Breves conclusões

Queremos salientar que ao longo da análise sobre vários materiais existentes no mercado português sobre as EIs, nós só utilizámos exemplos de EIs do corpo humano. No entanto, nestes materiais existe um conjunto grande de fraseologismos. Pelos motivos que já apresentámos, acreditámos que existem várias falhas nestes materiais e uma grande lacuna na existência de materiais de PLE relativamente às EIs. Acreditamos que, com a crescente procura de ensino/aprendizagem de PLE, começarão a surgir novos materiais de ensino e que, talvez, as EIs também sejam tidas em conta nesse momento. A verdade é que, como já os referimos anteriormente, só no ano passado foram lançados três livros relativos a fraseologismos, o que pode provar a crescente procura e interesse por esta área da língua portuguesa. Após termos realizado esta análise, veremos de seguida as melhores formas para ensinar EIs e como consideramos ser a forma mais eficaz de o fazer com sucesso, sempre tendo em conta os interesses dos aprendentes de PLE.

Capítulo 4 – Proposta de abordagem didática das EIs do corpo humano

4.1. Como ensinar EIs numa língua estrangeira

Recorrendo novamente ao estudo de Lima e Álvarez (2011) e ao estudo de Martínez (2012), encontramos algumas ideias sobre como ensinar EIs, que consideramos de pertinente análise. Começamos pelo estudo de 2011. As autoras descrevem e dão a sua opinião sobre os três critérios criados por McCarthy e O'Dell (1994) para classificar e distinguir as EIs, de forma a facilitar a aquisição das mesmas por parte dos aprendentes. O primeiro critério é o gramatical em que os autores sugerem que se separem as EIs que contenham verbos seguidos de um complemento direto das EIs que tenham verbos acompanhados por sintagmas preposicionais. As autoras (2011: 74) afirmam que este critério parece mais próprio para um gramático do que para um aluno e nós concordamos porque fazer esta distinção não é uma tarefa fácil para a grande maioria dos alunos. O segundo critério propõe que se agrupe as EIs por significados, ou seja, associadas a uma função comunicativa, por exemplo: todas as EIs que servem para descrever o carácter de uma pessoa ou todas as EIs que servem para descrever o físico de uma pessoa. As autoras (2011: 75) consideram este critério eficaz pois têm uma função comunicativa concreta que se pode praticar com atividades de expressão oral e escrita, sendo mais fácil memorizá-las e aprender a utilizá-las num contexto adequado. Pensamos que este critério é bastante útil e que se podia aplicar facilmente às EIs do corpo humano e, por isso, iremos utilizá-lo num exercício da nossa proposta de abordagem didática das EIs. O último critério é o de uma palavra-chave onde se podem agrupar todas as EIs que contenham uma mesma palavra. As autoras (2011: 75) concordam que esta é a forma mais utilizada nos manuais de ensino de uma LE, mas afirmam que apesar de poder ser bom do ponto de vista lexicográfico, não é a forma mais eficaz do ponto de vista didático porque pode criar confusão nos alunos. Esta confusão deve-se ao seguinte: não ter uma base psicolinguística porque as EIs não têm a mesma função comunicativa e não faz parte dos processos mentais que usamos para armazenar e recuperar o léxico; não aparecerem em contextos de uso o que dificulta a aprendizagem de uma EI e, por último, deve-se a não facilitar a utilização em exercícios comunicativos porque cada EI tem uma função diferente. A utilização deste critério seria válido depois de os aprendentes já terem tido contacto com as EIs anteriormente e isto ser um reforço para a sua memorização. Por

exemplo, se falamos das EIs do corpo humano, podemos utilizar este critério muito facilmente, no entanto sabemos que se agrupamos todas as EIs que contenham a palavra “mão” sem estas terem sido introduzidas anteriormente, o aprendente vai ficar confuso porque dentro deste tópico existirão EIs que significam valores e sentimentos positivos como “estar em boas mãos” ou exatamente o oposto destes sentimentos como a expressão “com sete pedras na mão”, que como sabemos transmite agressividade e ódio. Consideramos que este é um critério que pode funcionar se as EIs já tiverem sido apresentadas e explicadas anteriormente e for apenas uma forma de “reforço” para a sua memorização e utilização. Aos três critérios já apresentados, as autoras decidem acrescentar mais dois devido à sua experiência e pesquisa. O primeiro é o da classificação das EIs pelos campos semânticos, por exemplo do corpo humano, adequando-se ao caso do nosso estudo. No entanto, apesar de terem sido as autoras a propor este critério, elas defendem que “sempre que as expressões agrupadas, a partir deste critério, não sejam semanticamente opacas, é mais coerente ensiná-las juntas, porém quando tenham perdido seu significado literal, essa agrupação é pouco rentável, do ponto de vista didático” (2011: 75), pois as autoras defendem que os alunos ficam confusos. O quinto critério é o de agrupar todas as EIs que contenham um tema como “trabalho”. As autoras (2011: 76) afirmam que este é o critério que parece mais plausível porque as EIs são aprendidas a partir de um tema e não é importante se são opacas ou transparentes. Consideramos que as opiniões das autoras relativamente aos critérios acima apresentados não são completamente coerentes porque se estas criticam o critério número três de agrupar todas as EIs que possuam uma palavra-chave mas de seguida defendem que juntá-las por temas é a melhor forma, pensamos haver alguma contraditoriedade. Recorrendo novamente à palavra “mão” esta pode ser a palavra-chave do nosso agrupamento de EIs assim como o tema que escolhemos e a recolha de EIs vai ser exatamente a mesma. Por isso, concluímos que esta distinção não é assim tão clara quando a palavra-chave escolhida pode também ser o tema escolhido e o resultado da junção das EIs vai ser o mesmo. Continuando com a análise deste estudo, as autoras propõem a utilização do critério dos campos semânticos mas a destacar as funções comunicativas das EIs e criam sete funções: descrever fisicamente as pessoas; descrever psicologicamente as pessoas; descrever os estados anímicos das pessoas; fazer comparações; descrever as reações das pessoas; descrever o comportamento das pessoas; descrever coisas, situações e lugares (2011: 77). Não sendo nosso objetivo criticar esta proposta, não compreendemos o porquê desta decisão e desta divisão. Não consideramos que seja a melhor forma para um aprendente memorizar e

saber como utilizar EIs porque nos parecem temas demasiado abrangentes e que também podem criar confusão nos alunos como as autoras pareciam querer evitar ao longo dos seus comentários sobre os critérios anteriormente apresentados.

Analisemos agora o estudo de Martínez (2012: 97-102), e que vai mais ao encontro do que defendemos ao longo deste estudo. Para esta autora, os fraseologismos devem estar sempre contextualizados dentro de pequenos fragmentos e o professor deve explicar depois o seu significado – mostrando assim, como defendemos anteriormente, a importância do contexto e do papel do professor no momento de ensino de EIs; numa aula não se deve apresentar apenas uma expressão, mas sim um conjunto para que o aluno possa trabalhar com várias possibilidades; é importante que se apresentem fraseologismos pertencentes a uma só classe, para terem um comportamento heterogéneo o que vai facilitar a compreensão por parte do aluno; quando possível deveria ser explicada a origem da expressão e o registo de uso, ou seja, se é mais formal, informal, vulgar, neutro, etc. Relativamente a este ponto, como já defendemos anteriormente, consideramos ser muito importante ensinar a origem de uma EI, tanto a nativos como a aprendentes de uma LE. No entanto, relativamente ao outro tópico, não achamos que seja uma divisão fulcral no momento de ensinar EIs, apesar de concordarmos que faz todo o sentido avisar o aluno para a informalidade ou vulgaridade que o uso de certas expressões pode transmitir para evitar momentos de embaraço. Para Martínez, devemos procurar ou mostrar equivalências entre as expressões na LE e na LM poderia ser interessante e útil para o aprendente compreender melhor as expressões idiomáticas da língua que está a aprender. Por concordarmos com este método, achamos muito útil a criação de um pequeno glossário que proponha equivalências em várias línguas, privilegiando, por exemplo, as línguas mais comuns no Instituto de Língua e Cultura Portuguesa (ICLP). No entanto, a verdade é que, como já o demonstrámos, os materiais didáticos sobre expressões idiomáticas são raros, pelo menos no mercado português. O último ponto que a autora refere é a junção de expressões que tenham algo em comum, por exemplo as que apresentam uma palavra ou um elemento comum e que tenham a mesma função e sejam homogéneas do ponto de vista do significado. Estabelecer relações de significado entre expressões também facilita a memorização, por exemplo se juntarmos todas as expressões que significam “falar muito” poderíamos reunir: falar pelos cotovelos, dar à língua, ter a língua comprida etc.

Sendo a nossa proposta uma reflexão sobre a importância das EIs no ensino de uma LE, não pusemos em prática a abordagem que sugerimos, mas esta foi realizada com base no que vários estudiosos consideram ser essencial, e que nós concordamos, e também baseada no que consideramos faltar nos manuais e materiais atuais de PLE. Pretendemos contribuir assim, com a proposta apresentada de seguida, para a melhoria do Ensino de PLE e para o enriquecimento da aprendizagem da língua portuguesa.

4.1.1. Divisões possíveis no ensino de EIs

Como já foi referido, a divisão temática das EIs pode ser uma forma eficaz e lúdica de ensinar diferentes EIs numa língua estrangeira. Chacoto, reúne algumas vantagens e desvantagens do ensino temático de EIs (2012: 163-164). Uma das vantagens é a consulta fácil e rápida quando se pretende obter informações sobre determinada expressão. Como desvantagem, a autora apresenta o facto de os temas serem escolhidos com base na semântica da expressão e uma expressão poder pertencer a mais do que um tema. Concordamos com este ponto de vista e na elaboração da nossa divisão temática também nos confrontámos com este problema, por exemplo “ter a pulga atrás da orelha” pode facilmente adaptar-se ao tema do corpo humano e dos animais. No entanto, acreditamos que um aprendente de PLE não vai ter dificuldades em adquirir esta EI por conter um termo que se pode ligar aos animais e não ao corpo humano. Acreditamos que a possibilidade de uma EI ser inserida em mais de um tema não é um problema significativo e pode ser enriquecedor.

Outra forma de apresentar e/ou ensinar EIs é a sua ordenação alfabética. Sobre este método, a mesma autora afirma que é um método frequentemente utilizado nos dicionários de fraseologismos, no entanto tem várias desvantagens porque ordenar EIs de forma alfabética implica que tenhamos de as ordenar seguindo algum princípio. No glossário, por exemplo, também nos deparamos com este problema porque algumas EIs não necessitam de forma verbal para serem apresentadas, outras podem ter vários verbos na sua composição, o que dificultou a escolha e sabemos que a escolha que propomos pode não ter sido a melhor. No entanto, não achamos que haja uma opção melhor ou mais acertada do que as restantes. Além disso, também já o afirmámos pela análise dos materiais existentes sobre EIs que esta é a divisão mais utilizada pelos autores e que,

dentro desta divisão, é possível a sua concretização em várias formas, umas mais eficazes do que outras.

Divisão temática das EIs: o corpo humano

Considerando a divisão temática como a forma mais eficaz, cativante e interessante para ensinar e, conseqüentemente, aprender EIs, decidimos elaborar este estudo sobre o tema do corpo humano. O vocabulário relacionado com o corpo humano é aprendido desde o primeiro nível de PLE. Quando aprendemos uma língua, na maioria das vezes, começamos por aprender palavras isoladas e o vocabulário relacionado com o corpo humano está sempre presente. Hoje em dia, com a utilização da internet ou das aplicações no telemóvel e/ou computador, por exemplo, muitas pessoas utilizam estes meios para a aprendizagem de vocabulário. Por considerarmos este tema repleto de léxico útil para os aprendentes de PLE e por sabermos que as EIs associadas ao corpo humano são muito utilizadas pelos nativos, decidimos escolhê-lo. No entanto, reconhecemos que poderíamos ter utilizado outro tema, como os animais ou a culinária. Acreditamos e aceitamos que seria de igual interesse e utilidade para um aprendente de PLE. Contudo, pensamos que o número de EIs não iria ser tão significativo e se um estrangeiro vive em Portugal deve aprender léxico que lhe pode ser útil no dia a dia em Portugal. Para ir a uma consulta, a uma emergência, à farmácia porque há algum problema, ou até no meio da rua se alguém se sente mal, saber este vocabulário pode ser muito útil e até salvar vidas. Todos queremos estar preparados para dizer na língua no país em que estamos onde está a nossa dor, o que sentimos, etc. Por estes motivos consideramos o vocabulário do corpo humano como um bem de primeira necessidade.

Também existe a possibilidade de fazer uma divisão relativamente a temas sentimentais: raiva, amor, forma, negatividade, egoísmo, etc. Por acharmos esta divisão útil e prática para um aprendente de PLE saber que expressão pode usar quando quer expressar determinado sentimento, decidimos subdividir, dentro da nossa divisão já temática, as EIs por categorias de sentimentos. Podemos verificar esta divisão no anexo 36. Não conseguimos encaixar todas as EIs nos subtemas que criámos porque compreendemos que nem todas as EIs se possam classificar nas subdivisões criadas. No entanto, não consideramos este facto como algo negativo ou como uma falha no nosso estudo,

simplesmente temos de compreender que a liberdade e a expressividade inerentes às expressões idiomáticas não o permitem.

4.1.2. Proposta de abordagem didática das EIs do corpo humano – comentários

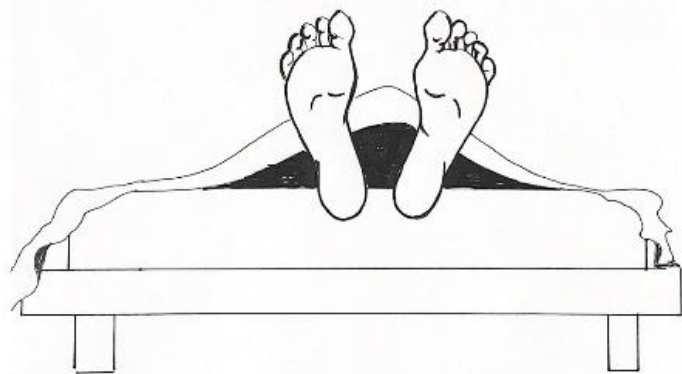
Quando decidimos criar exercícios para o ensino de EIs, tentámos pensar como um aprendente de uma LE e pensar na forma como gostaríamos que este tema nos fosse apresentado quando éramos/somos nós os alunos. Não é fácil agradar a todos ou satisfazer todas as necessidades que consideramos importantes no momento de criar materiais de ensino. No entanto, decidimos criar algo que nos atraísse, na expectativa de fomentar o interesse junto dos aprendentes de LE. Como já referimos, não pusemos em prática estes exercícios e, por isso, não sabemos qual seria a reação dos alunos aos mesmos. Admitimos que poderiam não mostrar interesse e aí saberíamos que o nosso objetivo tinha falhado. No entanto, já todos os professores passaram por um ou outro exercício que os alunos não mostraram muito interesse e que, por vezes, causa alguns momentos de frustração e aborrecimento. Contudo, defendemos que é nesses momentos que o papel do professor é fundamental. Se o número de alunos que não está satisfeito não é significativo, acreditamos que não há muito que se possa fazer mas se o número de descontentes é elevado, aí o professor deve tentar perceber o porquê deste aborrecimento e, talvez assim consiga utilizar o exercício de outra forma, tornando-o mais atrativo para os aprendentes. Também estamos conscientes de que o momento de realização de um exercício é determinante no seu sucesso ou insucesso. A gestão da organização de uma aula é importante ser feita antecipadamente pelo professor para conseguir ter uma aula produtiva e dinâmica. Não planeámos estes exercícios para um momento específico da aula de PLE e não os fizemos para que sejam utilizados todos numa mesma aula, pois acreditamos que isso sim pode levar ao cansaço e falta de interesse. O que defendemos é a continuidade, prática e consequente memorização do que se aprendeu ao longo das aulas/cursos de PLE. Por exemplo, se numa aula lemos um texto onde aparece uma EI com a palavra “mão” talvez possamos ensinar várias EIs com esta parte do corpo humano, como o mostraremos na proposta que apresentamos. Este tema pode ser suficiente para o tempo e o interesse dispensado para este tópico ou não. Se o professor percebe que os alunos estão interessados e com vontade de querer aprender mais, por que razão não apresentar as EIs com a palavra “dedo”? Se numa aula de uma matéria um pouco mais difícil e pesada para

os alunos estes demonstrarem cansaço e vontade de parar, por que não apresentar um exercício visual divertido, onde os alunos já não precisem de estar demasiado atentos e a questionar-se sobre tudo o que estiveram a ouvir e a talvez não compreender? Por exemplo, se o tema for um tempo gramatical específico, poderia ser utilizada uma frase ou um pequeno conjunto de frases a utilizar esse tempo verbal e, ao mesmo tempo, com EIs presentes e assim fazer uma ligação entre as duas matérias apresentadas para que o aluno se sinta motivado e empenhado na aprendizagem do tempo verbal de uma forma diferente. Defendemos que se pode fazer muito com as EIs, que estas podem ser uma forma de ensinar muito mais do que uma nova expressão idiomática, mas também gramática e léxico.

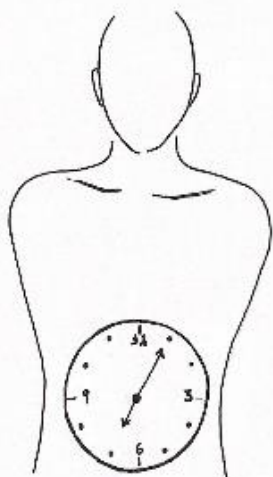
Dito isto, sabemos que numa aula de PLE o plano que delineamos anteriormente pode não ser cumprido por vários fatores, por isso acreditamos na importância e valor que o papel do professor desempenha no sucesso de ensino de uma LE. Algo que também tivemos presente no momento de realização da proposta foi a utilização de contexto para que o aprendente possa tentar compreender melhor a EI. No entanto, sendo esta uma abordagem teórica, não utilizámos contexto em todos os exercícios mas imaginámos que o professor poderia criar um no momento da realização dos exercícios, se percebesse que os alunos precisavam ou se estes o pedissem. Para além disso, os exercícios criados seriam idealmente propostos aos alunos após uma apresentação das EIs num texto ou num momento criado pelo professor para o ensino das mesmas. Por isso, gostaríamos de referir que estes exercícios não são dedicados exclusivamente ao ensino de EIs do corpo humano, mas sim à prática das mesmas. Também gostaríamos de acrescentar que estes exercícios foram idealizados para realizar em sala de aula (ou numa aula de PLE online) com um grupo de estudantes jovens-adultos (20-30 anos) e decidimos utilizar o pronome pessoal “nós” para nos aproximarmos ao estudante e nos incluirmos na realização dos exercícios com os alunos. Para além disso, também acreditamos que utilizar o pronome pessoal “você” é demasiado formal, apesar de ser o mais adotado nos manuais de PLE existentes atualmente no mercado.

Idealmente, após a realização de cada exercício acreditamos que seria produtivo promover momentos de expressão oral para praticar as EIs apresentadas nos exercícios. Apesar de não mencionarmos em todos os enunciados dos exercícios a oralidade, criámos os exercícios para promover a conversa entre os alunos e o professor. Num exercício final incitaríamos à tentativa de tradução das EIs apresentadas nos exercícios nas línguas

maternas dos alunos porque acreditamos ser um momento de interação interessante entre alunos e professores. Sabemos também que se os alunos tiverem como LM uma língua que o professor e grande parte dos alunos do grupo não compreendam seria mais difícil e talvez não muito relevante. No entanto, pensamos que, nesse caso, se existisse uma EI com o mesmo significado mas com palavras diferentes para o expressar, o aluno poderia traduzi-la literalmente para português. Após essa tradução a EI poderia até fazer algum sentido para os outros ou o oposto e aí os alunos iriam perceber que se quisessem utilizar essa EI em português não podiam fazê-lo pois perderia todo o sentido.



Proposta de abordagem didática das expressões idiomáticas do corpo humano



Realizado por: Cristiana Santos

Ilustrado por: Adriano Borges

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL

LETRAS
LISBOA

Proposta de abordagem das EIs do corpo humano – exercícios

- Em português existem muitas expressões idiomáticas relacionadas com o corpo humano. Aqui estão algumas:

Exercício 1. Vamos observar as imagens:



1. Qual é a parte do corpo humano destacada em cada imagem?
2. O que pode significar cada imagem?
3. Que expressão idiomática pode corresponder a cada imagem?

Exercício 2. Vamos relacionar as expressões idiomáticas apresentadas com as quatro ações.

AÇÃO

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

- Desconfiar •
- Confrontar •
- Trabalhar •
- Falar muito •

- Estar com a mão na massa
- Falar pelos cotovelos
- Dizer na cara
- Ter a pulga atrás da orelha
- Atirar à cara
- Ter a língua comprida
- Meter mãos à obra
- Estar de pé atrás
- Não ter mãos a medir

Exercício 3. Vamos ler alguns excertos do livro *Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, identificar e tentar explicar as expressões idiomáticas presentes. Existe uma expressão em cada excerto!



“A casa estava toda desarrumada. Estava tudo de pernas para o ar e tudo coberto de farinha. Estava tudo fora do sítio.” (p.18)

“Vi os ministros, os conselheiros e os homens importantes com o seu nariz comprido, a sua cara de caso e o seu ar solícito.” (pp.24-25)

“Oriana, ouvindo este discurso, ficou muito aflita com o que tinha feito. Num abrir e fechar de olhos tocou com a sua varinha de condão no bloco, fazendo desaparecer o que lá estava escrito, e tocou na bailarina, fazendo-a voar para cima da prateleira.” (p.27)

“- Isso é uma mentira muito estúpida. Uma fada não se pode apaixonar por um peixe. Essa história é má-língua.” (p.55)

“Quando Oriana chegou à torre, era já noite fechada. E ela levava os pés em sangue e o coração pesado.” (p.59)

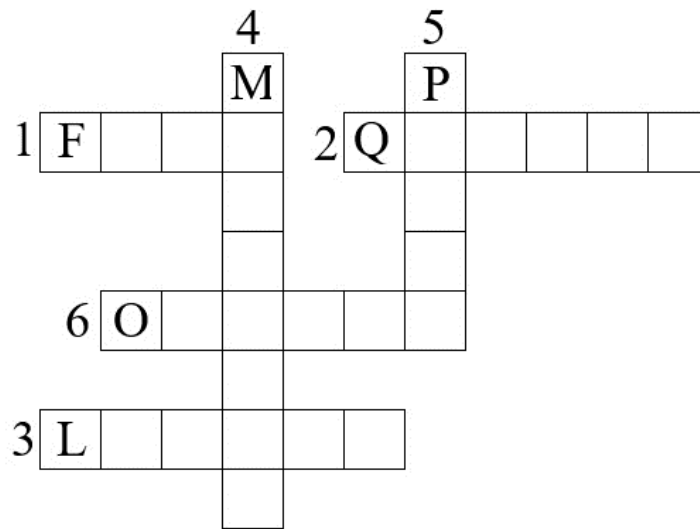
“Oriana sentiu os seus olhos encherem-se de lágrimas. Sentiu um nó na garganta e um terrível peso sobre as suas costas. Era como se tivesse umas asas de chumbo.” (p.66)

“- Sabes – disse o peixe –, quando uma pessoa nos atira à cara o favor que nos fez perde o direito à nossa gratidão.” (p.78)

“[...] De hoje em diante vou tornar a guiá-la todos os dias, como antigamente”.
E apressou o passo para chegar mais depressa ao pé da sua amiga.” (p.87)



Exercício 4. Vamos descobrir as expressões idiomáticas e completar os enunciados com as palavras do jogo. Depois, vamos discutir os possíveis significados!



1ª Expressão Idiomática: Estar com a _____ e o _____ na mão.

Dica 1: Objeto que corta, geralmente usado na cozinha. (1)

Dica 2: Alimento sólido feito a partir do leite de animais. (2)

2ª Expressão Idiomática: Ter a _____ afiada.

Dica 1: Órgão que temos dentro da boca. (3)

3ª Expressão Idiomática: Ter mãos de _____.

Dica 1: Produto feito de leite. Normalmente é usado no pão ou para cozinhar. (4)

4ª Expressão Idiomática: Ter a _____ atrás da _____.

Dica 1: Pequenos insetos que não voam. Alimentam-se principalmente do sangue de animais. (5)

Dica 2: Órgão exterior do corpo humano, responsável pela audição (6).

Exercício 5. Vamos encontrar verbos na sopa de letras e depois construir expressões idiomáticas do corpo humano.

M	A	N	D	A	R	F	G	H	H	M	A	P	I	O
E	G	H	I	C	D	O	H	P	Ô	R	A	U	U	L
W	T	R	A	Z	E	R	H	Y	V	U	H	K	I	H
E	T	H	J	K	L	R	C	H	B	P	L	U	I	A
V	R	G	H	A	N	D	A	R	N	R	J	R	K	R
E	G	T	Y	K	L	Ç	P	I	Q	D	U	E	A	Z
R	A	W	G	T	H	J	K	I	S	W	T	U	T	X
T	G	H	B	D	H	E	S	U	T	S	R	Y	I	F
E	R	D	F	G	H	T	E	R	H	U	R	H	R	T
C	H	E	G	A	R	A	F	G	J	B	T	K	A	H
R	E	I	R	G	J	K	L	A	F	I	C	A	R	J
D	D	X	R	G	H	A	F	H	Y	R	O	U	H	I
H	F	A	E	R	V	I	T	E	R	J	U	L	I	O
J	G	R	L	Ç	F	U	N	M	U	Y	T	U	I	O
E	S	T	A	R	R	P	E	R	G	U	N	T	A	R

1. □□□□□	2. □□□□□	3. □□□□□	4. □□□□□
5. □□□□□□	6. □□□□□□	7. □□□□□□	8. □□□□□
9. □□□□□□	10. □□□□□□	11. □□□□□□□□	
12. □□□	13. □□□	14. □□□	

<p>1- ___ a cabeça em água. _____ com a cabeça em água. _____ com a cabeça em água.</p>	<p>2- <u>FICAR</u> com os cabelos em pé. _____ com os cabelos em pé _____ os cabelos em pé. ___ os cabelos em pé.</p>	<p>3- _____ à cara. _____ à cara.</p>
<p>4- ___ a pulga atrás da orelha. _____ com a pulga atrás da orelha. _____ com a pulga atrás da orelha.</p>	<p>5- _____ cara a cara. _____ cara a cara.</p>	<p>6- ___ a olho nu. _____ a olho nu. _____ a olho nu.</p>
<p>7- ___ com bons olhos. _____ com bons olhos.</p>	<p>8- _____ a mostarda ao nariz. _____ a mostarda ao nariz.</p>	<p>9- _____ com o credo na boca. _____ com o credo na boca.</p>
	<p>10- _____ com o rei na barriga. _____ o rei na barriga.</p>	

Exercício 6. Vamos ler as expressões idiomáticas relacionadas com o coração e a barriga. O significado apresentado é verdadeiro ou falso? Se é falso vamos tentar corrigir (ver exemplo).

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	SIGNIFICADO	
Fazer das tripas coração	Esforçar-se muito por algo	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Ficar com o coração nas mãos	Pessoa maldosa Estar muito preocupado	V <input type="checkbox"/> F <input checked="" type="checkbox"/>
Abrir o coração	Dizer o que se sente	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Ter o coração ao pé da boca	Dizer tudo o que pensa	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Vir do (fundo do) coração	Dizer o que sente/ser verdadeiro	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Ter um coração de ouro	Ser má pessoa	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Não ter coração	Estar muito preocupado	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Cair o coração aos pés	Ficar sem reação/sem saber o que fazer	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Ter mais olhos do que barriga	Não querer comer	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Estar com o rei na barriga.	Só pensar em si própria(o)	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Ter a barriga a dar horas.	Não ter fome	V <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>

Exercício 7. Vamos completar a expressão idiomática com a palavra mais adequada. O que significa cada expressão?

a). Dar um puxão de _____.

costas pés orelhas

b). Ser apanhado com a _____ na botija.

mão barriga boca

c). Mentir com os _____ todos.

dentes narizes dedos

d). Dar dois _____ de conversa

olhos dedos cabelos

e). Fazer as coisas em cima do _____.

cabeça pé joelho

f). Entrar por um _____ e sair por outro.

ouvido olho nariz

g). Bater com o _____ na porta.

nariz pescoço braço

h). Fugir com a _____ para a verdade.

língua mão boca

i). Estar na ponta da _____.

perna cara língua

j). Atirar para trás das _____.

unhas costas orelhas

Exercício 8. Vamos ler os seguintes títulos de notícias.

<p>1</p> <p>Infocui Cláudio Ramos sem papas na língua: "Odiei trabalhar com a Joana Latino. Achei um horror" Cláudio Ramos sem papas na língua: "Odiei trabalhar com a Joana Latino. Achei um horror". 10 Novembro, 2020 Redacção 0 Comments Cláudio Ramos, ... há 3 dias</p> 	<p>3</p> <p>P PÚBLICO Entrada com o pé direito das portuguesas no Alicante Open Entrada com o pé direito das portuguesas no Alicante Open, Sofia Araújo e Ana Catarina Nogueira apuraram-se nesta quarta-feira para os ... 1 semana atrás</p> 
<p>2</p> <p>TVI Joana confronta Zena: «Falaste-me com sete pedras na mão» Joana confronta Zena: «Falaste-me com sete pedras na mão». 04 nov 2020. No «Big Brother – A Revolução», a designer de moda decidiu confrontar a ... há 1 semana</p> 	<p>4</p> <p>N-TV Filomena Cautela defende Leonor Poeiras com "unhas e dentes": "Que se honre o seu trabalho" Filomena Cautela defende Leonor Poeiras com "unhas e dentes": "Que se honre o seu trabalho". Por. N-TV. 05/11/2020. Fotografias: Instagram Filomena ... há 1 semana</p> 

1. Qual é a expressão idiomática do corpo humano presente no título? Vamos sublinhar.
2. O que significa a expressão idiomática?
3. Vamos substituir as expressões idiomáticas presentes por outras palavras?

1 Como reescrever o título:

_____.

2 Como reescrever o título:

_____.

3 Como reescrever o título:

_____.

4 Como reescrever o título:

_____.

Exercício 9. Vamos ler em voz alta os diálogos e tentar explicar o significado das expressões a negrito, relacionadas com várias partes do corpo humano.

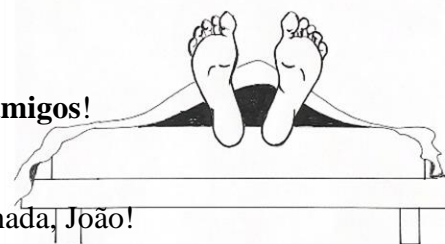
Diálogo 1.

- Olá, Ana! Relógio novo? É muito bonito!
- Olá, Maria! É verdade, mas **custou-me os olhos da cara!**
- Com o teu novo trabalho como chefe vais voltar a ter o dinheiro que gastaste num **abrir e fechar de olhos**, não te preocupes.
- Chefe... é verdade, sou chefe. Mas ser chefe não está a ser fácil, Maria. Sou a responsável por muitas pessoas e muitos problemas. Tento **abrir os olhos** aos meus colegas sobre algumas atitudes erradas que eles têm, mas não é assim tão simples. Bem, sobre o relógio, também acho que é muito bonito mas o pior foi quando o meu marido descobriu o valor que eu paguei, **ficou de olhos em bico!**
- Com o tempo tudo vai ficar melhor e o teu marido vai esquecer isso também! Vamos **dar uma vista de olhos** àquela ourivesaria nova? Agora fiquei com vontade de comprar um relógio novo!

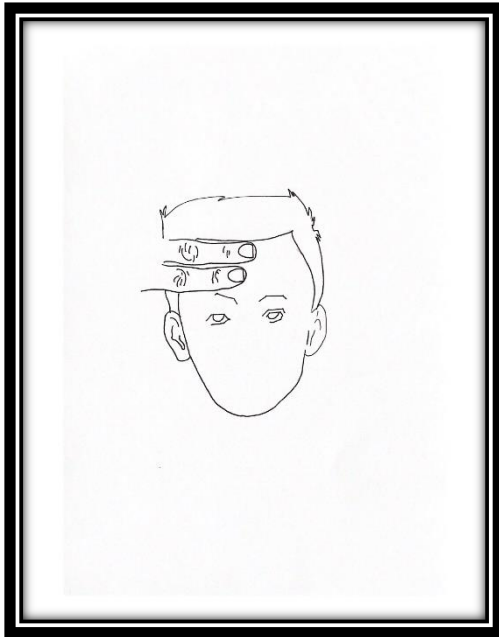


Diálogo 2.

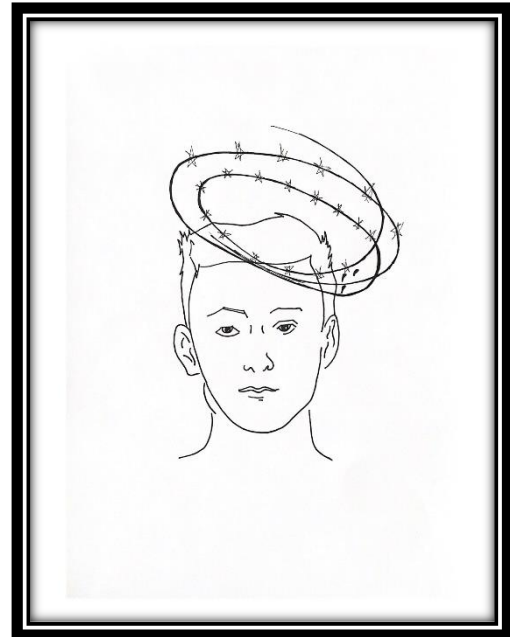
- João, o que se passa? Hoje **estás com cara de poucos amigos!**
- Clara, por favor não fales comigo hoje.
- Porquê? **Acordaste com os pés de fora?** Eu não te fiz nada, João!
- Eu sei que não mas hoje **estou pelos cabelos** com o meu irmão mais novo.
- Ah, então é isso. Eu sei que ele **mete o nariz em tudo** e que não gostas disso.
- Ainda bem que percebes! E para além de meter o nariz em tudo o que eu faço acaba sempre por **dar com a língua nos dentes**. Ontem os meus pais descobriram que na sexta-feira não fui à escola! Bem tentei inventar uma desculpa mas **meti os pés pelas mãos** e foi um desastre.
- Coitado! Não te preocupes, vou tentar **meter algum juízo naquela cabeça!**



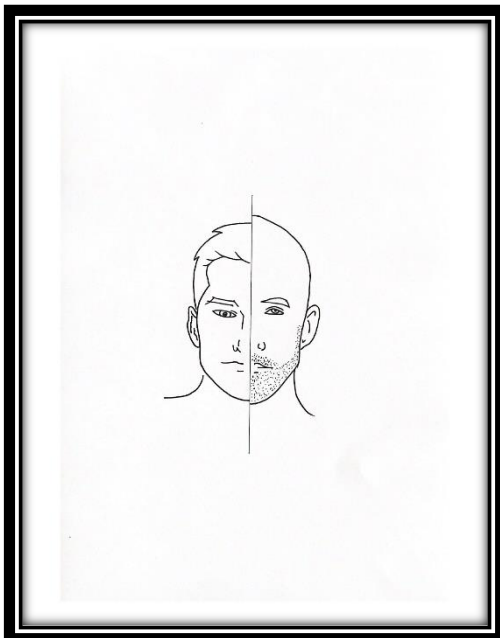
Exercício 10: Vamos observar as imagens apresentadas e as expressões idiomáticas que elas representam. Qual é o significado das EIs? Vamos tentar descobrir!



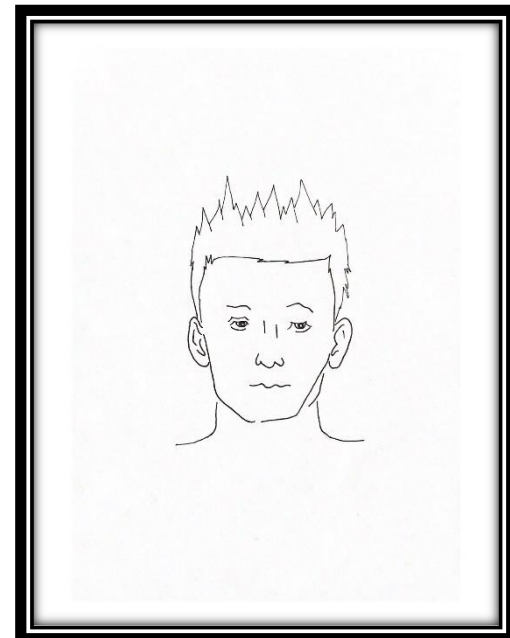
Ter dois dedos de testa.



Ficar com a cabeça à roda.




Ter duas caras.



Ficar com os cabelos em pé.

Exercício 11. Em português temos EIs que servem para falar sobre aspetos positivos e negativos das pessoas. Vamos tentar descobrir se as EIs apresentadas dizem bem ou mal das pessoas! Atenção: algumas EIs podem ter os dois significados.

Aspetos Positivos 

Aspetos Negativos 

Ser cabeça de alho chocho.	<input type="radio"/>	Falar nas costas.	<input type="radio"/>
Ser cabeça dura.	<input type="radio"/>	Não ter coração.	<input type="radio"/>
Ter dor de cotovelo.	<input type="radio"/>	Estar com o rei na barriga.	<input type="radio"/>
Estar em boas mãos.	<input type="radio"/>	Ter jogo de cintura.	<input type="radio"/>
Ter duas caras.	<input type="radio"/>	Ter um coração de ouro.	<input type="radio"/>
Ser senhor do seu nariz.	<input type="radio"/>	Falar com sete pedras na mão.	<input type="radio"/>
Só ter garganta.	<input type="radio"/>	Ser um unhas de fome.	<input type="radio"/>
Abrir os olhos a alguém.	<input type="radio"/>	Ter a boca suja.	<input type="radio"/>
Ser o braço direito de alguém.	<input type="radio"/>	Dar uma mãozinha.	<input type="radio"/>
Estender a mão.	<input type="radio"/>	Emprenhar pelos ouvidos.	<input type="radio"/>
Acordar com os pés de fora.	<input type="radio"/>	Ter as costas quentes.	<input type="radio"/>
Mandar bocas.	<input type="radio"/>	Ser um mãos largas.	<input type="radio"/>
Dar o braço a torcer.	<input type="radio"/>	Mentir com todos os dentes.	<input type="radio"/>

Conclusão – considerações finais

Quando decidimos escolher este tema para a presente dissertação não sabíamos o desafio que nos esperava. Durante o primeiro ano letivo de mestrado tivemos muito contacto com falantes de PLE e foi nesse momento que, como nativos, conseguimos compreender as maiores dificuldades que eles possuem na língua portuguesa. Sem dúvida que um “bicho de sete cabeças” para eles são as expressões idiomáticas. Aí começámos a questionar-nos sobre como explicaríamos a um não nativo de português o que é realmente um “bicho de sete cabeças”. Não é fácil, soubemo-lo de imediato. Foi pelo facto de não ser fácil que decidimos querer investigar sobre como estão a ser ensinadas estas estruturas da língua aos estrangeiros. Percebemos que não estavam ou, se estavam, era de uma forma quase nula. Quisemos perceber se esta era uma área crítica em outros países e no ensino de outras línguas e chegámos à conclusão que sim. Como defendemos ao longo da dissertação sabemos e temos a noção do grau de dificuldade que esta parte da língua implica e exige. No entanto, como professores de PLE queremos ser melhores e fazer melhor. Por isso, decidimos estudar este tema, analisar os estudos já realizados, investigar os materiais existentes e perceber como estavam a ser tratadas as EIs no ensino.

Tivemos como objetivo mostrar que os aprendentes de PLE têm inúmeras dificuldades neste tópico e, por isso, realizámos os inquéritos que já mostrámos e analisámos. Tentámos conhecer as razões e, sem dúvida, que consideramos que o motivo principal é a ausência deste tópico nos materiais de ensino de PLE. Sabendo que estas estruturas fazem parte do quotidiano de todos aqueles que vivem em Portugal, apesar de por vezes estes nem se aperceberem da sua presença por ser algo tão natural, como já mostrámos. Pensamos ter conseguido alcançar este objetivo porque através dos exemplos apresentados conseguimos provar a sua intensa presença nos mais variados tipos de discurso. Quisemos também mostrar que se um estrangeiro procurar no mercado por um material que mostra, explica e ensina EIs não irá ter muito sucesso pois a existência destes é escassa e os poucos materiais que existem, na sua maioria, não estão escritos para estrangeiros e possuem muita informação que não iria acrescentar nada importante ao aprendente de PLE, especificamente quando falamos de EIs que caíram em desuso e que atualmente não fazem parte da comunicação dos falantes de português.

Sabendo que é um tópico de difícil compreensão e, conseqüentemente, de difícil ensino, defendemos que há dois fatores principais para obter sucesso no momento de ensino de

EIs: o contexto e o professor. Como já explicámos e exemplificámos é muito fácil criar um contexto rápido e simples para explicar uma EI, mostrando o seu uso na prática. Acreditamos ser fundamental mostrar um exemplo real da sua utilização para que o aprendente compreenda bem quando e em que ocasiões deve e pode utilizar determinada EI. Tão ou mais importante que este ponto mencionado é, sem dúvida, o papel do professor no momento de ensino de EIs pois este deve ter estratégias para ensinar qualquer tópico da língua e as EIs não podem ser exceção. Com a crescente procura pelo ensino de PLE, os professores também têm de procurar como melhorar as suas aulas e a metodologia de ensino da língua. Cada vez é mais fácil ter acesso a tudo com poucos cliques e a constante procura por materiais novos e cativantes para os alunos é fundamental no sucesso da sua profissão. Com a nossa proposta de abordagem didáctica quisemos mostrar que é possível criar materiais eficazes, simples e cativantes para trabalhar com os alunos. Aceitamos que o professor talvez precise de um guia ou um caderno do professor para conseguir utilizar da melhor forma a nossa proposta. Pensamos que poderíamos escrever algumas dicas, conselhos e sugestões sobre o ensino de EIS e também explicar-lhe como acreditamos ser a melhor forma de utilizar o caderno de exercícios. Talvez seja um complemento a criar no futuro.

Antes de começarmos a realizar a nossa proposta didáctica pensávamos que a íamos fazer “com uma perna às costas”. No entanto, pensando em todas as componentes importantes para o ensino de PLE, em como criar algo cativante e atrativo para os aprendentes e em todas as coisas que criar materiais de ensino implica percebemos que não era fácil. Porém, é possível e pensamos que conseguimos mostrar isso com a nossa proposta. Compreendemos que por vezes não há tempo para ensinar EIs porque há outras partes “mais importantes” e os programas são definidos de acordo com um número de horas fixo. Contudo, a nossa proposta de abordagem foi elaborada pensando num material que poderia ser feito ao longo de várias aulas, alguns exercício por aula, por exemplo ou como complemento e suporte para a matéria dada, sendo também uma forma de trazer para a língua a criatividade e a cultura, inerentes e fundamentais para o ensino de uma língua. Gostaríamos de continuar a investir na proposta didáctica que aqui propomos e elaborar um caderno didáctico de EIs, que poderia ser publicado e servir de material tanto para os aprendentes como para os professores. Estamos bastante satisfeitos com este produto final e esperamos que este trabalho seja útil para outros estudiosos que, como nós, são apaixonados por este mundo idiomático. Sabemos que há muito por estudar e explorar

neste campo tão complexo e apaixonante que é a fraseologia. Porém, esperamos ter conseguido “dar uma mãozinha a alguém” com este estudo, se conseguirmos podemos dizer que estamos felizes com o resultado.

Bibliografia

Adelnia, A., & Dastjerdi, H. V. (2011). Translation of idioms: a hard task for the translator. *Theory and Practice in Language Studies*, V.1, No. 7, pp. 879-883. Academy Publisher. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Hossein_Vahid_dastjerdi/publication/228837452_Translation_of_Idioms_A_Hard_Task_for_the_Translator/links/09e4150d54e9b79be600000.pdf

(consultado em janeiro de 2020)

Almeida, J. J. (2019). *Dicionário de calão e expressões idiomáticas*. Lisboa: Guerra e Paz.

Amaral, V. B. (1947). *Glossário crítico de dificuldades do idioma português*. Porto: Livraria Simões Lopes.

Carvalho, S. L. (2018). *Nas bocas do mundo – Uma viagem pelas histórias das expressões portuguesas*. Lisboa: Planeta.

Diatta, A. (2016). *Abordagem comunicativa e avaliação no processo de ensino/aprendizagem de português língua estrangeira no Senegal*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em:

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25082/1/ulfl219386_tm.pdf

(consultado em janeiro de 2020)

Durán, J. D. D., & Bertrán, A. P. (1998). *Léxico y fraseología*. Granada: Método Ediciones.

Europa, C. (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições ASA. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro_europeu_comum_referencia.pdf

Esperança, J. M. D. (2004). Conceitos e métodos na aprendizagem do português como língua estrangeira. *Português mais – um manual escolar em análise*. Disponível em:

<http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/conceitosemetodos.pdf>

(consultado em fevereiro de 2020)

Fernandes, G. (2008). Expressões idiomáticas: frases fixas intransitivas do português europeu. *In: Estudos Linguísticos*, Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, 2008, pp. 101-119. Disponível em:

<https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/graca-fernandes.pdf>

(consultado em fevereiro de 2020)

Flores, C. (2013). *Português Língua Não Materna: Discutindo conceitos de uma perspetiva linguística*. Braga: Universidade do Minho. Disponível em:

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23009/1/C.Flores_PLNM%20Discutindo%20conceitos%20de%20uma%20perspetiva%20lingu%C3%ADstica.pdf

(consultado em fevereiro de 2020)

Flores, C., & Melo-Pfeifer, S. (2014). O conceito " Língua de Herança" na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: Considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. *Domínios de Linguagem*, V.8, No. 3, pp. 16-45. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/267514803_O_conceito_Lingua_de_Heranca_na_perspetiva_da_Linguistica_e_da_Didatica_de_Linguas_consideracoes_pluridisciplinares_em_torno_do_perfil_linguistico_das_crianças_lusodescendentes_na_Alemanha
(consultado em janeiro de 2020)

Fraser, B. (1970). Idioms within a transformational grammar. *Foundations of Language*, V. 6, No. 1, pp. 22-42. Disponível em:

https://www.academia.edu/578294/Idioms_within_a_transformational_grammar
(consultado em fevereiro de 2020)

Galhardo, A. S. S. (2019). *Provérbios e outras locuções – Reflexões pessoais*. Lisboa: Chiado Books.

Ghițescu, M. (1997). *Novo dicionário de provérbios: português, espanhol, francês, italiano, romeno*. Lisboa: Fim de século edições.

Hymes, D. H. (1972). "On Communicative Competence" In: J.B. Pride and J. Holmes (eds). *Sociolinguistics. Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293. Disponível em:

<http://www.homes.uni-bielefeld.de/sgramley/Hymes-2.pdf>
(consultado em fevereiro de 2020)

Jackendoff, R., Everaert, M., van der Linden, E., Schenk, A., & Schreuder, R. (1995). *Idioms: Structural and psychological perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Jorge, G., & Jorge, S. (1997). *Dar à língua: Da comunicação às expressões idiomáticas*. Lisboa: Edições Cosmos.

Leiria, I. (2004). Português língua segunda e língua estrangeira: Investigação e ensino. *Idiomático. Revista Digital de Didática de PLNM*, V. 3, pp. 1-11. Disponível em:

<http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>
(consultado em janeiro de 2020)

Lima, L. M., & Ortíz Álvarez, M. L. (2012). O ensino das expressões idiomáticas em língua espanhola e suas equivalências em língua portuguesa. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, V. 10, No. 1. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/955>
(consultado em fevereiro de 2020)

Lederer, M. (1994). *La traduction aujourd'hui. Le modèle interprétatif*. Hachette: Paris.

Matias, G. R., & Parreira, M. C. (2011). O ensino de expressões idiomáticas à luz da lexicografia pedagógica. *Pesquisas em Discurso Pedagógico*, V. 2, pp. 1-15. Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=18854@1>

(consultado em março de 2020)

Mello, I. (2016). Fraseologismos em língua estrangeira: ilustração dos processos de compreensão. *Ao Pé da Letra*, V. 18, No. 1. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index/search/search?query=fraseologismos&searchJournal=&authors=ian+gil+de+mello&title=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateFromYear=&dateToMonth=&dateToDay=&dateToYear=&dateToHour=23&dateToMinute=59&dateToSecond=59&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms=>

(consultado em fevereiro de 2020)

Mendes, H. M. R. V. D. (2002). A utilização de provérbios e de expressões idiomáticas numa aula de PLE. in AA.VV. (2002): *Cadernos de PLE nº2*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em:

http://variating.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/04/H_M_PLE2-prov%C3%83%C2%A9rbios.pdf

(consultado em janeiro de 2020)

Moisés, M. (1978). *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Editora Cultrix.

Oliveira, C., & Coelho, L. (2018). *Aprender Português 2: Português para estrangeiros nível B1*. Lisboa. Texto.

Oliveira, C., & Coelho, L. (2016). *Aprender Português 3: Português para estrangeiros nível B2*. Lisboa. Texto

Ortíz Álvarez, M. L. (Org.) (2012). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia*. Campinas: Pontes Editores.

Pascoal, J. L., & Oliveira, T. B. (2013). *Exames de português CAPLE – UL – CIPLE, DEPLE, DIPLE*. Lisboa: Lidel.

Polónia, C. P. F. M. (2009). *As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica*. (Dissertação de Mestrado). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23086/2/mestceciapoloniaexpressoes000085002.pdf>

(consultado em janeiro de 2020)

Rente, S., & Prina, L. (2013). *Expressões idiomáticas ilustradas* [QEQR níveis B1/B2/C1/C2]. Lisboa: Lidel.

Resende, P. (2012). O tratamento dado às expressões idiomáticas em sala de aula. *Anais do SIELP*, V. 2, No. 1. Minas Gerais: Univesidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:

http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_250.pdf

(consultado em fevereiro de 2020)

Rio-Torto, G. (2012). *Lexical Idiomaticity and word processing*. In: *Los limites de la morfología. Estudios ofrecidos a Soledad Varela Ortega*. (pp.397-412). Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/307777735_Lexical_idiomaticity_and_word_processing

(consultado em janeiro de 2020)

Rocha, M. R. M. & Costa, J.M. (2009). *Cuidado com a Língua!*. Alfragide: Oficina do Livro.

Santos, A. N. (2000). *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Sena, J. D. (2019). *Sinais de Fogo*. Porto: Livros do Brasil.

Sena – Lino, P. & Boléo, J. (2016). *Cidades do Mar B2*. Porto: Porto Editora.

Sena – Lino, P. & Boléo, J. (2017). *Cidades do Mar B1*. Porto: Porto Editora.

Simas, R. (2019). *É canja easy as pie*. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

Vale, A. (2015). *Puxar a Brasa à Nossa Sardinha*. Lisboa: Presença.

Vieira, A. (2006). *Pezinhos de Coentrada - Pequenas Histórias*. Cruz Quebrada: Casa das letras.

Vilela, M. (2002). *As expressões idiomáticas na língua e no discurso*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18051>

(consultado em fevereiro de 2020)

Xatara, C. M. (1995). O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa: Revista de Linguística*, V. 39. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3980>

(consultado em janeiro de 2020)

Xatara, C. M. (1998). Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa: Revista de Linguística*, V. 42. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4274>

(consultado em janeiro de 2020)

Xatara, C. M. (2012). O ensino do léxico: As expressões idiomáticas. *Trabalhos em linguística aplicada*, No. 37. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639325>

(consultado em janeiro de 2020)

Sites:

Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)
<https://clul.ulisboa.pt/recurso/corpus-de-referencia-do-portugues-contemporaneo>

CRPC: Portugal only

<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/index.php?thisQ=subcorpus&uT=y&fbclid=IwAR059ySRkZbPjf4hwjzEzQ3G9XQodyzEvri6UBdmrbXWXY3HcYp6hdXmvtI>

Links das imagens dos anexos:

Campanha publicitária da McDonald's

<https://www.facebook.com/McDonaldsPortugal/posts/1468276673342156/>

Desporto ao minuto

<https://www.noticiasao minuto.com/desporto/1533235/o-golo-japones-que-deixou-donnarumma-de-olhos-em-bico-em-san-siro?fbclid=IwAR0vuz0qG6I9RsfT3qEd8QLfbTPyOBvWEOhkTscowxZiPKxxJYVVbTnleHs>

Diário de Notícias

<https://www.dn.pt/mundo/charles-michel-criticado-por-realizar-cimeira-cara-a-cara-durante-a-pandemia-12927157.html?fbclid=IwAR0vuz0qG6I9RsfT3qEd8QLfbTPyOBvWEOhkTscowxZiPKxxJYVVbTnleHs>

Dnotícias

https://www.dnoticias.pt/2020/10/30/172072-a-cannabis-profeta/?fbclid=IwAR2AB7UqAT_iWInKhTui6CxhEPLOJiWq6z3ndKCIn729AI7-f9amxaAdwng

Flash

https://www.flash.pt/atualidade/nacional/detalhe/lingua-afiada-e-pronto-para-a-vinganca-andre-filipe-manda-bocas-ao-bb-enquanto-esta-internado?fbclid=IwAR1HZU7SKwMSbydphsQeJ-EMva1qjvvOwXQ5qKU_Cla34iQVzza1B9zFrYg

Flash

https://www.flash.pt/famosos/nacional/detalhe/joana-amaral-dias-gosta-de-provocar-ate-choram-com-dor-de-cotovelo?fbclid=IwAR3YzE9XbjUWOWlqZA3V4Edatk_eHY6gHLBksqfnTnknhJxHtBZUiXACkwQ

Gramática para todos – o português na ponta da língua

<https://www.wook.pt/livro/gramatica-para-todos-marco-neves/23001696>

MOTOR24

https://www.motor24.pt/ensaios/ensaio-mercedes-benz-e-300de-os-meritos-da-eletrificacao-diesel/1491112/?fbclid=IwAR2x-TrMu3_j8O11Jl36t8nYicfi8-mwjRW6NyD1rGbUkuOZwLF0RHxcKM

Na Ponta da Língua - Mais de 200 palavras que ajudam a falar e a escrever melhor
<https://www.wook.pt/livro/na-ponta-da-lingua-sergio-luis-de-carvalho/21416555>

Nova Gente

<https://www.novagente.pt/claudio-ramos-manda-indireta-de-muito-pouco-me-valeriam-minhas-costas-largas?fbclid=IwAR2zoECzJn124f3TEaY9E4q1LSL4SG7qaaOdIKHTGkXz3ndJOwPXpfY0iSI>

O vinho na ponta da língua

<https://www.wook.pt/livro/o-vinho-na-ponta-da-lingua-maria-joao-de-almeida/18765995>

Observador

<https://observador.pt/2020/10/14/o-futebol-mundial-de-pernas-para-o-ar-quando-ate-ele-tem-covid-19-as-reacoes-dos-jornais-europeus-a-infecao-de-ronaldo/?fbclid=IwAR0MBRoi7Q29WbFaBa6l9zOv2trXLjOu9yQCEL3tv8A5TJF5uqwlhVifQb8>

Observador

<https://observador.pt/opiniao/a-mascara-da-irresponsabilidade/?fbclid=IwAR1Qk2O8trxKSDt0S8DU7oQjFTDeFzX8Go0msIFiapLXXVaOYvJrQb5P40U>

SAPO LifeStyle

<https://lifestyle.sapo.pt/vida-e-carreira/ecologia/artigos/zero-desperdicio-4-livros-online-gratuitos-explicam-as-criancas-porque-nao-ter-mais-olhos-que-barriga?fbclid=IwAR2aWizYeFU0Ra-eJ-S9sf9va1OBdQcUf-uHTVYcFCTKhrj0GY0XXGsXX1U>

Tribuna expresso

https://tribunaexpresso.pt/atualidade/2020-10-13-E-se-Cristiano-Ronaldo-tivesse-jogado-com-Henry-Pires-Wiltord-e-Bergkamp--Se-calhar-tinhamos-marcado-200-golos-numa-epoca?fbclid=IwAR2qB546ZFkDDLwYL72IkZ8V8WgcsTzZwR48Bm1uLqG_hnIsAMGIE_stlMI

TV 7 Dias

<https://www.tv7dias.pt/terra-brava-eduarda-mente-em-tribunal-e-incrimina-afonso?fbclid=IwAR38iz16ID7cc19rh8OsgVksFAKsGH6AVEWutgqakxX7PlaTgTJunBz3VY>

TVI iol

<https://tvi.iol.pt/bigbrother/big-brother/big-brother-a-revolucao/quintino-aires-destroi-sofia-e-compara-a-com-erica->

[silva?fbclid=IwAR3YzE9XbjUWOWlqZA3V4Edatk_eHY6gHLBksqfnTnknhJxHtBZUiXACkwQ](https://www.facebook.com/silva?fbclid=IwAR3YzE9XbjUWOWlqZA3V4Edatk_eHY6gHLBksqfnTnknhJxHtBZUiXACkwQ)

TVI Player

https://tviplayer.iol.pt/programa/bem-me-quer/5f33be550cf2c42d26096e65/video/5f9d40c10cf203abc5ae0287?fbclid=IwAR3_Gy190p75D9t5KrTqWmpdDUGtvdS4oY91_HB9pqu5jSoPBaGbUgvxyUw

Visão

<https://visao.sapo.pt/visao-fest/2020-10-10-capicua-convida-luis-alves-e-alfredo-cunhal-sendim-para-a-conversa-casa-no-campo/?fbclid=IwAR2ltqx4M70sEBmridFCLPVHctZBbknUCcYLLWiBLeJSpRwiqSXaXiFc7FM>

Visão

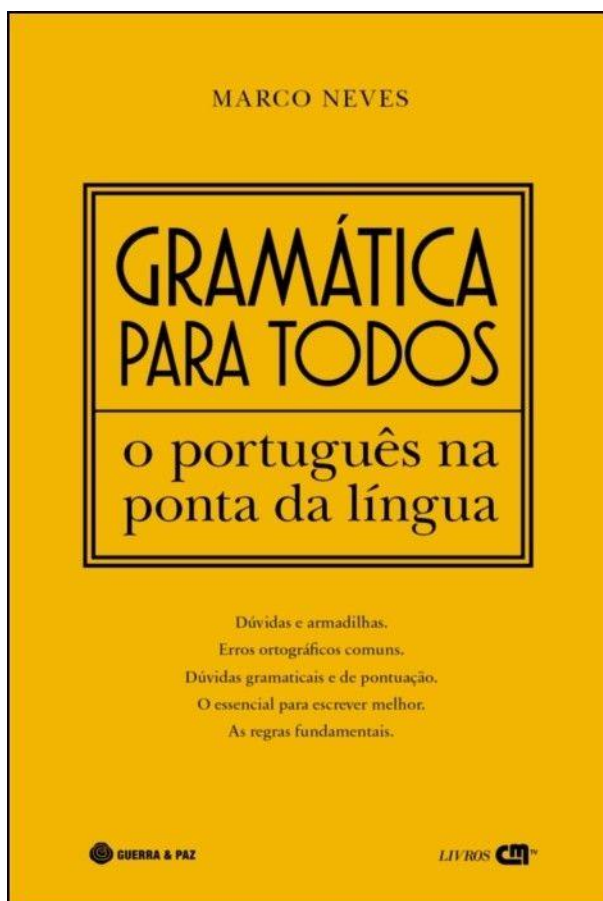
<https://visao.sapo.pt/visao-fest/2020-10-10-capicua-convida-luis-alves-e-alfredo-cunhal-sendim-para-a-conversa-casa-no-campo/?fbclid=IwAR1Qk2O8trxKSDt0S8DU7oQjFTDeFzX8Go0msIFiapLXXVaOYvJrQb5P40U>

ANEXOS

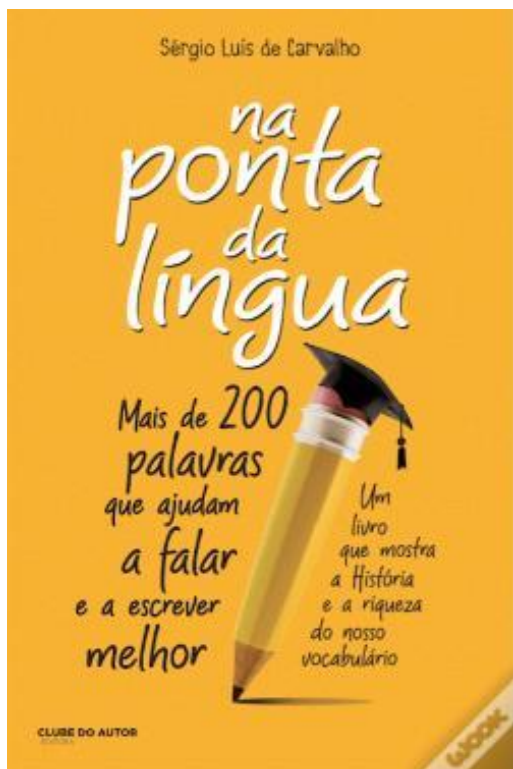
Anexo 1 - *O vinho na ponta da língua*



Anexo 2 - *Gramática para todos – o português na ponta da língua*



Anexo 3 - *Na Ponta da Língua* - Mais de 200 palavras que ajudam a falar e a escrever melhor



Anexo 4 - Campanha publicitária da McDonald's



**Anexo 5 – Fraseologismos do livro *Cidades do Mar*
Caderno de Atividades B1**

EXPRESSÃO	COMO SE APRESENTAM AS EIS:					
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO	EXERCÍCIO DE LA CUNAS	EXERCÍCIO DE CORRESPONDÊNCIA	EXERCÍCIO DE SUBSTITUIÇÃO
Velha é a Sé de Braga - p.4	X					
Ir passear abaixo de Braga – p.7				X		
Fazer falta				X		
Não fechaste a porta, és de Braga				X		
Ver Braga por um canudo				X		
Mais velho que a Sé de Braga – p.7				X		
O ovo do Colombo – p.8					X	
Deitar-se com as galinhas					X	
Quando as galinhas tiverem dentes					X	
Ficar com pele de galinha					X	
Cantar de galo					X	
Missa do galo					X	
Fazer um galo – p.8					X	
Música para os meus ouvidos – p.8		X				
Estou-me nas tintas -p.9	X					
Dar de frosques – p. 15				X		
Fazer das tripas coração				X		
Dar o fúrico				X		
Um fino				X		
Dar um giro / dar uma volta				X		
Ferver em pouca água					X	
Ficar em águas de bacalhau					X	
Estar amado em carapau de comida					X	
Fechar a brasa à sua sardinha					X	
Sem papas na língua					X	
Estar com as mãos na massa					X	
Crescer água na boca – p.15					X	
Argumento de peso - p.17	X					
A falar é que a gente se entende -p.17	X					
Fazer ver – p.22					X	
Nunca tal se viu					X	
Não ver a hora					X	
Ver-se e desejar-se					X	
Ter a ver – p.22					X	
Meter mãos à obra – p.24			X			
Fechado a sete chaves - p.30	X					
Chamar as coisas pelos nomes -p.30	X					
Falar pelos cotovelos -p.31	X					
Estás com cara de caso -p.34				X		
Mudar de ares				X		
Chorar que nem uma Maria Madalena				X		
Mãos à obra -p.34				X		
Morrer de amores por – p.35					X	
Ter amor à canisola					X	
Amor à primeira vista					X	
Ter amor à vida					X	
Amor platónico – p.35					X	
Abrir os ouvidos e o coração -p.36	X					
Estás com um ar péssimo -p.47	X					
Sol de pouca dura – p.49				X		
Apertar o cinto				X		
Prometer mundos e fundos				X		
Ser uma gota de água no oceano				X		
Fechar-se a copas				X		
Viver à grande e à francesa – p.49				X		
Fechou-se em copas -p.50						X
Prometer mundos e fundos						X
Ficou em água de bacalhau						X
Ferve sempre em pouca água						X
Cheio de pompa e circunstância						X
Uma gota de água no oceano -p.50						X
A conversar é que a gente se entende -p.53	X					
Fresco que nem uma alface -p.56				X		
Obras de santa Engrácia- p.57					X	
Meter o Rossio na rua da Betesga					X	
Ir pregar para outra freguesia					X	
Cair o Carmo e a Trindade					X	
Resvês Campo de Ourique- p.57					X	
Ser de trás da orelha – p.72					X	
Pôr a cabeça no lugar					X	
Fazer ouvidos de mercador					X	
Falar pelos cotovelos					X	
Dar o braço a torcer					X	
Fazer uma coisa em cima do joelho					X	
Meter os pés pelas mãos- p.72					X	
Não sei como vou dar a volta -p.72	X					
Não ata nem desata- p.78				X		
Com unhas e dentes- p.78				X		
Estão na moda -p.79	X					
Mandei tudo às urtigas -p.87				X		
Alhos com bogalhos				X		
Corei que nem um tomate				X		
Quem não arrisca não petisca -p.87				X		

Cidades do Mar B1

EXPRESSÕES	COMO SE APRESENTAM AS EIS:					
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO PARA EXPLICAR	EXERCÍCIO DE ORALIDADE	EXERCÍCIO DE ESCOLHA MÚLTIPLA	EXERCÍCIO DE CORRESPONDÊNCIA
Ler nas entrelinhas - p.8		X				
Um cidadão de coração - p.10		X				
Chamar as coisas pelos nomes - p.11		X				
Deu-me uma bronca - p.14		X				
Tucá, tucá - p.16		X				
Quem tudo quer... - p.17		X				
Mais velho que a Sé de Braga - p.17		X				
Frases feitas - p.18		X				
Cainas bocas do mundo - p.19	X					
Está nas mãos dos - p.19	X					
Sempapas na língua - p.20		X				
Ser todo ouvidos - p.21		X				
A rir é que a mente se entende - p.22		X				
Pé de meia - p.22	X					
Conseguiste apertar? - p.29		X				
Música para os meus ouvidos - p.31		X				
Dar à língua - p.31		X				
Língua solta - p.31		X				
A falar é que a mente se entende - p.34		X				
Crescer àgua na boca - p.34		X				
Para bomententedor - p.36		X				
Aportuguesar - p.36		X				
Comer com os olhos - p.37		X				
Faço das tripas coração - p.37	X					
De olhos bem abertos - p.43		X				
Armados em carpapas de corrida - p.43	X					
Gramo-te buá, Portugal - p.44		X				
Não via a hora de - p.46/47		X				X
Não ter mãos a medir - p.47		X				
Ouvidos de mercador - p.49		X				
Mãos à obra - p.54		X				
E de mema - p.66	X					
Dar ouvidos - p.67		X				
Abriu o apetite - p.68		X				
Com água na boca - p.69		X				
Perdia cabeça - p.77	X					
São águas passadas - p.77	X					
Da boca para fora - p.83		X				
Devam cá o coração	X					
Pedi a mão - p.83	X					
Estar com cara de caso - p.84				X		
Chorar que nem uma Maria Madalena				X		
O que lá vai, lá vai				X		
Assim é que é				X		
Isso são águas passadas!				X		
Não ver a hora de...				X		
Chegar a brasa à sardinha - p.84				X		
Ferver em pouca água				X		
Cada um é como cada qual - p.85		X				
Amor à terra - p.90/91	X		X			
Amor à família	X		X			
O resto é paisagem p.91	X		X			
Não quero ouvir a brasa à minha sardinha - p.91	X		X			
Estão com as mãos na massa	X		X			
Fit ou tudo em águas de bacalhau - p.91	X		X			
Uma mão cheia de... - p.92	X		X			
Amor à primeira vista - p.92		X				
Meier o nariz onde não se é chamado - p.93		X				
Dar nas vistas - p.95		X				
Sem dó nem piedade - p.99	X					
Vivir à grande e à francesa - p.99	X					
Ouve lá - p.100		X				
Cada um puxa a brasa à sua sardinha					X	
Um debate aceso					X	
Viver à grande e à francesa					X	
O resto é paisagem					X	
E preciso apertar o cinto					X	
Não ter mãos a medir - p.100					X	
Apertar o cinto - p.101	X					
Torcer o nariz - p.101	X					
De boca emboca - p.112	X					
Já me querem ver pelas costas - p.112	X					
Pê a cabeça no lugar - p.115						X
Não bakes os braços				X		
Não bakes a cabeça				X		
Abre os olhos e apanhem				X		
Dar um empurrãozinho				X		
Dar uma mãozinha				X		
Arrestar as mexas				X		
Pix mãos à obra				X		
Gritar a plenos pulmões - p.115				X		
Sentir-se verde que nem uma alface - p.124			X			
Mandar tudo às fexas			X			
Corar como um tomate			X			
Estar com as mãos na massa			X			
Grão a grão enche a galinha o papo			X			
Passar do ponto			X			
Vender o seu peixe			X			
Puxar a brasa à sua sardinha			X			
Confunde olhos com bucaletos			X			
Quem não arrisca não petisca			X			
Não vale a pena chorar pelo leite derramado - p.124			X			
Com uma perra às costas - p.129		X				
A tempo inteiro - p.133						X
Em três tempos						X
A tempo e horas						X
Dar tempo ao tempo						X
Fazer tempo						X
Em tempo recorde - p.133						X
Ficar a pé e à ma - p.138	X					
E de nós da orla - p.140		X				
Comunhas e dentes - p.143		X				
Não há esgiza						X
Não faça orellas moucas - p.143		X				
De chorar a rir - p.144		X				
Pão não, queijo queijo - p.157		X				
Foi uma pechincha - p.158			X			
Conselhos são de maça - p.159		X				
Línguas de perseguidor - p.159		X				
São histórias da carochinha - p.160	X		X			
Claro como água - p.161		X				
Dar a volta ao texto - p.173		X				
Uma imagem vale mais que mil palavras - p.174		X				
Correr-me nas veias	X					
Dar à costa - p.174/175	X		X			
O chá das cinco - p.175		X	X			
Fazer face a - p.175	X					
Andar com a casa às costas - p.176			X			
Ir nam pé e vir noutro - p.177		X				
Alargar os horizontes - p.177	X					
Não aia nem desata - p.178						X
Azarar um projeto com unhas e dentes						X
Pesar na balança						X
Nem sim nem sopas - p.178						X
Acerrar asinhas - p.178		X				

Caderno de Atividades B2

EXPRESSÃO	COMO SE APRESENTAM AS EIS:					
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO	EXERCÍCIO DE LACUNAS	EXERCÍCIO DE CORRESPONDÊNCIA	EXERCÍCIO DE ESCOLHA MÚLTIPLICA
Dar a volta por cima- p.9				X		
Casa cheia -p.11						X
Rodar a baiana- p.23				X		
Ajoelhou tem de rezar				X		
A dar com o pau				X		
Dia de São Nunca- p.23				X		
Dar um pulo- p.30				X		
Pezinho de dança				X		
Ficar ao pé				X		
Em pé de igualdade				X		
Quebrar o galho- p.30				X		
Dar o braço a torcer- p.39				X		
Dar uma volta				X		
Por a fásquia mais alto				X		
Viajar na maionese- p.39				X		
À sombra da bananeira- p.47				X		
Já vi melhores dias				X		
Estar de molho- p.47				X		
Não há maca- p.52						X
Chamar os bois pelos nomes- p.52						X
Meter os pés pelas mãos- p.59						X
Abrir mão de						X
Não ter mãos a medir						X
Abrir os cordões à bolsa						X
Unhas de fome- p.59						X
Reza a história- p.74				X		
Pano para mangas				X		
Ir na conversa				X		
Respirar fundo				X		
Quem se lixa é o mexilhão- p.74				X		
Acertar agulhas- p.82				X		
Ter a ver				X		
Das duas uma				X		
Trabalhar para o bronze- p.82				X		
Contar os tostões- p.90				X		
Unhas de fome				X		
Ficar na cochinchina				X		
Árvore das patacas				X		
Elefante em loja de porcelana- p.90				X		

Cidades do Mar B2

EXPRESSÃO	COMO SE APRESENTAM AS EIS:					
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO	EXERCÍCIO DE CORRESPONDÊNCIA	EXERCÍCIO DE ESCOLHA MÚLTIPLICA	EXERCÍCIO DE EXPLICAR
Ler nas entrelinhas – p. 8		X				
Primeiras impressões – p.8		X				
Um cidadão de coração – p.9		X				
Puxar pela cabeça – p.10		X				
Conseguiu apertar – p. 10		X				
Dar ouvidos – p.14		X				
Viajar na maionese – p. 16		X				
Para bom entendedor – p.16		X				
Dar à língua – p.19		X				
Sem papas na língua – p.19		X				
Dar com a boca no trombone – p.20		X				
Deu-me uma branca -p.31		X				
No dia de São Nunca –p.33				X		
Ver fumo (Angola)				X		
Ao Deus dará				X		
Dar o braço a torcer				X		
Viajar na maionese				X		
Não há maca (Angola) - p.33				X		
Uma imagem vale mais que mil palavras – p.34		X				
Dar com a língua nos dentes – p.37		X				
Línguas de perguntador – p.38		X				
Dar uma dica – p.41		X				
Pouca terra, pouca terra – p.52		X				
Um pezinho de dança – p.64		X				
Quem tudo quer - p.66		X				
Traduzir por máudos – pg.67		X				
Fresco que nem uma alface – p.77				X		
Pôr a fásquia mais alta				X		
Ficar ao pé				X		
Vir à baila				X		
Estar a pé				X		
Longe da vista				X		
Ter conhecido melhores dias				X		
Ter os pés bem assentes em terra		X				
Ao pé da letra				X		
Bater o pé				X		
Do pé para a mão				X		
Dar um pezinho de dança				X		
Ao pé de...				X		
Entrar com o pé esquerdo				X		
Entrar com o pé direito – p.77				X		
Se o arrependimento matasse – p.83		X				
Com água na boca – p.86		X				
Palavra de honra – p.86		X				
De olhos bem abertos – p.91		X				
Torcer o nariz – p.94		X				
Vamos indo – p.100		X				
Ouvido de mercador – p.104		X				
Agarrar com unhas e dentes – p.104		X				
Pôr os olhos – p.107		X				
Dar com a boca na botija – p.113		X				
De malas feitas – p.117		X				
Passar os olhos – p.118		X				
Puxando a brasa à sardinha de cada um – p.120		X				
Às mil maravilhas – p.120		X				
De mãos dadas – p.124		X				
Não ter mãos em				X		
Meter os pés pelas mãos				X		
Em primeira mão				X		
Em segunda mão				X		
De mão beijada				X		
Altrix mão de				X		
Mão de ferro				X		
Não ter mãos a medir				X		
Uma mão lava a outra				X		
Dar uma mãozinha – p.124				X		
Quando as galinhas tiverem dentes – p.126		X				
Ficar de boca aberta -p.129					X	
De olhos bem abertos -p.132		X				
Uma grande dor de cabeça – p.135		X				
Quem se lava é o mexilhão – p.135						X
Dar uma volta – p.136		X				
Uma no cravo, outra na ferradura – p.143		X				
Araamentos de peso – p.148		X				
À vontade do freguês – p.148		X				
Com pano para mangas – p.152		X				X
Reza a história- p.152	X					X
Ler para crer – p.168	X					
Trocar impressões – p.172		X				
Como um elefante numa loja de porcelanas – p.174		X				
Árvore das patacas				x		
Negócio da china				x		
Isso para mim é chinês				x		
Sorriso amarelo				x		
Paciência de chinês				x		
Isso fica lá na cochichina -p.174				x		

Anexo 6 – Fraseologismos do livro *Aprender Português*

Caderno de Atividades B1

EXPRESSÃO	COMO SE APRESENTAM AS EIS:					
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO PARA EXPLICAR	EXERCÍCIO PARA SUBSTITUIR A EI	COMEXPLICAÇÃO	EXERCÍCIO DE OPINIÃO
Fora de horas - p.15	X					
Quanto mais depressa, mais devagar - p.38	X					

Aprender Português 3 B1

EXPRESSÃO	COMO SE APRESENTAM AS EIS:					
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO PARA EXPLICAR	EXERCÍCIO PARA SUBSTITUIR A EI	COMEXPLICAÇÃO	EXERCÍCIO DE OPINIÃO
Fora de horas - p.8	X					
Quem conta um conto, acrescenta um ponto - p.82			X			
Tia de Cascais - p.90	X					
Em bom tom - p.92	X					
Em Roma, sê romano - p.92		X	X			
Não ter mãos a medir - p.107	X					
Pôr a conversa em dia - p.110	X		X			
Essa não lembraria nem ao diabo! - p.114	X					
Parar é morrer - p.124	X					
Mãe há só uma - p.128	X					
Só sei que nada sei - p.131	X					
É pegar ou largar - p.146	X					

Caderno de Atividades B2

EXPRESSÃO	COMO SE APRESENTAM AS EIS:					
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO PARA EXPLICAR	EXERCÍCIO PARA SUBSTITUIR A EI	COMEXPLICAÇÃO	EXERCÍCIO DE OPINIÃO
Amigos do seu amigo – p.6				X		
Andar de costas voltadas – p.17	X					
Estão na berra – p.37	X					
Horas a fio – p.37	X					
Dão-lhe uma vista de olhos – p.46	X					
Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje – p.46	X					

Aprender Português 3 B2

EXPRESSÃO	COMO SE APRESENTAM AS EIS:				
	TEXTO	TÍTULO	EXERCÍCIO PARA EXPLICAR	EXERCÍCIO PARA SUBSTITUIR	COM EXPLICAÇÃO
Verão de S. Martinho – p.25	X				
Quem meu filho beija, minha boca adoça – p.28	X		X		
Cairá nas boas graças – p.28	X		X		
Amigo verdadeiro vale mais do que o dinheiro – p.28	X		X		
A descer todos os santos ajudam – p.33	X				
Um jardim à beira-mar – p.33	X				
Pé ante pé – p.39	X				
A falar é que a gente se entende – p. 43		X			
Cheira bem, cheira a Lisboa – p. 46		X			
Por um fio – p. 53	X				
Coração de Lisboa – p.58	X			X	
Amigo do nosso amigo – p.71	X		X		
Vivemos fechados sobre o nosso umbigo – p.76	X		X		
Se vê grego	X				
É chinês	X				
É um mouro de trabalho	X				
Vive à grande e à francesa	X				
É só para inglês ver – p.76	X				
Fadas do lar – p.87	X		X		
Passar ao lado – p.87	X				
Não dá quem tem, se não quem quer bem – p.104			X		
Fazer o bem, sem olhar a quem – p.105			X		
A mulher quer-se pequenina como a sardinha – p. 110					X
Foi por água abaixo					X
Ficou em águas de bacalhau					X
Armar-se em carapau de corrida – p. 110					X
Comida de plástico – p.117	X				
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer – p.117			X		
Burro atrás das grades – p. 118		X			
Ponho-me logo a milhas – p.121	X		X		
Fiquei vacinada – p.121	X		X		
Geração rasca – p.132	X				
Tirar o cavaleiro da chuva – p. 144	X		X		
Ficar para tia – p.144	X		X		
Estar à sombra da bananeira – p.146	X		X		
Nem tudo são rosas – p.148	X				
De cortar a respiração – p.150	X		X		
Não tem mãos a medir – p.170	X		X		
Vai de vento em poupa – p.170	X		X		

Anexo 7 – Inquérito realizado a estudantes de PLE



INQUÉRITO

Mestrado - Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda

O meu nome é Crisiliana Santos, e estou a fazer a minha dissertação de Mestrado, que se intitula - *As expressões idiomáticas como elemento cultural no ensino de Português Língua Estrangeira – As expressões idiomáticas do corpo humano*.

Preciso da vossa gentil colaboração e venho convidá-los a participar no meu trabalho, através do preenchimento deste breve inquérito.

Agradeço, desde já, a vossa participação!

Dados gerais:

Idade:
Nacionalidade:
Língua Materna:
Línguas Estrangeiras:
Nível (a frequentar) de Português Língua Estrangeira:
Tempo de residência em Portugal:

1. Assinale com (x) as Expressões Idiomáticas presentes no conjunto de enunciados:

- | | |
|---|--------------------------|
| Ter a pulga atrás da orelha | <input type="checkbox"/> |
| Abrir águas mil | <input type="checkbox"/> |
| Estar com cara de caso | <input type="checkbox"/> |
| Acordar com os pés de fora | <input type="checkbox"/> |
| Amigos, amigos, negócios à parte | <input type="checkbox"/> |
| Quem conta um conto acrescenta um ponto | <input type="checkbox"/> |

2. Assinale com (x) as Expressões Idiomáticas que conhece:

- | | |
|---------------------------------------|--------------------------|
| Abrir os olhos a alguém | <input type="checkbox"/> |
| Acontecer num abrir e fechar de olhos | <input type="checkbox"/> |
| Andar com a cabeça na lua | <input type="checkbox"/> |
| Atinar areia para os olhos | <input type="checkbox"/> |
| Atirar-se de cabeça | <input type="checkbox"/> |
| Comer com os olhos | <input type="checkbox"/> |
| Dizer o que vem à cabeça | <input type="checkbox"/> |
| Estar a olho nu | <input type="checkbox"/> |
| Fazer a cabeça a alguém | <input type="checkbox"/> |
| Ficar de olhos em bico | <input type="checkbox"/> |
| Ir para o olho da rua | <input type="checkbox"/> |
| Meter alguma coisa na cabeça | <input type="checkbox"/> |
| Não pregar olho | <input type="checkbox"/> |
| Perder a cabeça | <input type="checkbox"/> |
| Ser cabeça dura | <input type="checkbox"/> |
| Ser cabeça-de-alho-chocho | <input type="checkbox"/> |
| Ser um bicho de sete cabeças | <input type="checkbox"/> |
| Ter a cabeça em água | <input type="checkbox"/> |
| Ter mais olhos do que barriga | <input type="checkbox"/> |
| Ter olho | <input type="checkbox"/> |

3. Faça corresponder a uma expressão da coluna A um significado da coluna B, como o ilustra o exemplo.

Coluna A	coluna B
1. Defender com unhas e dentes	A. Assustar-se
2. Entrar por um ouvido e sair por outro	B. Ser boa pessoa
3. Estar cara a cara	C. Com todas as forças
4. Estar de pernas para o ar	D. Não fazer sentido
5. Ficar com os cabelos em pé	E. Intrometer-se em coisas que não lhe dizem respeito
6. Fugir com a boca para a verdade	F. Dizer mal de alguém
7. Meter o nariz (onde não é chamado)	G. Estar ao contrário do que é suposto
8. Não ter pés nem cabeça	H. Não prestar nenhuma atenção
9. Ter a língua afiada/comprida	I. Querer mentir, mas denunciar a verdade
10. Ter um coração de ouro	J. Confrontar alguém

4. Explique o significado das seguintes Expressões Idiomáticas:

Mentir com todos os dentes

Falar pelos cotovelos

Fugir a sete pés

Descobrir a careca

Custar os olhos da cara

Anexo 8 – Inquérito realizado a portugueses

Assinale se conhece, utiliza ou não conhece nem utiliza as seguintes expressões idiomáticas

	Conheço	Conheço e utilizo	Não conheço nem utilizo
Ter a pulga atrás da orelha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estar com cara de caso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acordar com os pés de fora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Abrir os olhos a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acontecer num abrir e fechar de olhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Comer com os olhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dizer o que vem à cabeça	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estar a olho nu	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer a cabeça a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ficar de olhos em bico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ir para o olho da rua	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meter alguma coisa na cabeça	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não pregar olho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Ser um bicho de sete cabeças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter a cabeça em água	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter mais olhos do que barriga	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter olho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Defender com unhas e dentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entrar por um ouvido e sair por outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estar cara a cara	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estar de pernas para o ar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Não ter pés nem cabeça	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter a língua afiada/comprida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter um coração de ouro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mentir com todos os dentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falar pelos cotovelos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fugir a sete pés	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Descobrir a careca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Custar os olhos da cara	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Descobrir a careca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Custar os olhos da cara	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Idade *

- <20
- 20-30
- 30-40
- >40

Submeter

Anexo 9 – Tabela das expressões idiomáticas escolhidas para o estudo

Expressão idiomática	Significado – escrito por mim	Definição em <i>Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas</i>	Variações possíveis	Tema	Exem
1. Cabeça	Esta mala cansado				
2. Ter a cabeça em água	Ficar fora de controle;	Ser muito tenaz	Ficar, Deixar, Estar, Fazer, Por	Carapça	Idiota
3. Ficar com a cabeça a roda	Ficar fora de controle;		Estar, Anidar		
5. Perder a cabeça	sign. completamente	Perder a calma, o domínio, a serenidade; irritar-se; Esbochar			
6. Andar com a cabeça no burrinete	Andar muito distraído	Distraído, alheio ao que se passa em redor, principalmente por não estar atento em coisas distintas; insistir	Estar	Falta de atenção	Idiota
7. Passar o que vem a cabeça	Logo passar no que se diz	Falar sem reflectir		Comunidade	Idiota
8. Fazer a cabeça a julgam	Tentar convencer alguém a fazer algo				
9. Ser cabeça de alho dabalho	Pessoa distraída	Dica de pessoa distraída, esquecida, que não presta atenção	Ter	Distração	Idiota
10. Achar-se de cabeça	Ir em frente sem pensar				
11. Ser um bicho de sete cabeças	Muito complicado	Empenhar-se numa tarefa, projecto, empresa, com grande entusiasmo, com todas as forças; sem poder deixar por fazer ou paragens; Agir com afinia e precipitadamente	Ir de; Longos de; Mandar-se de	Anterior	Idiota
12. Saber algo a cabeça	Prigo muito complicado	Empenhar-se em toda a cabeça possível	Fazer	Dificuldade	Idiota
13. Puxar pelo cabelo	Tentar fazer algo; Puxar	Empenhar-se numa tarefa, projecto, empresa, com grande entusiasmo, com todas as forças; sem poder deixar por fazer ou paragens; Agir com afinia e precipitadamente		Intelecto	Idiota
14. Meter alguma coisa na cabeça	Convincer-se de algo	Fazer um esforço para compreender, aprender, recordar	Pôr	Percepção	Idiota
15. Ser cabeça dura	Ser tenaz	Decorar, compreender	Ter; Estar a ser	Comunicar	Idiota
17. Ficar com os cabelos em pé	Assustar-se	Experimentar uma situação estranha de medo; Pavor	Pôr; Deixar; Estar	Suro	Idiota
18. Estar por cabelos até a ponta dos cabelos	Estar fora de si; alucinado	Sentir-se no limite da paciência; dar forças fracas ou mentir	Ficar; Anidar	Esforço	Idiota
19. Deitar a cabeça	Descobrir a verdade	Revelar segredos; culpa; admissão de uma pessoa		Mentira	Idiota
20. Deitá-lo, Deitá-lo					
21. Fazer omeido de mercedor	Frangir que não ouve;				
22. Ser todo omeido	Ir por uma situação	Frangir que não se ouve a pergunta ou comentário que é dirigido ao próprio, principalmente para se equivar a dar uma resposta	Ter	Fingimento	Idiota
23. Empenhar pelos omeidos	Está disposto a entrar a outro	Empenhar-se em toda a cabeça possível		Avanço	Idiota
24. Dar omeido a alguém	Ser influido por outros	Assustar em tudo que se diz; Deixar-se influenciar por intrigas, mercedor		Influido	Idiota
26. Entrar por um omeido e sair por outro	Ouvir com atenção e esquecer logo	Ouvir com atenção; ponderar; Acordar		Representar	Idiota
28. Dar um pulso de omeido	Representar alguém	Mão pesada a uma situação ao que é dito; ignorar totalmente advertências, conselhos, ameaças, etc.	Levar; Mover	Inferência	Idiota
27. Ter os omeidos quentes	Quando alguém não quer a falar mal de nós	Comunicar, responder	Estar; Ficar com; Anidar com; Deixar com	Representar	Idiota
28. Ter a pulga atrás do omeido	Estar desconfiado de alguém/alguém	Dica de pessoa que é uma de conversa na sua situação		Desconfiança	Idiota
29. Caro		Com desconfiança; suspeita			
30. Achar à cara	Dizer algo frente a frente de forma dura!				
31. Matar à cara	Confrontar alguém com fatos	Exporete alguma coisa a alguém; castigar alguém na sua presença; recordar a uma pessoa, um temor severo, qualquer falta passada; favor recebido, etc.	Mandar	Confronto	Idiota
32. Estar com cara de caso	Mostrar que se passa algo	Falar francamente na presença da própria pessoa	Ficar; Ter	Demora	Idiota
33. Ser a cara deitada de	Ser paradoxológico a outro	Expressão seca de pessoa preocupada	Ter	Paradoxo	Idiota
34. Ser de carne	Ser duro	Empenhar-se numa tarefa, projecto, empresa, com grande entusiasmo, com todas as forças; sem poder deixar por fazer ou paragens; Agir com afinia e precipitadamente		Frustração	Idiota
35. Ter dias caros	Ter duro	A primeira impressão; vista; imediatamente; sem disfarçar; sem reflectir; sem hesitar; fácil; simples		Frustração	Idiota
36. Dar de caros com	Encontrar responsabilidade	Dica de pessoa hipocrisa; desleal; volúvel		Frustração	Idiota
37. Dar a cara	Azamiar a responsabilidade	Encontrar subitamente na sua frente uma pessoa ou coisa		Assunto	Idiota
38. Não ir com a cara de	Mão gorda de alguém	Azamiar a responsabilidade de um acto, decisão, erro, etc.		Assunto	Idiota
39. Estar cara a cara	Frente a frente	Sentir desconforto; antipatia por uma pessoa	Falar; Perguntar; Dizer	Antipatia	Idiota
40. Olhos		No própria presença; perante; frontalmente; desazonhadamente		Confronto	Idiota
41. Ter mais olhos do que barreira	Ter olho e não fome; não conseguir comer tudo o que quer			Cebiche	Idiota
42. Cusar os olhos da cara	Ser muito caro	Dica de pessoa queiron, gileso, que se serve de comida em quantidade que não pode ingerir		Dispendioso	Idiota
43. Achar visto para os olhos	Tentar enganar		Mandar; Deixar	Enganar	Idiota

44	Ir para o olho do rio.	Seu despedido; ser posto fora de algum local	Expulso; uma pessoa de casa; Despedir; uma pessoa do emprego	Seu posto no; Mandar	Empolho	http://lsp2013a
45	Abrir os olhos a alguém	Tentar que alguém veja a verdade/situação.	Definir certo, lúcido; ignorância de uma pessoa; Ativar uma pessoa contra perigo; risco; Representar claramente com o olhar	Aberto	Amiso	http://lsp2013a
46	Entrar a olho nu	A vista de todos os lados	Usando apenas os olhos; Sem recorrer a nenhum instrumento ótico	Ver	Enfitecha	http://lsp2013a
47	Comer com os olhos	Cobrir; deixar (comida)	Ficar o olhar em pessoa ou coisa, com expressão de desejo; olhar; olhar	Estar	Coligny	http://lsp2013a
48	Ficar de olhos em bico	Muito admirado/surpreendido			Supresa	http://lsp2013a
49	Mão pregar olho	Mão dormir	Mão conseguir; adormecer		Consciência	http://lsp2013a
50	Ter olho na cara	Ter noção/ver as coisas	Dizer de pessoa observadora, alerta ao que se passa à sua volta, não sendo por isso fácil de ludibriar		Seção	http://lsp2013a
51	Fazer olheiras	Ter olho muito azulado	Dizer para uma pessoa pestaneando para prender a atenção, para acalmar		Papidae	http://lsp2013a
52	Acontecer num abrir e fechar de olhos	Rapidamente	Rapidamente; Rapidamente	Ter	Papidae	http://lsp2013a
53	Seu um quatro olhos	Pessoa que usa óculos	Dizer de pessoa que usa óculos		Papidae	http://lsp2013a
54	Passar os olhos por	Ver algo rapidamente	Examinar rapidamente; superficialmente		Papidae	http://lsp2013a
55	Dar uma vista de olhos	Aprovar alguma coisa; Estar de acordo com	Olhar rapidamente; Examinar superficialmente	Olhar	Concordar	http://lsp2013a
56	Ver com bons olhos	Ter alguém como exemplo a seguir	Tomar uma pessoa como exemplo de procedimento;		Comparação	http://lsp2013a
57	Rir os olhos em	Ver algo com atenção	Considerar uma questão com realismo, cuidado, coragem		Atenção	http://lsp2013a
58	Ver com olhos de var	Seu peripetia em algum assunto	Ter dom natural para alguma; apreciar visualmente		Peripetia	http://lsp2013a
59	Ter olho para					
60	Mariz	Encontrar um espaço físico encerrado; não conseguir o que queríamos				
61	Estar com o nariz na porta	encontrar o que (quem) procura	Tentar em vão, ser recebido por uma pessoa, ou ser admitido num local, casa, etc.	Dar com	Faria	http://lsp2013a
62	Chegar a moitada ao nariz	Ficar incomodado; sem paciência	Dizer de pessoa que se irrita, enfurece, zanga	Saber	Desagosto	http://lsp2013a
63	Ter o nariz	Mão gostar; não estar de acordo	Manifestar descontentamento, desagrado, desaprovção, dúvida		Intrigado	http://lsp2013a
64	Meter o nariz (onde não é chamado)	Intrrometer-se onde não é suposto	Intrrometer-se; imiscuir-se onde não deve			
65	Seu senhor do seu nariz	Mão querer conselhos; saber o que fazer e o que quer	Dizer de pessoa autuado, soberba, opinioso; Dizer de pessoa teimosa, que não transige facilmente	Seu dono do seu	Temoira	http://lsp2013a
66	Estar de bico do nariz de	Algo acontece realmente próximo de	Dizer quando aquilo que se procura está em frente da pessoa	Acontecer	Enfitecha	http://lsp2013a
67	Boca					
68	Andar nas bocas do mundo	Seu muito falado	As opiniões; comentários correntes; malandragem	Estar	Crítico	http://lsp2013a
69	Mandar bocas	Dizer coisas desagregativas indiretamente	Fazer afirmações; comentários; insinuações com caráter provocatório; ofensivo; epulhar boatos; calúnias		Revelação	http://lsp2013a
70	Seu espanado com a boca na bocheia	Seu visto a fazer algo (errado)	Mão agir; no momento preciso de	Falar	Infralção	http://lsp2013a
71	Fugir com a boca para a verdade	Dizer a verdade sem querer	Dizer quando uma pessoa, inadvertidamente, revela uma verdade	Falar	Mão	http://lsp2013a
72	Dizer da boca para fora	Dizer só por dizer, sem pensar	Experimentar grande, ansiedade ou inquietação na expectativa de perigo iminente	Estar; Viver	Máncriche	http://lsp2013a
73	Andar com o circo na boca	Ter muito medo	Usar linguagem grosseira, obscena	Estar; Ter	Desajo	http://lsp2013a
74	Ter a boca ali	Pessoa que diz palavras e coisas negativas	Sentido forte, deciso ou inveno apático	Falar; Ter	Máncriche	http://lsp2013a
75	Ficar com água na boca	Ter desejo de (comer)	Falando abertamente, claramente	Falar	Máncriche	http://lsp2013a
76	Dizer à boca cheia	Demonstrar algo	Causar surpresa, pânico, admiração	Máncriche	Surpresa	http://lsp2013a
77	Ficar de boca aberta	Ficar espantado; surpreendido	Tentar em vão argumentar, convencer, persuadir; uma pessoa	Dixar de	Surpresa	http://lsp2013a
78	Falar de boca aberta	Poder tempo a falar				
79	Discutir salta					
80	Ligado	Dizer tudo o que pensa	Falando francamente, sem reservas	Sim	Honestidade	http://lsp2013a
81	Mão ter papas na língua	Estar quase a dizer a palavra pretendida	Completar um assunto muito bem	Ter	Falar muito	http://lsp2013a
82	Estar no ponto da língua	Falar muito (e mal dos outros)	Dizer de pessoa indiscreta, maliciosa		Falar muito	http://lsp2013a
83	Ter a língua stretched/comprida/colta	Falar muito durante muito tempo	Falar muito; Ser indiscreto; Acusar; Denunciar; Revelar segredos		Falar muito	http://lsp2013a
84	Dar a língua					
85	Dentes	Conter segredos; denunciar algo/bloguém	Revelar segredos; ser indiscreto; Denunciar	Estar	Denunciar	http://lsp2013a
86	Dar com a língua nos dentes	Ter tiro	Tentar de tiro ou de modo		Frio	http://lsp2013a
87	Estar o dente	Mandar muito	Mandar repetidamente; descaradamente		Frio	http://lsp2013a
88	Mandar com todos os dentes (que vem na boca)	Mão ser claro a falar	Reinungar; Falar sem articular claramente as palavras; como sinal de mau humor, de tiria mal contida	Dizer	Incompreensão	http://lsp2013a
89	Falar entre os dentes					

40	Garganta, Pescoço								
41	Ficar com o nó na garganta	Ficar chocado; sem nada para dizer	Mão conseguir falar por estar dominado por uma forte emoção, congoção, surpresa, etc.	Estar com; Sentir	Aflicção	Impulsão			
42	36 ter garganta	Fala muito mas não faz nada	Diz-se de pessoa fanfarrona, gabarola	Ter muito	Falar muito	Impulsão			
43	Estar com a corda no pescoço	Estar a passar um mau momento (vários níveis) sofrer amargura	Atravessar situação desfavorável, especialmente financeiramente	Ficar com	Descapote	Impulsão			
44	Coitão								
45	Ander com a cara de coitão	Ander com muita coitadinha/arregrado		Levar a casa		Impulsão			
46	Falar nas costas	Falar mal de alguém a outros		Dizer	Falidade	Impulsão			
47	Ter as costas quentes	Sentir-se protegido por alguém	Sentir-se protegido	Estar	Proteção	Impulsão			
48	Achiar para trás das costas	Sentir-se protegido por alguém	Ignorar deliberadamente; Resolver não se aproximar; Enganar	Mandar; Langar	Descapote	Impulsão			
49	Virar as costas a	Mão querer saber de algo/alguém; ignorar	Reitor-se do processo de uma pessoa de forma ostensivamente indelicada; Manifestar desprezo	Velar	Ignorância	Impulsão			
50	Ter as costas largas	Agnosia com humildade e responsabilidade	Diz-se de pessoa opaca de assumir grande responsabilidade; de sector culpas que nem sempre lhe cabem		Responsabilidade	Impulsão			
51	Congoço								
52	Fazer das tripas congoço	Estorçar-se muito por algo	Amor-se de toda a coragem para fazer face a uma crise; desatni; hostilidade			Impulsão			
53	Ficar com o congoço nas mãos	Estorçar muito preocupadíssimo	Com total franqueza, sinceridade; Angustiado			Impulsão			
54	Abrir o congoço	Dizer o que se sente	Desabafar; confesar	Estar com	Estorço	Impulsão			
55	Ter o congoço no pé da boca	Dizer o que vai no congoço; ser franco	Diz-se de pessoa que naturalmente se lamenta; opiniões; intencões; atirar-se facilmente		Preocupação	Impulsão			
56	Vir do (fundo do) congoço	Vir de dentro; ser verdadeiro	Com (toda) a sinceridade, verdade, amizade, amor		Honestidade	Impulsão			
57	Ter um congoço de ouro	Ser boa pessoa	Pessoa naturalmente bondosa, generosa, compreensiva		Honestidade	Impulsão			
58	Mão ter congoço	Ficar sem medo	Diz-se de pessoa fã, cruel, dura		Bondade	Impulsão			
59	Caír o congoço nos pés	Ficar sem razão; sem saber o que fazer	Sentir um profundo abalo causado por um golpe inesperado; Ter um grande susto ou surpresa		Maldade	Impulsão			
60	Barriça								
61	Estor com o rei na barriça	Ser convencido	Diz-se de pessoa que se julga importante, assumindo atitudes arrogantes; presunçosa; especialmente para com os subordinados	Ter; Trazer	Arrogância	Impulsão			
62	Ter a barriça a dar horas	Ter fome	Sentir fome	Estor; Sentir	Fome	Impulsão			
63	Ter logo de cintura				Habilidade	Impulsão			
64	Braco e cotovelo								
65	Dar o braco a forcer	Admitir a culpa; ser o primeiro a falar depois da discussão	Confessar fraquezas; ignorância; Reconhecer erro; falta		Cedência	Impulsão			
66	Ser o braco direito de alguém	Ser alguém de muita confiança	Diz-se do principal, íntimo colaborador; agente de uma pessoa	Tomar-se o	Confiança	Impulsão			
67	Falar pelos cotovelos	Falar muito	Diz-se de pessoa muito paladara		Falar muito	Impulsão			
68	Cruar os braços	Mão fazer nada	Ficar inactivo; adoptar uma atitude de passividade		Inactividade	Impulsão			
69	Ter dor de cotovelo	Ter inveja	Cinico; Inveja	Estor com	Inveja	Impulsão			
70	Mão								
71	Falar com sete pedras na mão	Falar de forma agressiva	Explicar-se em tom agressivo; desabrido; descontente			Impulsão			
72	Ter a tua e o queito na mão	Ter todas as condições para tomar decisões	Estor em posição de poder decidir por si só; Dispor de todo o poder; de todas as armas; de todos os elementos para impôr a sua vontade	Recibir; Responder com 735	Agressividade	Impulsão			
73	Estor de mãos dadas	Mão conseguir fazer nada porque está impedido de	Sem possibilidade de sector; inactive	Estor com	Poder	Impulsão			
74	Ser um maior braco	Alguém que gasta muito dinheiro	Diz-se de pessoa generosa, deslavada	Ficar	Generosidade	Impulsão			
75	Dar a mão à palmatória	Reconhecer o erro; dar hipótese de ouvir o outro	Reconhecer ou confessar ter cometido um erro; falta; Reconhecer ser merecedor de castigo		Generosidade	Impulsão			
76	Dar de mão beijada	Oferecer muito facilmente	Oferecer gratuitamente; sem nada exigir em contrapartida ou compensação	Estor	Oferecer	Impulsão			
77	Ficar de mãos a abanar	Doliar sem nada	Mão obter; não receber o que se esperava ou pretendia; Mão ser contemplado	Ter	Desquite	Impulsão			
78	Estor com a mão na mesa	Estor a fazer algo	Estor ocupado a fazer determinada coisa no momento em que lhe é mencionada	Ter	Trabalhar	Impulsão			
79	Estor a mão de zombar	Estor a fazer algo	Diz-se de coisa que está so fácil alcançada de mão	Dizer	Honestidade	Impulsão			
80	Falar com o congoço nas mãos	Ser honesto	Diz-se de coisa nova que ainda não foi usada; Directamente; sem passar por intermediários		Novidade	Impulsão			
81	Usar em primeira mão	Usar o primeiro a usar algo	Falar com toda a sinceridade; franqueza			Impulsão			
82	Dar uma mãozinha	Ajudar alguém	Circular; fazer circular de pessoa para pessoa	Passar; Ir	Ajudar	Impulsão			
83	Dar uma mãozinha	Ajudar alguém	Auxiliar uma pessoa em determinada ocasião ou situação; ajudar em dada tarefa ou trabalho		Ajudar	Impulsão			
84	Estor nas mãos de alguém	Ajudar alguém	Diz-se de quem, por qualquer motivo, está na dependência de uma pessoa		Chiar-se	Impulsão			
85	Estor nas mãos de algo	Ter a mão de algo	Oferecer aquilo que depende do poder; boa vontade; decisão; etc. De uma pessoa; Diz-se de quem, por qualquer motivo, está na dependência de uma pessoa		Ajudar	Impulsão			
86	Levar as mãos de algo	Ter a mão de algo	Exibir responsabilidade; lutar-se a consequência; declarar-se contrário a alguma coisa		Fugir	Impulsão			
87	Mão ter mãos a medir	Mão ter capacidade para tanto trabalho	Estor muito atarefado; Ser muito solicitado; Mão poder perder tempo ou descansar		Trabalhar	Impulsão			

139	Estar em boas mãos	Estar com alguém de confiança							
140	Meter as mãos à obra	Começar a fazer algo	Entrar, confiado a pessoa competente, merecedora de confiança						
141	Dedos e unhas		Inclir, com sênicos, a exceção física de uma tarefa						
142	Ter dois dedos de verta	Ter pouco	Diz-se de pessoas inteligentes, sábias, perspicazes						
143	Dar dois dedos de conversa	Conversa curta, ligada, superficial	Conversa curta, ligada, superficial						
144	Apoiar o dedo	Colpar/fingir alguém	Acusar diretamente						
145	Escolher a dedo	Escolher com muita atenção	Selecionar muito cuidadosamente						
146	Contar pelos dedos	Pouca quantidade	Usar os dedos para contar, diminuir, etc.						
147	Pôr o dedo na ferida	Tocar no ponto fraco	Ajudar a assunto que irrita, molesta, ofende uma pessoa; Referir-se à questão essencial, ao ponto mais delicado						
148	Defender com unhas e dentes	Com tudo o que tem	Defender-se vigorosamente						
149	Ser um unhas de fome	Ser muito pondevolvente	Ser pessoa avarenta, sonha						
150	Ser por uma unha negra	Quase acontecer algo	Por diferenças ínfimas; Quase; Praticar						
151	Perna; Joelho; Calcabalar								
152	Meter o rabo entre as pernas	Atrapalhar-se; Amediar-se; Fugir	Acober-se; Cobrir-se por medo						
153	Faer com uma perna à cobrir	Ínfimo; Indefinido	Com extrema facilidade						
154	Passar a perna à alguém	Enganar para passar à frente de alguém para ter vantagens	Entender a perna no caminho de uma pessoa para ela tropeçar e cair (figurativo); Enganar, lograr uma pessoa; Levar vantagem a uma pessoa						
155	Ter alguma a perna	Ter alguma vantagem (perseguição)	Em perseguição, apouquenteado, marcado por uma pessoa						
156	Estar de pernas para o ar	Do avesso/ao contrário	Em posição inversa da normal; Em contrário						
157	Faer em cima do joelho	Faer as coisas à pressa	Diz-se do que é feito apressadamente, sem grandes cuidados						
158	Ser o calcabalar de Aquiles	Ser o ponto fraco/fraqueza	Aspecto da vida ou da personalidade de uma pessoa que a torna vulnerável						
159	Mão chegar aos calcabalar de Pés	Mão ser tão bom como o outro	Ser incomparavelmente inferior a outra pessoa em dado aspecto						
160	Jurar a pé; jurar	Jurar de verdade; realizar a jura							
161	Acordar com os pés de fora	Acordar de mau humor	Diz-se de pessoas que logo no começo do dia se mostra irritado, mal humorado						
162	Entrar com o pé direito	(querer) ter sorte	Inclir alguma coisa simplesmente, de maneira prometedora; Ter um bom começo						
163	Estar no pé de	Ficar muito/por de	Junto a/de; Perto de						
164	Estar de pé atrás	Mão fazer sentido	Pressentir, desconfiar que alguma coisa inesperada está para acontecer						
165	Meter os pés pelas mãos	Meter o pé na boca	Diz-se de coisa disparatada, ilógica, incoerente/irracional						
166	Bater o pé	Fugir a todo pé	Comunidade; Atrapalhar-se; Perturbar-se; Contradizer-se; Manir						
167	Fugir a todo pé	Fugir muito rápido	Inesperadamente; Inopinadamente; Repentinamente						
168	Fugir a todo pé	Fugir a todo pé	Recorrer, resistir, lutar, insistir; Não transigir						
169	Fugir a todo pé	Fugir muito rápido	Fugir a grande velocidade; precipitadamente						
170	Fugir a todo pé	Fugir muito rápido	Acontecer por muito pouco tempo						
171	Ir nam pé e vir no outro	Ir rapidamente a algum ritmo							

Anexo 10 – Exemplo de um exame de PLE (CAPLE)

MODELO 1

COMPREENSÃO DA LEITURA

PARTE 1

Vai ler seis textos sobre experiências negativas com viagens.
Faça a correspondência entre os títulos 1-10 e os parágrafos A-F. O mesmo parágrafo pode ser relacionado com mais do que um título.
Escreva as respostas na folha de respostas.

TÍTULOS

1 **É PRECISO TER CUIDADO COM ALGUMA PUBLICIDADE!**

2 **As reclamações não foram atendidas.**

3 **TEMPO DESPERDIÇADO.**

4 **O SONHO DEU LUGAR A UM PESADELO.**

5 **NÃO PODE HAVER INFORMAÇÃO VAGA.**

6 **ATÉ O AEROPORTO TRANSGREDIU AS REGRAS.**

7 **Movimentação não desejada.**

8 **MAIS VALE PREVENIR DO QUE TER DE REMEDIAR.**

9 **O BARATO SAIU CARO.**

10 **AS RECOMENDAÇÕES DE QUEM JÁ FOI ENGANADO.**

62

PARTE 2

TEXTO 1

Leia o texto e escolha uma das opções A, B, C ou D para as questões 16-20.
Escreva as respostas na folha de respostas.

Nunca pensei em ser arquiteto. As ciências eram a minha área de eleição. Pensava seguir Medicina ou Veterinária. Quando acabei o 11.º ano, tive uma bolsa para fazer o último ano do ensino secundário nos Estados Unidos. Foi uma experiência excelente que me marcou muito e foi quando tudo começou a mudar na minha cabeça. A experiência, a escola, os amigos e os arranha-céus de Nova Iorque. Voltei a Portugal decidido: candidatei-me a Arquitetura em várias faculdades. Nem tentei a de Medicina!

Acabei o curso e procurei um estágio lá fora. Foi o meu primeiro passo mal acabei o curso. Tinha uns amigos a viver em Londres e fui visitá-los. Para otimizar o tempo em Londres, comecei à procura de ateliês de arquitetura na Internet, onde encontrei listagens de A a Z. Pensei que seria mais fácil tentar os mais pequenos. Mas quando cheguei à letra F e vi o *Foster+Partners*, o ateliê do Norman Foster, não consegui resistir à tentação, apesar de achar que não passaria de uma brincadeira. Criei o meu portefólio digital, leve para ser fácil de abrir, e mandei-o.

Comecei a receber respostas logo no dia seguinte. E não demorou muito tempo até ser contactado pelo ateliê, que me mandou um *e-mail* já com a data da entrevista, em Londres. Depois da conversa, perguntaram-me quando podia começar. Quinze dias depois era integrado numa das equipas de trabalho, na que trabalha em Espanha, em Madrid.

Não via a luz do Sol. Trabalhava mais de 16 horas por dia, incluindo fins de semana, numa adrenalina constante. Diariamente mantinha contacto direto com o Pablo Urango, um dos sócios do Foster em Espanha. Ele só aparecia de vez em quando, mas a sua exigência era também diária. Estava sempre acordado até às quatro horas da manhã à espera que lhe enviassemos por fax cada avanço no projeto e a seguir mandava a sua opinião. E quando nos fazia uma pergunta estava à espera de uma resposta na ponta da língua. «Tu trabalhas para mim e supostamente tens de saber o que estou a perguntar», dizia.

Ainda não sei se voltarei a Portugal. Tenho é a noção clara de que vivemos no espaço europeu e que as oportunidades existem se as quisermos conquistar. Tentar não custa e não é assim tão difícil.

Anexo 11 – Inquérito em sala a estudantes de PLE: caso específico de aluno

INQUÉRITO

Mestrado - Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda

O meu nome é Cristiana Santos, e estou a fazer a minha dissertação de Mestrado, que se intitula - *As expressões idiomáticas como elemento cultural no ensino de Português Língua Estrangeira – As expressões idiomáticas do corpo humano.*

Preciso da vossa gentil colaboração e venho convidá-los a participar no meu trabalho, através do preenchimento deste breve inquérito.

Agradeço, desde já, a vossa participação!

Dados gerais:

Idade: 20

Nacionalidade: HONG KONG

Língua Materna: CANTONÊS

Línguas Estrangeiras: 3²

Nível (a frequentar) de Português Língua Estrangeira: Português¹

Tempo de residência em Portugal: 6 MESES

1. Assinale com (x) as Expressões Idiomáticas presentes no conjunto de enunciados:

- | | | |
|---|-------------------------------------|---|
| Ter a pulga atrás da orelha | <input checked="" type="checkbox"/> | ✓ |
| Abril águas mil | <input checked="" type="checkbox"/> | Ⓚ |
| Estar com cara de caso | <input type="checkbox"/> | |
| Acordar com os pés de fora | <input type="checkbox"/> | |
| Amigos, amigos, negócios à parte | <input type="checkbox"/> | |
| Quem conta um conto acrescenta um ponto | <input type="checkbox"/> | |

2. Assinale com (x) as Expressões Idiomáticas que conhece:

- | | |
|---------------------------------------|-------------------------------------|
| Abrir os olhos a alguém | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Acontecer num abrir e fechar de olhos | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Andar com a cabeça na lua | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Atirar areia para os olhos | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Atirar-se de cabeça | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Comer com os olhos | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Dizer o que vem à cabeça | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Estar a olho nu | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Fazer a cabeça a alguém | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ficar de olhos em bico | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ir para o olho da rua | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Meter alguma coisa na cabeça | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Não pregar olho | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Perder a cabeça | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ser cabeça dura | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ser cabeça-de-alho-chocho | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ser um bicho de sete cabeças | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ter a cabeça em água | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ter mais olhos do que barriga | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Ter olho | <input checked="" type="checkbox"/> |

3. Faça corresponder a uma expressão da coluna A um significado da coluna B, como o ilustra o exemplo.

Coluna A

1. Defender com unhas e dentes
2. Entrar por um ouvido e sair por outro
3. Estar cara a cara
4. Estar de pernas para o ar
5. Ficar com os cabelos em pé
6. Fugir com a boca para a verdade
7. Meter o nariz (onde não é chamado)
8. Não ter pés nem cabeça
9. Ter a língua afiada/comprida
10. Ter um coração de ouro

coluna B

- A. Assustar-se
- B. Ser boa pessoa
- C. Com todas as forças
- D. Não fazer sentido
- E. Intrometer-se em coisas que não lhe dizem respeito
- F. Dizer mal de alguém
- G. Estar ao contrário do que é suposto
- H. Não prestar nenhuma atenção
- I. Querer mentir, mas denunciar a verdade
- J. Confrontar alguém

4. Explique o significado das seguintes Expressões Idiomáticas:

Mentir com todos os dentes

Falar pelos cotovelos

NÃO FALAR (X) _____

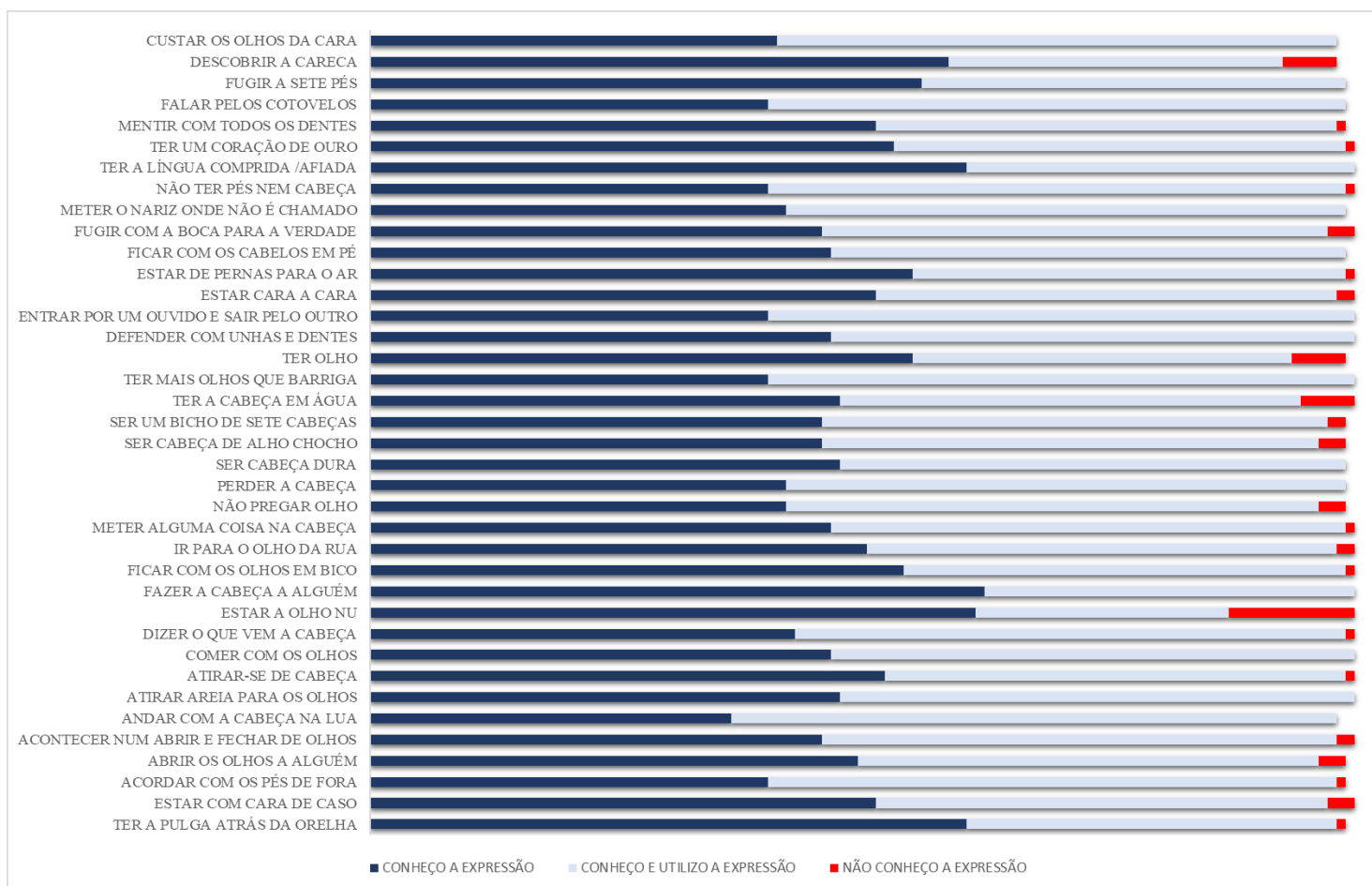
Fugir a sete pés

FUGIR A PÉS (X) _____

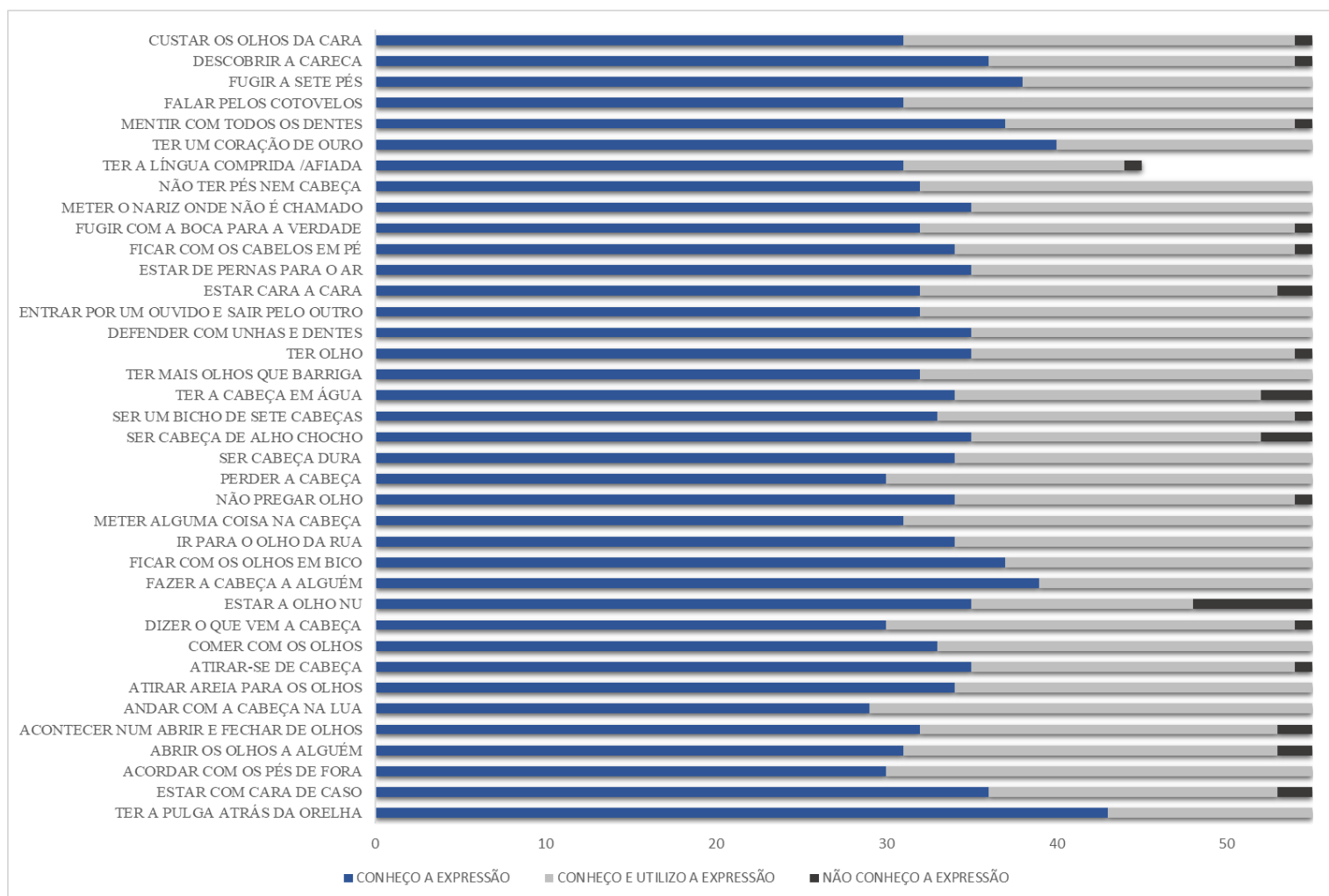
Descobrir a careca

Custar os olhos da cara

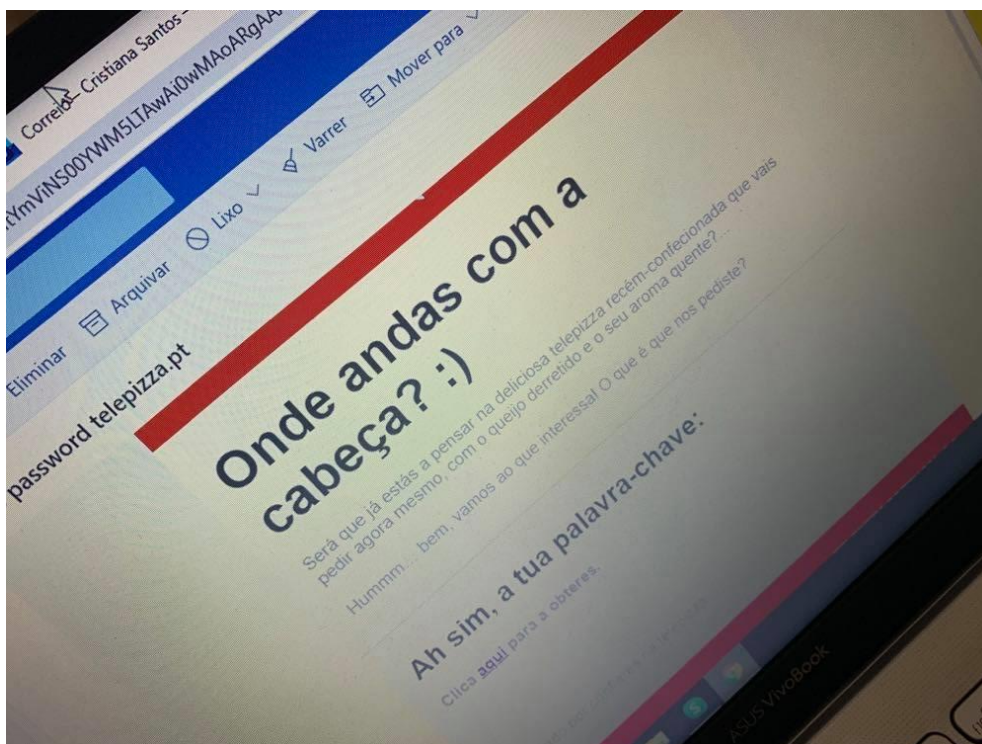
Anexo 12 – Resultado do inquérito aos portugueses (total)



Anexo 13 – Resultado do inquérito aos portugueses com idade de 20 – 30 anos



Anexo 14 – Telepizza: Onde andas com a cabeça



Anexo 15 – Pizza Hut: Barriga a dar horas



Anexo 16 – Sagres: Música para os meus ouvidos



Anexo 17 – Super Bock: Das tripas coração



Anexo 18 – Coca-Cola: Dar a mão



**ESTÁS ABERTO
A DAR A MÃO
A QUEM MAIS PRECISA?**

Anexo 19 – Hospital Lusíadas: estar em boas mãos



Anexo 20 – Hospital Lusíadas: ficar em boas mãos



Anexo 21 – Observador: Com dois dedos de testa



A máscara da irresponsabilidade

Porque não legislar também a prevenção de constipações e resfriados proibindo mini-saias e impondo o uso obrigatório de meias por períodos (renováveis) de setenta dias?

29 out 2020, 00:04 8



Não são necessários grandes estudos científicos para perceber que o uso de uma máscara dá, em certa medida, alguma proteção contra doenças contagiosas transmitidas entre pessoas através de gotículas e aerossóis respiratórios. Que a proteção oferecida por uma máscara depende do tipo de material de que é feita, da espessura de cada camada e do número de camadas protetoras que tem, também parece ser razoavelmente evidente para qualquer homínido com dois dedos de testa.

Anexo 22 – Observador: De pernas para o ar

The screenshot shows the top navigation bar of the Observador website with the logo and a search icon. Below the navigation bar, the article title is prominently displayed in large, bold black text. To the left of the title, there is a category label 'DESPORTO / CRISTIANO RONALDO' and a 'Seguir' button. A small notification box is visible, stating that the user will receive alerts for new articles on Cristiano Ronaldo. Below the title, a short introductory paragraph is present. At the bottom of the article preview, there is a social media share button for 'Observador Texto' and a featured image with overlaid text in Italian: 'SONO TRENTA I GIOCATORI ATTUALMENTE' and 'STASERA SFIDA CON L'OLANDA'.

DESPORTO /
CRISTIANO RONALDO

Seguir

Siga o tópico Cristiano Ronaldo e receba um alerta assim que um novo artigo é publicado.

"O futebol mundial de pernas para o ar" quando "até ele", o "arrogante" tem Covid-19 -- as reações dos jornais europeus à infeção de Ronaldo

Uns falam de Messi, outros de Georgina e há quem refira o CRChoque. Ou ainda "o arrogante Cristiano é humano entre os humanos". Jornais europeus escolheram Ronaldo para as suas primeiras páginas.

Observador
Texto

SONO TRENTA I GIOCATORI ATTUALMENTE
STASERA SFIDA CON L'OLANDA

Anexo 23 – Diário De Notícias: Cara - a - cara

The screenshot displays the top navigation bar of the Diário De Notícias website, including a menu icon, search icon, and a weather widget showing '15'. The article title is in large, bold black text. Below the title, a short introductory paragraph is provided. A date and time stamp '16 Outubro 2020 — 00:26' is visible. At the bottom of the article preview, there is a social media share bar with icons for Facebook, Twitter, and WhatsApp. To the right of the article, there is a green advertisement for 'ageas seguros' with the text 'Na compra dos seguros casa e auto' and a 'SABER MAIS' button. Below the advertisement, the text 'Não Perca' is partially visible.

MENU 15

Diário de Notícias

INÍCIO / MUNDO

Charles Michel criticado por realizar cimeira "cara-a-cara" durante a pandemia

Presidente da Comissão Europeia está em quarentena e vários líderes europeus demonstraram desconforto – ou expressaram mesmo o desagrado -- de terem sido forçados a deslocarem-se a Bruxelas em ambiente de pandemia.

16 Outubro 2020 — 00:26

f t w

PUBLICIDADE

ageas seguros

Na compra dos seguros casa e auto

SABER MAIS

Não Perca

Anexo 24 – Flash: Até choram com dor de cotovelo

FLASH! NACIONAL  

ATUALIDADE FAMOSOS FLASHTV FLASHES MODA E BELEZA LIFESTYLE FESTAS CÚMPLICES Login 

OUSADIA

Joana Amaral Dias gosta de provocar: "Até choram com dor de cotovelo"

A comentadora da CMTV e psicóloga revela mais curvas nos dias de praia no Algarve.

17 de agosto de 2020 às 20:42      

As poses mais provocadoras de Joana Amaral Dias



Anexo 25 – Flash: Língua afiada / Manda bocas

FLASH! NACIONAL  

ATUALIDADE FAMOSOS FLASHTV FLASHES MODA E BELEZA LIFESTYLE FESTAS CÚMPLICES Login 

O teu banco fácil  **REWARDS**
Sabe mais em wizink.pt

BIG BROTHER

Língua afiada e pronto para a vingança! André Filipe manda 'bocas' ao 'BB' enquanto está internado

Depois do descanso e da medicação, o ex-concorrente já começa a revelar a guerra com o programa.

Anexo 26 – Nova Gente: Costas largas

The screenshot shows the Nova Gente website interface. At the top, there is a navigation bar with the 'GENTE' logo on the left, a search bar with 'PESQUISA NOVA GENTE' on the right, and a 'ASSINE JÁ' button. Below the navigation bar are several menu categories: NACIONAL, INTERNACIONAL, REALEZA, MULTIMEDIA, LIFESTYLE, DOCUMENTO, and REVISTAS. A horizontal carousel of news thumbnails is visible below the menus. The main article is by CLÁUDIO RAMOS, titled 'MANDA INDIRETA: «DE MUITO POUCO ME VALERIAM AS MINHAS COSTAS LARGAS!»', dated 'Dom, 04/10/2020 - 12:40'. The article text begins with 'Cláudio Ramos volta a vincar que tem as «costas largas», depois de o já ter dito há uns tempos'. To the right of the article text are social media sharing icons for Facebook, Twitter, and WhatsApp. Below the article is a large image of a man's face, partially obscured by a green vertical bar on the right. This bar contains a financial advertisement for 'Crédito Pessoal' with 'TAN desde 4,99%' and 'TAEG desde 8,2%'. A small '1/11' indicator is visible in the top right corner of the image area.

Anexo 27 – Visão: Dois dedos de conversa

Pedimos a **Capicua**, socióloga, rapper e colunista da VISÃO, para organizar e escolher um painel à volta do planeta. O tema e os convidados seriam totalmente à sua escolha. Capicua pegou no título (e na belíssima letra) de uma das suas canções, *Casa no Campo*, e convidou duas pessoas que admira para dois dedos de conversa. Foram eles **Luis Alves**, fundador do Cantinho das Aromáticas, e **Alfredo Cunhal Sendim**, a alma do projecto do Montado do Freixo do Meio, onde se produzem alimentos segundo os princípios éticos da Agroecologia.

Anexo 28 – TV 7 DIAS: Coração de ouro

The screenshot shows a website for the TV7 channel. At the top, there is a navigation bar with the TV7 logo, a date 'Quarta | 09 Dezembro | 17:39', and social media icons for search, Facebook, and Instagram. Below the navigation bar, there are buttons for 'EPISÓDIO', 'NOVELA', 'RESUMO', 'SIC', and 'TERRA BRAVA'. The main content area features a paragraph of text about the novela 'Terra Brava', mentioning characters Carlos, Sara, Diogo, and Xana. Below the text is a large advertisement for 'FIDELIDADE SEGUROS DESDE 1808' featuring a woman's face and a red background. To the right of the main content, there is a sidebar with an advertisement for 'Kubernetes Monitoring' by Dynatrace, which includes a dashboard image showing 'Cluster utilization' at 8.7% and 'CPU usage (4 cluster nodes)'. The sidebar also has a 'Dynamtrace' logo and a 'Kubernetes Monitoring' title.

Anexo 29 – TVI Big Brother: Falar mal dos outros pelas costas

The graphic is a dark blue promotional banner for the TVI Big Brother show. It features a headline in white text: 'No «Big Brother - A Revolução», o psicólogo acabou por criticar o comportamento da comissária de bordo e acusou-a de ser intriguista.' Below the headline are three circular icons for social media: Facebook, Twitter, and WhatsApp. The main body of text is in white, discussing the behavior of a contestant named Sofia and the reactions of other contestants like Quintino Aires and Fanny Rodrigues. On the right side, there are two blue call-to-action boxes. The top one says 'VOTE' and 'Instale a APP e vote' with icons for Google Play and the App Store. The bottom one says 'Ligue para o número de telefone do concorrente' and provides the cost of the call: 'Custo da chamada: 0,60€ + IVA'. At the bottom right, there are three circular portraits of contestants: a man, a woman, and another woman.

Anexo 30 – TVI novelas: Sete pedras na mão



A VIDA É FEITA DE ESCOLHAS

PRÓXIMAS EMISSÕES

BEM ME QUER

Hoje	22:04	TVI
Qui, 10 dez 2020	21:55	TVI
Sáb, 12 dez 2020	21:45	TVI

VISITE TAMBÉM

f FACEBOOK

EP 3 David corre atrás de Maria Rita

Em «Bem me Quer», Maria Rita (Kelly Bailey) e Honório (Pompeu José) chegam a casa e avistam David (José Condessa). Avó e neta recebem-no com «sete pedras na mão», mas o namorado de Vera (Bárbara Branco) consegue captar a atenção da pastora quando lhe fala no pai.

Sex, 30 out 2020 21:47 TVI

Anexo 31 – Sapo Lifestyle: Mais olhos que barriga



SAPO 25 MAIL JORNALS CARROS CASAS EMPREGO HOTÉIS VOUCHER BLOGS PROMOS FERIADOS • MAIS

LIFESTYLE Moda e Beleza Saúde Família Vida Sabores Fama Astral Casa e Lazer

Especial coronavirus O bom humor em forma de cartoon

com o apoio **MEO** energia **Escuro Auto Claro** em modo Escuro poderá poupar até 30% de energia. [Saiba mais](#)

Ter “mais olhos que barriga” é mau para o planeta. Livros online gratuitos explicam às crianças porquê

J.M.A.
22 Jun 2020 14:28
Ecologia
Alimentação saudável - Sugestões em tempo de coronavírus - Dicas plantas

O pedido para não fazermos dos nossos olhos maus conselheiros das barrigas, chega-nos num dos quatro livros gratuitos online que o Movimento Zero Desperdício disponibiliza a todas as crianças. Os porquês e as respostas para uma vida mais sustentável, explicados a crianças dos seis aos dez anos. Também em formato audiolivro.



Anexo 32 – Dnoticias Madeira: Fica a pulga atrás da orelha



Edição impressa **dnoticias** pt Assinar

Filipe Menezes de Oliveira 31 out 2020 02:00

Fica a pulga atrás da orelha

O assunto cannabis medicinal é polémico e controverso em Portugal e na Madeira.

No caso do Porto Santo, a plantação de cannabis «profeta» é vista com muitas reservas pela população, que no fundo pensa que é uma forma encapotada de legalizar o consumo da droga que circula na ilha.

O certo é que fica a pulga atrás da orelha no seio da comunidade local, porque no atual contexto de crise epidemiológica, económica e social, as pessoas não desejam nem esperam por projetos «milagrosos» de plantação de cannabis. E não acreditam tão pouco nos alegados - e não comprovados - fins medicinais da cannabis que será plantada no campo do Farrobo.

Últimas

CORONAVÍRUS
Espanha tem 9.773 novos casos mas contágios estão a baixar

CASOS DO DIA
Fogo consumiu mato em Câmara de Lobos

CORONAVÍRUS
Canadá aprova utilização da vacina da Pfizer

Art Contemporain en

Homem de 47 anos detido por tráfico e consumo de droga no Funchal Ler Artigo

Anexo 33 – Notícias Ao Minuto: Olhos em bico

The screenshot shows the 'DESPORTO AO MINUTO' website. The header is green with the site name and navigation links: ÚLTIMA HORA, POLÍTICA, ECONOMIA, DESPORTO, FAMA, PAÍS, MUNDO, TECH, CULTURA, LIFESTYLE, MULTIMÉDIA, CLASSIFICADOS. Below the header is a 'PRÓXIMOS JOGOS' section with various football match icons. The main article is titled 'O golo japonês que deixou Donnarumma de 'olhos em bico' em San Siro'. The sub-headline reads: 'Takehiro Tomiyasu disparou um 'petardo' colocadíssimo à baliza do AC Milan.' To the right of the article is a large white rectangular area labeled 'PUB', indicating a placeholder for an advertisement.

Anexo 34 – Tribuna Expresso: Na ponta da língua

The screenshot shows the 'TRIBUNA Expresso' website. The header is dark blue with the site name and navigation links: PESQUISAR, MENU. Below the header is a yellow navigation bar with links: ÚLTIMAS, CLASSIFICAÇÃO & CALENDÁRIO, FCP, SCP, SLB, AZAR DO KRALJ, DIOGO FARO, LÁ EM CASA MANDO EU, CASA ÀS COSTAS, ENTREVISTAS, OPINIÃO. The main article is titled '“E se Cristiano Ronaldo tivesse jogado com Henry, Pires, Wiltord e Bergkamp? Se calhar tínhamos marcado 200 golos numa época!”'. The sub-headline reads: 'Arsène Wenger, treinador do Arsenal entre 1996 e 2018, deu uma entrevista à BBC na qual falou sobre os convites que recusou (Real Madrid duas vezes, por exemplo), as provas de Zlatan, então um jogador de 17 anos na segunda divisão, e sobre momentos "what if". E Cristiano Ronaldo estava na ponta da língua do treinador francês'. To the right of the article is a large orange graphic with the text 'BIG BANCO DE INVESTIMENTO GLOBAL' and '20 ANOS DE SOLUÇÕES'.

Anexo 35 – Motor 24: Torcer o nariz

The screenshot shows the 'MOTOR 24' website. The header is dark blue with the site name and navigation links: ÚLTIMAS, ENSAIOS, TECH, LIFESTYLE, DESPORTO, BLOGUES, +MOTORES, PREÇOS. The main article is titled 'Teste Mercedes-Benz E 300de: Os méritos da eletrificação Diesel'. Below the article title is a small portrait of a man. To the right of the portrait is a text block: 'Alguns poderão 'torcer o nariz' à ideia de uma motorização híbrida Plug-in com base num bloco a gasóleo. Mas isso é porque não conhecem a variante PHEV do renovado Classe E em formato 300de com autonomia elétrica em redor de 50'. To the right of the text block is a large white rectangular area labeled 'PUBLICIDADE' with a 'PHILIPS' logo and a small image of a person's face.

Anexo 36 – Coluna de Temas Excel

Tema	Denunciar	Teimosia	Responsabilidade	Fugir
	Parecença	Evidência	Esforço	Trabalhar
Cansaço	Evidência		Preocupação	Confiança
	Falsidade		Honestidade	Trabalhar
	Encontro	Criticar	Honestidade	Inteligência
Fúria	Assumir		Honestidade	Rapidez
Distração	Antipatia	Revelação	Bondade	Julgar
Honestidade	Confronto	Irreflexão	Maldade	Seleção
Convencer		Medo	Aflição	
Distração	Cobiçar	Malcriadice	Arrogância	Fraqueza
	Dispendioso	Desejo	Fome	Proteção
Arriscar	Enganar	Denunciar	Habilidade	Avarência
Dificuldade	Expulsão	Surpresa		
Influência	Aviso		Cedência	Medo
Pensar	Evidência	Honestidade	Confiança	Facilidade
Convencer	Cobiçar		Falar muito	Enganar
Teimosia	Surpresa		Inatividade	Perseguição
		Falar muito	Inveja	Confusão
Susto	Consciência	Falar muito	Agressividade	Rapidez
Exaustão	Sedução	Falar muito	Poder	Fraqueza
Mentira	Rapidez	Denunciar	Impossibilidade	Comparação
		Frio	Generosidade	
Fingimento	Rapidez	Mentir	Cedência	Jura
Atenção	Concordar	Incompreensão	Oferecer	Mau humor
Influência	Comparação			Sorte
	Atenção	Aflição	Descuido	Proximidade
Ignorância	Perspicácia	Falar muito	Trabalhar	Receio
Repreender		Desespero		Incoerência
			Honestidade	Atrapalhar
Desconfiança		Falsidade	Novidade	Rapidez
	Fúria	Proteção		Teimosia
Confronto	Desagrado	Desapego	Ajudar	Fugir
Confronto	Intromissão	Ignorância	Chantagem	Rapidez